

ANA CAROLINA AMARAL MARTINS

MORAR NA FAVELA

**ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORADIA NAS FAVELAS NOVA
ESPERANÇA E VILA PEREIRA DA SILVA**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Arquitetura, Faculdade
de Arquitetura e Urbanismo, da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Mestre em Ciências em Arquitetura.

Orientador:

Prof. Orientador: Mauro César de
Oliveira Santos, Dr.

Rio de Janeiro
Fevereiro/ 2007

MARTINS, Ana Carolina Amaral.

Morar na Favela: estudo das representações sociais da moradia nas favelas Nova Esperança e Vila Pereira da Silva / Ana Carolina Amaral Martins. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2007.

xi, 134 f.: il; 29,7 cm.

Orientador: Mauro César de Oliveira Santos, Dr.

Dissertação (mestrado) – UFRJ/PROARQ/Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2007.

Referências Bibliográficas: f. 131-134

1. Arquitetura. 2. Habitação. 3. Favelas. 4. Representações Sociais (Mestrado – UFRJ/FAU/PROARQ).

I. Santos, Mauro César de Oliveira. II. UFRJ/FAU/PROARQ. IV. Título.

ANA CAROLINA AMARAL MARTINS

MORAR NA FAVELA

**ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORADIA NAS FAVELAS NOVA
ESPERANÇA E VILA PEREIRA DA SILVA**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

Aprovada por:

Prof. Mauro César de Oliveira Santos, Dr. (Orientador)
PROARQ – FAU – UFRJ

Prof. Luiz Fernando Tura.
NESC – UFRJ

Prof^a. Maria Laís Pereira da Silva.
PGEU - UFF

À minha avó Juracy Amaral Martins (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À minha família:

Ao meu pai Paulo Celso pelo incentivo e apoio de sempre, à minha irmã Julia
Amaral,
Ana Maria, Juliana e Maurício,

À minha tia e madrinha Lúcia;

Ao professor orientador deste trabalho:

Mauro César de Oliveira Santos;

Aos professores membros da banca:

Luiz Fernando Tura e Maria Laís Pereira da Silva;

Às pessoas que colaboraram com a pesquisa:

Prof. Luiz Fernando Tura
Prof^a. Ivani Burstyn

Ao centro social Cristiano Girão,

À Associação de moradores de Vila Pereira da Silva e seu presidente Pedro Paulo,
Aos integrantes dos grupos de pesquisas Espaço Saúde e LabHab,

À querida amiga Jeane Milene pelo incentivo;

Aos amigos:

Luciana Mota Beck, Irma Miriam Chugar, Gustavo Cardoso Guimarães, Bianca Justo, Helga
Santos, Luciene Lara, Diogo Caprio, Thais Cardoso, Tatiane Rangel, Renata Couto, Maria
da Guia, Dionísio

Ao PROARQ/FAU/UFRJ,

À CAPES,

À FAPERJ

RESUMO

MORAR NA FAVELA:

ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORADIA NAS FAVELAS NOVA ESPERANÇA E VILA PEREIRA DA SILVA

Ana Carolina Amaral Martins

Orientador:

Prof. Orientador: Mauro César de Oliveira Santos, Dr.

As favelas compõem o cenário fluminense e se caracterizaram, em geral, por abrigarem uma população de baixa renda. Durante mais de um século, percebemos que a favela teve várias representações: já foi o “lugar da pobreza”, “dos trabalhadores”, “do vício e da promiscuidade”, “berço do samba e da cultura popular”, até chegar aos dias de hoje como “lugar da violência”. Essa representação da favela é tanto daqueles que vivem longe, como daqueles que vivem nela.

A proposta deste estudo é identificar a representação da **moradia** pelo morador de favela, pois, ao observarmos conjuntos habitacionais, percebemos uma contradição entre as propostas e o que esses moradores aspiram, refletida nas alterações das edificações, que buscam sempre a concretização dessa representação. O estudo pretende também analisar como o morador se apropria do espaço de que dispõe; analisar como ele é capaz de concretizar o ideal de moradia, com os recursos escassos de que dispõe e com as limitações impostas pela configuração espacial da favela.

Para a realização dessa pesquisa foi desenvolvido um estudo dirigido a análise comportamental, em que foram realizados questionários com os moradores da Favela Vila Nova Esperança em Jacarepaguá e Vila pereira da Silva em Laranjeiras, localizadas na cidade do Rio de Janeiro. Foram selecionadas 150 e 100 moradias aleatórias respectivamente. O questionário era composto de associação de palavras de livre evocação com a palavra indutora MORADIA, perguntas abertas (“morar com conforto”, “morar com segurança” e “morar com tranqüilidade”), um questionário socioeconômico e uma seleção de imagens de livre escolha, a fim de se conhecer o sentido de “morar bem”.

Constatamos que as representações sociais da “moradia” nas duas favelas estudadas, são um pouco diferentes. Em Vila Nova Esperança, temos uma favela recente que busca ainda **infra-estrutura** urbana, a **casa-própria** e a **tranqüilidade**. Já em Pereira da Silva, uma favela com 60 anos de existência, ter **conforto**, ter o mínimo necessário e eletrodomésticos são prioridades. **“Morar bem”** nos dois casos é numa casa, com telhado

de duas águas, isolada num terreno gramado, com bastante área verde e em contato com a natureza. Se possível, uma casa bonita, num lugar seguro, tranquilo e sem violência.

A maioria dos projetos em conjuntos habitacionais não está de acordo com a representação do “morar bem”, o que muitas vezes proporciona uma não aceitação, num caso de remoção ou relocação. Essa não aceitação pode ocasionar um retorno para o local de origem ou para uma outra favela, prejudicando os programas habitacionais, acabando por manter em ritmo acelerado o crescimento dessas áreas.

Palavras-chaves: Arquitetura; Habitação de Interesse Social; Representações sociais; Favelas.

ABSTRACT

LIVING IN THE SLUM:

STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF HOUSING IN NOVA ESPERANÇA AND
VILA PEREIRA DA SILVA

Ana Carolina Amaral Martins

Orientador:

Prof. Orientador: Mauro César de Oliveira Santos, Dr.

The slum quarters compose the Rio de Janeiro scene and if they had characterized, in general, for sheltering a low income population. During more than a century, we perceive that the slum quarter had some representations: it was already the “place of the poverty”, “of the workers”, “the vice and the promiscuity”, “cradle of the samba and the popular culture”, until arriving at the present as “place of the violence”. This representation of the slum quarter is also of those who live far than those who live in it.

The proposal of this study is identify the representation of the housing for the slum quarter inhabitant, therefore, when observing habitacionais sets, we perceive a contradiction between the proposals and what these inhabitants want, reflected in the constructions changes, that always search to make real representation. The study it also intends to analyze how the inhabitant appropriates the space of that it makes use; to analyze as it is capable to materialize the housing ideal, with the scarce resources of that it makes use and with the limitations imposed for the space configuration of the slum quarter.

To realize this research, it was developed a directed study for the mannering analysis, where it was realized questionnaires with the inhabitants of the Slum quarter “Vila Nova Esperança” in Jacarepaguá and “Vila Pereira da Silva” in Laranjeiras, located in the city of Rio de Janeiro. 150 and 100 housings had been selected random respectively. The questionnaire was composed of association of words of free mandate with the inductive word HOUSING, open questions (“to live with comfort”, “to live with security” and “to live with tranquillity”), a social and economic questionnaire and an election of images of free choice, in order to know the direction “to live well”.

We evidence that the social representations of the “housing” in the two studied slum quarters, are a little different. In Vila Nova Esperança, we have a recent slum quarter that still searches infrastructure urban, the own house one and the tranquillity. In Vila Pereira da Silva, a slum quarter with 60 years of existence, to have comfort, to have the necessary minimum and household-electric is priorities. In two cases, “to live well” is in a house, with a great roof,

isolated in a beautiful landscape, with sufficient green area and in contact with the nature. If possible, one pretty house, in a safe and calm place and without violence.

The majority of the projects in habitacionais sets is not in accordance with the representation of "living", what many times provide not an acceptance, in a case of removal. This "not acceptance" can cause a return for the original place or to another slum quarter, harming the habitacionais programs, finishing for keeping in sped up rhythm the growth of these areas.

Key-words: Architecture; Housing with Social interest; Social Representation; Slums.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Divisão do Núcleo Central e Sistema Periférico.....	55
Quadro 02: Quadro Resumo da Análise Vila Nova Esperança.....	96
Quadro 03: Quadro Resumo da Análise Vila Pereira da Silva.....	135
Quadro 04: comparativo das duas favelas.....	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: mostrando a divisão entre as localidades de onde são oriundos os moradores de Vila Esperança.....	68
Gráfico 02: Gráfico ilustrativo da Estrutura da RS da Moradia (“saneamento” incluindo “asfalto”).....	70
Gráfico 03: Gráfico ilustrativo da Estrutura da RS da Moradia (“saneamento” e “asfalto” separados).....	71
Gráfico 04: demonstrativo da divisão das imagens em “morar bem” e “não morar bem”.....	72
Gráfico 05: demonstrativo da divisão da escolha das 03 imagens mais representam “morar bem” e das 03 menos representam.....	73
Gráfico 06: Morar com conforto.....	82
Gráfico 07: Morar com segurança.....	82
Gráfico 08: Morar com tranquilidade.....	83
Gráfico 09: gráfico ilustrativo da variação da Idade do Chefe das famílias entrevistadas.....	101
Gráfico 10: Gráfico ilustrativo da Estrutura da Representação Social da Moradia em Vila Pereira da Silva.....	103
Gráfico 11: gráfico ilustrativo das escolhas das imagens em “morar bem” e “não morar bem”.....	104
Gráfico 12: gráfico ilustrativo das escolhas das imagens em as três que mais representam morar bem e as três que menos representam.....	104
Gráfico 13: “morar com conforto” para os moradores de Vila Pereira da Silva.....	113
Gráfico 14: “morar com segurança” para os moradores de Vila Pereira da Silva.....	114
Gráfico 15: “morar com tranquilidade” para os moradores de Vila Pereira da Silva.....	114

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Morro da favela: casas e semelhança com construções rurais. S/d. Museu da Imagem e do som. Fonte: ZYLBERBERG, 1992:56.....	24
Figura 02: Na favela do Morro da Providência em 1905 havia casas de porta e janelas enfileiradas e barracos isolados. ZYLBERBERG, 1992.....	24
Figura 03: Favela do Morro do Pinto, fotografada por Augusto Malta em 1912. Fonte: ZYLBERBERG, 1992.....	25
Figura 04: Dois instantâneos da visita de Alfred Agache ao morro da Favela, 1927. ZYLBERBERG, 1992.....	25
Figura 05: Uma amostra dos vários estilos e materiais com que se construíam os barracos em épocas diferentes. S/d. Agência JB. Fonte: ZYLBERBERG, 1992:76.....	30
Figura 06: Edifício de apartamentos na Rocinha. Fonte: LEITÃO, 2004:155.....	42
Figura 07: reportagem retirada do Jornal “O Globo” de 18/10/2005: moradores de favelas protestam contra remoção de favelas, mostrando que a questão da remoção ainda é alvo de discussão e temor.....	43
Figura 08: reportagem retirada do jornal “O Globo” de 16/10/2005.....	44
Figura 09: reportagem retirada do jornal “O Globo” de 9/10/2005.....	45
Figura 10: mapa de distribuição do Favela-Bairro. Fonte: Secretaria Municipal do Habitat.....	45
Figura 11: Mapa da distribuição das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Armazém de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro.....	46
Figura 12: reportagem retirada do jornal “O Globo” de 17/10/2005.....	47
Figura 13: reportagem retirada do jornal “O Globo” de 9/10/2005.....	48
Figura 14: Estrutura da Representação social.....	56
Figura 15: mapa da cidade do Rio de Janeiro com a localização das duas favelas a serem estudadas.....	63
Figura 16: Foto aérea da favela Vila Nova Esperança. Fonte: Ortofoto digital da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.....	64
Figura 17: Foto da praça localizada no acesso à favela.....	66
Figura 18: Interior da casa do Sr. Marcelo, morador da Vila Nova Esperança.....	66
Figura 19: Sra. Maria e sua filha à porta de casa.....	66
Figura 20: imagem 13. Fonte: Internet.....	74
Figura 21: imagem 07. Fonte: Internet.....	75
Figura 22: Imagem 9. Fonte: Internet.....	75

Figura 23: imagem 03 tirada na própria favela.....	76
Figura 24: imagem 12. Fonte: Arquivo Labhab.....	77
Figura 25: imagem 11. Fonte: Internet.....	78
Figura 26: imagem 16. Fonte: Arquivo Labhab.....	78
Figura 27: imagem 02. Fonte: Revista Projeto Design Edição nº 278 de Abril de 2003.....	79
Figura 28: imagem 05. Fonte: Imagem modificada pela autora.....	81
Figura 29: imagem 06. Fonte: Labhab.....	81
Figura 30: Planta Baixa da casa da sra Teresinha.....	84
Figura 31: Planta Baixa da casa da Sr ^a . Laisir, com apenas 9m ²	85
Figura 32: Planta Baixa da casa do Sr. Edemir, com menos de 8m ²	86
Figura 33: Planta baixa da casa de Marlúcia. Área: 13,16 m ²	87
Figura 34: Planta baixa da casa do Sr. Josimar. Área: 19,67 m ²	88
Figura 35: Planta baixa da casa da Sr. Rodrigo. Área: 32,69 m ²	89
Figura 36: Planta baixa da casa do Sr. Edenilson. Área: 30,16 m ²	90
Figura 37: Planta baixa da casa da Sra. Janaina. Área: 14,75 m ²	91
Figura 38: Planta baixa da casa da Sra. Judith. Área: 48,82 m ²	92
Figura 39: Planta baixa da casa da Sra. Aurélia. Área: 61,24 m ²	93
Figura 40: Vista aérea de satélite da favela Vila Pereira da Silva. Fonte: Programa Google Earth.....	97
Figura 41: Vista da favela Vila Pereira da Silva.....	98
Figura 42: Vista da favela Vila Pereira da Silva.....	99
Figura 43: Maquete feita com tijolos por crianças na Favela Vila Pereira da Silva.....	99
Figura 44: Vista do Pão de Açúcar na favela Vila Pereira da Silva.....	100
Figura 45: Imagem nº. 15.....	109
Figura 46: Imagem nº. 03 para a Favela Vila Pereira da Silva.....	110
Figura 47: Casa de pau-a-pique na favela Vila Pereira da Silva.....	115
Figura 48: Planta baixa da casa com 7,75 m ²	116
Figura 49: Planta baixa da casa de 11.10m ²	117
Figura 50: Planta baixa da casa com 11.39 m ²	118
Figura 51: Planta baixa da casa com 13,26m ²	118
Figura 52: Planta baixa da casa com 14,16m ²	119

Figura 53: Planta baixa da casa com 16,23 m ²	120
Figura 54: Planta baixa da casa com 17 m ²	121
Figura 55: Planta baixa da casa com 18,12m ²	122
Figura 56: Planta baixa da casa com 18,83m ²	123
Figura 57: Planta baixa da casa com 22,35m ²	124
Figura 58: planta baixa da casa de área= 22.89m ²	124
Figura 59: Planta baixa da casa com 23,36m ²	125
Figura 60: Planta baixa da casa de 27.50m ²	126
Figura 61: Planta baixa da casa com 30,24m ²	127
Figura 62: Planta baixa da casa com 31,21m ²	128
Figura 63: Planta baixa da casa com 35,63m ²	129
Figura 64: Planta baixa da casa com 47,40m ²	130

SUMÁRIO

Introdução	17
Capítulo I – As favelas cariocas: representações e políticas	20
1.1. A revolução industrial e a questão da habitação.....	20
1.2 – A República e o surgimento das primeiras habitações em favelas ignoradas pelo poder público.....	21
1.3. A intervenção do Estado na habitação e reconhecimento da favela como uma “aberração”.....	26
1.4. A pedagogia civilizatória: a favela como um “problema moral”	29
1.5. A favela como um “problema político”	30
1.6. Os “favelados” e o remocionismo	34
1.7. A favela como o lugar do vício e da promiscuidade	36
1.8. A consolidação de uma forma de morar: A favela como o lugar da violência.....	38
Capítulo II – Pressupostos teórico-metodológicos	52
2.1 – A Representação Social	52
2.1.1. abordagem estrutural.....	54
2.2 – Análise de conteúdo	56
2.3. – Objetivos da Pesquisa	57
2.4 – Procedimentos utilizados	57
Capítulo III – Estudos de Caso	62
3.1. Vila Nova Esperança	63
3.1.1. Relação com o bairro.....	64
3.1.2 – A pesquisa em campo	65
3.1.3. Apresentação dos resultados.....	66
a. A estrutura da Representação Social da moradia	69
b. A Representação social do “Morar bem”	72
c. O “conforto”, a “segurança” e a “tranquilidade”	81
d. As representações na concretização da moradia.....	84
3.1.4. Análise dos resultados.....	94
3.2. Vila Pereira da Silva – “Pereirão”	97
3.2.1. Relação com o bairro.....	99
3.2.2. A pesquisa em campo	100
3.2.3. Apresentação dos resultados.....	101
a. A estrutura da Representação Social da Moradia	103
b. Representação social do “morar bem”	104
c. “Conforto”, “segurança” e “tranquilidade”	113
d. As representações na concretização da moradia.....	115
3.2.4. Análise dos resultados.....	131
3.3. Análise comparativa	134
Capítulo IV: Considerações finais e recomendações projetuais:	138
Referências Bibliográficas.....	142
Anexos.....	146



Introdução

Introdução

A questão da habitação e das favelas foi tratada de formas diversas no decorrer do século XX. Até o final do século XIX cabia aos patrões a provisão de habitação, fossem essas as senzalas, quando ainda havia o regime escravocrata, ou, posteriormente, a Vila Operária. Nesse período, alguns fatores, como o surgimento das indústrias e a abolição da escravidão proporcionaram um crescimento demográfico. Entretanto, esse crescimento não será acompanhado pelo crescimento do número de moradias. Dada à necessidade de moradias baratas para esse contingente de trabalhadores surgem os primeiros tipos de habitações coletivas: os cortiços, estalagens e casas de cômodos. Começam a aparecer também no cenário carioca as primeiras habitações em favelas, cuja data de aparecimento ainda gera divergências.

As práticas da produção do espaço na favela foram se alterando ao longo do tempo, assim como também se modificaram os produtos gerados por essas práticas. No decorrer desse tempo, a favela já foi vista como “aberração” como um “problema moral”, como um “problema político”, como “lugar do vício e da promiscuidade” e hoje como o lugar da “violência” e do “tráfico de drogas”.

A partir do Governo Vargas, o Estado assume a responsabilidade na provisão de habitação, com a criação de órgãos para esse fim. Especificamente em relação às favelas, a postura governamental variou durante mais de um século, oscilando entre a idéia de extinção e melhorias realizadas. Hoje, muitas favelas encontram-se consolidadas, tornando-se quase impossível sua remoção. Atualmente, segundo dados do IBGE, a cidade do Rio de Janeiro conta com 752 favelas onde moram aproximadamente 1.092.283 pessoas, número este bastante expressivo.

Esse trabalho tem por objetivo entender o que é “moradia” para os habitantes de favelas do Rio de Janeiro para compreender o seu universo e sermos capazes de desenvolver projetos direcionados aos anseios e vontades destes, pois, ao estudar ou até mesmo observar conjuntos habitacionais, percebe-se contradição entre os projetos e o que esses moradores aspiram. Esta contradição se reflete na alteração das edificações, que acaba por confirmar a importância de observação das necessidades expressas pelo usuário. Há a necessidade de um maior entendimento do usuário e da representação que este faz do espaço de morar. Muitas das modificações caminham no sentido da realização de uma representação dessa moradia, de uma concretização do seu ideal.

Com o objetivo de melhor entender o morador das favelas, optou-se em trabalhar com a Teoria das Representações sociais.¹

Pretende-se com essa pesquisa obter subsídios para a elaboração de novas propostas habitacionais no momento em que formos capazes de entender esse morador. Uma vez entendidos o morador e o espaço por ele idealizado, seremos capazes de desenvolver projetos com maior ênfase nos seus anseios e desejos. A partir do estudo do conceito de moradia, será possível estabelecer o que seja o ambiente de morar para o usuário, contrastando com a sua realidade.

Foram escolhidos como estudo de caso a Favela Vila Pereira da Silva, o “Pereirão”, em Laranjeiras e a Favela Vila Nova Esperança, em Jacarepaguá, como objeto de estudo para a realização desse trabalho. A pesquisa foi realizada com o apoio dos pesquisadores do Laboratório de Habitação – UFRJ entre dezembro de 2005 e julho de 2006, onde foram entrevistados moradores em ambas as favelas a fim de se conhecer as representações sociais da moradia e, posteriormente, estabelecer um paralelo entre as duas.

O trabalho foi dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo abordamos a questão da habitação e das favelas no Rio de Janeiro, fazendo uma retrospectiva histórica desde o final do século XIX até os dias de hoje, a participação do Estado no financiamento de habitações e a sua postura em relação às favelas; no segundo capítulo foram expostos os pressupostos teórico-metodológicos usados para esse estudo, abordando o estudo da Teoria das Representações sociais; no terceiro capítulo tratamos dos estudos de casos, onde serão apresentadas as duas favelas, demonstrados os resultados da pesquisa e suas respectivas análises; o quarto e último capítulo destinar-se-á às conclusões e recomendações projetuais.

¹ A Teoria das Representações Sociais legitima o saber do senso comum e propicia a compreensão de comportamentos a partir dos sistemas de crenças e sentidos socialmente construídos.



Capítulo I – A questão da Habitação no Brasil

Capítulo I – As favelas cariocas: representações e políticas

“Ao longo deste século, a favela foi apresentada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral”. (ZALUAR; ALVITO, 1998:14).

1.1. A revolução industrial e a questão da habitação

A revolução industrial na segunda metade do século XVIII traz consigo o problema de prover habitação para os operários das fábricas inglesas, agravado pela rápida migração do campo para as cidades que acarreta problemas de moradias. Posteriormente, outros países europeus passam por seus processos de industrialização, no entanto, apenas no século XX, esses processos irão abarcar a arquitetura. Os meios de vida se modificam, há a inserção da mulher no mercado de trabalho e a consequente redução dos espaços.

Com a revolução industrial, primeiramente na Inglaterra, observou-se que com o aumento acentuado na população residente, que abandonava o trabalho rural e buscava emprego nas cidades. As condições de trabalho caracterizavam-se pela precariedade, com longas jornadas de trabalho e remuneração insuficiente. Londres, em 1801, tinha 864.845 habitantes, já em 1841, apresentava 1.873.676 e, em 1891, um total de 4.232.118 habitantes. O número de cidades inglesas com mais de 100.000 habitantes, passa de 2 para 30, entre 1800 e 1895 e já a Inglaterra passa a possuir mais de 50% da população nas cidades. (CHOAY, 2000:3). Como reflexo, as moradias também eram precárias e distantes do local de trabalho. A estrutura antiga das cidades é questionada. As ruas estreitas, os casarios superlotados, o saneamento insuficiente são características que fazem da cidade um organismo doente e impulsionando as campanhas pela higienização.

No momento em que a cidade do século XIX começa a tomar forma própria, ela provoca um movimento novo de observação e reflexão. (CHOAY, 2000:5). Alguns críticos são inspirados por sentimentos humanitários e denunciam, com o apoio de fatos e números, o estado de deterioração física e moral em que vive o proletariado urbano, contribuíram para a criação da legislação inglesa do trabalho e da habitação.

1.2 – A República e o surgimento das primeiras habitações em favelas ignoradas pelo poder público.

Aproveitando antigas tradições urbanísticas de Portugal, durante o período colonial, nossas vilas e cidades apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites dos terrenos. A uniformidade dos terrenos correspondia à uniformidade das casas tanto no aspecto externo como interno.

No começo do século XIX, um novo tipo de residência, a casa de porão alto, ainda de frente para a rua representava uma transição entre os velhos sobrados e as casas térreas. Longe do comércio, nos bairros de caráter residencial, a nova fórmula de implantação permitiria aproximar as residências da rua, sem os efeitos das térreas, graças aos porões mais ou menos elevados.

Após a chegada da família Real, vemos consolidar-se o palacete neoclássico sob a forma de românticas “chácaras” ou “chalés”. O costume europeu de receber é inserido na cultura de nosso país, ainda que contra a vontade dos velhos senhores de engenho. A presença da mulher começa a ser notada sutilmente na elegância das roupas e dos gestos delicados.

No final do século XIX algumas transformações aconteceram no cenário socioeconômico e político da cidade do Rio de Janeiro. São essas transformações que vão propiciar uma modificação na configuração urbana da cidade. Dentre elas, podemos destacar a decadência do café e a passagem de uma economia mercantil exportadora para a capitalista-industrial que fazem com que a população urbana aumente vertiginosamente. No entanto, “(...) o vertiginoso aumento da população não foi acompanhado por um aumento correspondente do número de moradias, pois a construção nos moldes tradicionais era extremamente lenta”.(Vaz, 2000:25). A assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 e, portanto, a substituição do trabalho escravo pelo assalariado aumentaram a carência por habitações. Com o desenvolvimento dos setores secundários e terciários da economia urbana houve a definição de novas categorias sociais. A Proclamação da República e as transformações referentes à organização política do Estado brasileiro também foram um fator importante para a configuração desse quadro.

A modernização da cidade se traduziu no acelerado crescimento urbano, no surgimento de manufaturas e fábricas e dos serviços públicos – sistemas de iluminação a gás, transporte coletivo de trens, esgotos, bondes, abastecimento de água, telefonia, energia elétrica, etc.

Uma das transformações mais significativas na transição envolveu a relação moradia/trabalho. No Rio de Janeiro do início do século XIX, a provisão de moradia para os trabalhadores por parte dos patrões ainda era uma prática comum. Grande parte dos trabalhadores morava em seus locais de trabalho. Com a modernização, rompeu-se a unidade tradicional moradia/trabalho e o afastamento dos locais de moradia dos de trabalho se tornou crescente. No modo de produção capitalista, a solução clássica adotada pelos patrões para garantir essa proximidade foi a **vila operária**. Antes da difusão desse modelo entre nós, os empregadores ofereciam outras modalidades de alojamento aos trabalhadores. As senzalas, os dormitórios e as vilas operárias foram alguns dos objetos arquitetônicos que materializaram a relação moradia/trabalho no espaço.

Em paralelo a isso, junto à necessidade de moradias baratas para o crescente contingente de trabalhadores, surgem os primeiros tipos de habitações coletivas: os cortiços, estalagens e casas de cômodos.

Segundo Vaz (2000), as **estalagens** eram grupos de casas térreas, enfileiradas de um ou dos dois lados dos quintais, formando um pátio ou corredor de acesso, dotadas de instalações sanitárias coletivas. A exigüidade dos espaços nessas unidades impunham o deslocamento das atividades cotidianas para o exterior. De uma certa maneira, a autora compara as estalagens com as senzalas, que são espaços arquitetônicos criados apenas para dar as condições mínimas para a mão-de-obra sobreviver, com uma única diferença de que, na senzala, os cadeados eram por fora e nas estalagens, por dentro. A partir de meados do século XIX se difundiu o termo **cortiço** para esse tipo de acomodação. Já as **casas de cômodos** eram térreos ou sobrados, originalmente unifamiliares, subdivididos internamente, que surgiram no final do século XIX.

Construir habitações coletivas estava se tornando uma prática comum entre proprietários e arrendatários de imóveis. No entanto, essas aglomerações eram associadas à propagação de doenças e à convulsão social e, por esse motivo, foram condenadas a desaparecer. Em 26 de janeiro de 1893, o governo demoliu o “Cabeça de Porco” – o maior cortiço da cidade e proibiu a construção de cortiços e estalagens em toda a cidade. Propõe-se, então, que esse tipo de habitação seja substituído pelas vilas higiênicas.

“Durante a crise, uma das últimas alternativas para os despossuídos era a construção de casebres em locais onde o acesso a terra se podia realizar sem muitas despesas: fora da cidade ou em seus vazios: os morros” (Vaz, 2000).

Alguns historiadores estabelecem uma relação entre o retorno dos soldados combatentes da Guerra do Paraguai (1870) e a ocupação das encostas de alguns morros.

Mas antes disso o fato já tinha sido observado. A presença dos casebres representa uma forma embrionária das favelas, embora ainda não se trate de favelas propriamente ditas.

É importante observar nesse quadro também o governo de **Pereira Passos** (1902-1906). O chamado “bota abaixo” eliminou a permanência das antigas habitações populares existentes no centro, em função de obras e da campanha de Osvaldo Cruz, expulsando grande contingente de moradores, o que agravou o problema da habitação. Parte desses moradores irá se direcionar às favelas.

É nesse momento que a favela começa a aparecer na paisagem da cidade.

Entretanto, considera-se como marco inicial da expansão das favelas cariocas, a ocupação do morro da Providência por soldados veteranos da campanha militar de Canudos - autorizada provisoriamente pelo poder público em 1897². É de supor-se que já houvesse outros barracos no local. A ocupação provisória que, em 1904 contava com 100 barracos, deu origem a um assentamento que, em 1933, contava com cerca de 1500 moradias.

Com a destruição dos cortiços, os morros situados no centro da cidade apresentaram-se como alternativa às pessoas que precisavam se manter próximas ao seu local de trabalho ou que estavam à procura de emprego.

As primeiras fotos do morro da Favela mostram a presença de habitações coletivas baixas e compridas, formando uma sucessão de casas de porta e janela que dificilmente poderiam ser autoconstruídas.

² Cabe observar que, apesar de os cortiços concentrarem cerca de um quarto da população carioca pelo censo de 1890, já se notavam habitações toscas construídas em encostas de outros morros do centro da cidade, como o morro do castelo e o de Santo Antônio (arrasados nas décadas seguintes). (ZILBERBERG, 1992:57).



Figura 01: Morro da favela: casas e semelhança com construções rurais. S/d. Museu da Imagem e do som.

Fonte: ZYLBERBERG, 1992:56.

Nota-se, ainda que na legislação de 1903, embora bastante restritiva, liberavam-se “construções nos morros”. Proibia construções de madeira em quase todas as ruas centrais, mas abria exceção para os morros “que ainda não tivessem habitações e mediante licença”

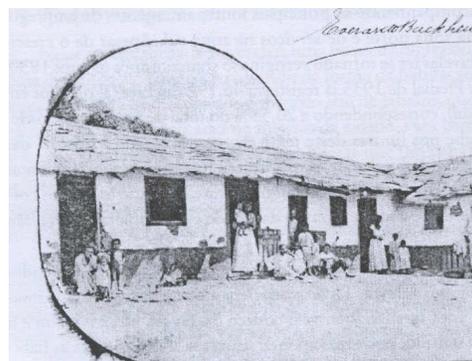
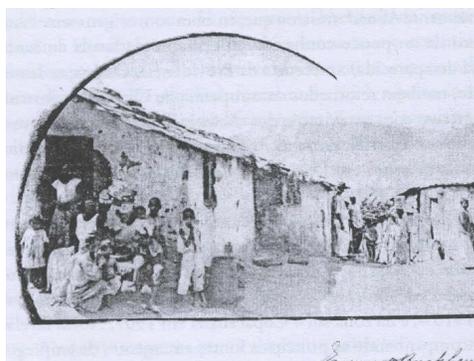


Figura 02: Na favela do Morro da Providência em 1905 havia casas de porta e janelas enfileiradas e barracos isolados. Fonte: VAZ, 2000:56.

Nesta mesma época, vemos a expansão das favelas³, do núcleo inicial, por outros morros da cidade, ao longo das duas décadas seguintes: Morro dos Telégrafos, Mangueira, Morro de São Carlos, Vila Rica (Copacabana), Pasmado (Botafogo) e Babilônia (Leme). Nesse período, além da crescente migração de trabalhadores oriundos do campo, as reformas urbanas realizadas pelo poder público no início do século, eliminando os cortiços onde viviam cerca de 100 mil pessoas, contribuíram significativamente para o crescimento da população favelada (Abreu, 1997).

³ Nesse período a “favela” (o termo passa a ser generalizado para esse tipo de moradia) passa a ser uma forma de habitar que mudaria a feição da cidade do século XX. (ABREU, 1997:66).

Na primeira década do século XX, o processo de favelização atingiu o centro e as zonas norte e sul. Já havia notícias sobre grupos de barracões em morros da zona norte – Salgueiro em 1909 e Mangueira em 1910 -, e na zona sul – Copacabana em 1907. Novas favelas surgiram acompanhando as principais fontes emergentes de emprego: industrial na zona norte e de serviços na zona sul.



Figura 03: Favela do Morro do Pinto, fotografada por Augusto Malta em 1912. Fonte: ZYLBERBERG, 1992.

A década de 1920 foi muito significativa para a expansão industrial do Rio de Janeiro. Juntamente com a expansão e deslocamento da indústria, temos o deslocamento da habitação operária, que passa a ocupar não só o centro, mas também a área suburbana, tanto a próxima quanto a mais distante.

Surge também uma nova forma de morar: os edifícios de apartamentos que, de início provocam certa rejeição do público. A admiração e curiosidade com essa nova proposta não são suficientes para superar a resistência da classe média em habitá-los. Morar coletivamente ainda era quase que exclusividade dos mais pobres que habitavam os cortiços e as casas de cômodo.



Figura 04: MALTA, A. Dois instantâneos da visita de Alfred Agache ao morro da Favela, 1927. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e Museu da Imagem e do Som. Fonte: ZYLBERBERG, 1992.

O Plano Agache (1925-1930) é um marco importante desses anos. Realização máxima da administração Prado Júnior, constitui o exemplo mais importante da tentativa das classes dominantes de controlar o desenvolvimento da forma urbana carioca. O Plano propriamente dito jamais foi implantado, ainda que várias obras ali sugeridas fossem realizadas nas décadas seguintes.

O Plano pretendia transformar o Rio de Janeiro numa cidade monumental, exigindo inversões de vulto, bastante superiores às possibilidades dos cofres públicos. Pretendia ordenar e embelezar a cidade segundo critérios funcionais e de estratificação social do espaço. Preocupa-se também com as condições de reprodução da força de trabalho industrial, sugerindo que o Estado assumira um papel mais ativo nessa reprodução, barateando os seus custos via programas habitacionais.

Constitui no primeiro documento oficial a tratar explicitamente das favelas, que então se proliferavam na cidade. Vistas como um problema social e estético, o plano apresenta como solução a sua erradicação, que deveria fazer parte de uma estratégia maior de intervenção do Estado na habitação. Entretanto, com a revolução de 30 o plano não é realizado.

O primeiro levantamento aerofotogramétrico para a atualização da carta cadastral data de 1928 quando já se encontravam consolidadas algumas favelas como o morro da Favela, de São Carlos, da Mangueira e do Salgueiro. (Silva, 2005:79)

1.3. A intervenção do Estado na habitação e reconhecimento da favela como uma “aberração”.

O clima político, econômico e cultural durante o primeiro governo Vargas (1930-1937) colocou em cena o tema da habitação social com uma força jamais vista anteriormente. Os congressos brasileiros de arquitetos se tornaram uma referência importante no debate sobre habitação, onde se consolidaram posições que influenciaram várias gerações de profissionais. No entanto, a política habitacional então existente para a população de baixa renda, organizada em 1933, beneficiava exclusivamente empregados de ramos de atividades cobertas pelos IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensões)⁴ (BONDUKI,1998).

⁴ Os IAP's tinham por finalidade regulamentar os benefícios previdenciários e assistência médica de setores de trabalhadores. Seus vastos recursos financeiros, entretanto, serviram também como meio de realização de uma experiência no campo da produção da habitação, com o financiamento e construção de diversos empreendimentos de habitação social em diferentes estados brasileiros.

Nesse período começa a discussão a respeito do papel do Estado na produção de habitações (o Estado provedor), o que vai gerar tentativas de âmbito nacional voltadas para essa questão, que passa a ser vista como condição básica de reprodução da força de trabalho e, portanto, como fator econômico na estratégia de industrialização do país. A habitação é elemento na formação ideológica, política e moral do trabalhador, e, portanto, decisiva na criação do “homem novo” e do trabalhador-padrão. (BONDUKI, 1998:73). Um aspecto importante desse período é a noção de que a casa própria do trabalhador corresponderia ao modelo de industrialização que estava se consolidando no período, rompendo com a exclusividade da solução rentista.

É o período em que a cidade do Rio de Janeiro se recupera economicamente e corresponde à administração de Pedro Ernesto. É quando a favela passa a ser vista politicamente. O governo de Pedro Ernesto demonstra uma mudança na visão das favelas o que levará a um certo reconhecimento oficial delas, apesar de a questão da habitação não merecer, nesse período, uma ação mais concreta, por parte do governo local.

Embora já se identificassem favelas antes de 1930, é nessa década que a elas ganham visibilidade com a publicação pela imprensa de números de grandes dimensões. Tendo em vista, entre outros fatores, essa crescente visibilidade dos problemas habitacionais, em 1933 é realizada a primeira tentativa de registro de “casebres” na Estatística Predial do Distrito Federal, que podemos interpretar como a primeira estatística que registraria o que viria mais tarde a se transformar nas favelas.

Até então, a tendência das favelas foi a de se instalar tanto nos morros, onde a urbanização já se consolidara, quanto nas áreas de expansão da cidade. Nesse período, pode-se observar que em quase todo o espaço urbano da cidade já existiam favelas consolidadas, seja de desenvolvimento de loteamentos de elite (Zona Sul), seja de loteamentos proletários e de áreas industriais (zonas Norte, Sul e Suburbana) e de litoral.

O Decreto 6000 que instituiu o primeiro código de Obras da cidade é assinado em 1937 e expressava a regulamentação e o direcionamento que o poder público desejava para a cidade, especialmente no que se refere às favelas. O decreto representará a primeira vez que o “problema” favela vai ser reconhecido e tratado de forma repressiva.

O decreto registra com precisão a situação marginal das favelas. Por serem consideradas “**aberrações**”, não podem constar no mapa oficial da cidade; por isso o código propõe sua eliminação, pelo que também tornava proibida a construção de novas moradias, assim como a melhoria das existentes. Portanto, a descoberta do problema favela

pelo poder público não surge de uma reivindicação de seus moradores, mas sim do incômodo que causava a urbanidade. (BURGOS, 1999).

Já nas vésperas do Estado Novo, começam a surgir indícios de mudança da situação, ou pelo menos da retomada das demolições e arrasamentos sumários, agora de certa forma apoiados no aparato da lei.

Durante o período da ditadura de Vargas (1937-1945), destaca-se a importância da Lei do Inquilinato (1942), que representou a primeira grande intervenção no mercado privado. Além de tentar redirecionar os investimentos na habitação de aluguel para outras áreas (principalmente concentrar recursos na montagem do parque industrial brasileiro) e de obter a redução dos custos de reprodução da força de trabalho, mantendo baixos os salários, a lei do Inquilinato trouxe outros aspectos decisivos para a questão habitacional nas cidades. Ela constitui uma das principais causas da transformação das formas de provisão habitacional no Brasil, desestimulando a produção rentista e transferindo para o Estado e para os próprios trabalhadores o encargo de produzir suas moradias. (BONDUKI, 1998: 209).

A maioria da população em 1940 residia em moradias alugadas, apesar de, na época, já estarem difundidas alternativas de moradia (loteamentos de periferia).

A lei do inquilinato vai servir como instrumento de defesa dos inquilinos já instalados, mas vão gerar escassez e uma espécie de “câmbio negro” nas poucas moradias desocupadas. (BONDUKI, 1998:215). Criará também dificuldades para os não-proprietários e para aqueles que não estavam instalados em casas de aluguel até a criação da lei, além de afetar a rentabilidade dos proprietários. Os grandes beneficiados serão os empregadores urbanos, pois passarão a contar com parte de seus empregados ou operários abrigados a um custo decrescente, ajudando a reduzir a pressão sobre os salários.

Com relação aos trabalhadores, aqueles que conseguiram se manter nas moradias com aluguéis antigos puderam conservar seu nível de vida; no entanto, os recém-chegados à metrópole e os que eram despejados só conseguiam moradia pagando um aluguel muito mais elevado. Criaram-se assim as condições econômicas para o surgimento ou proliferação de novas “soluções” habitacionais de baixo custo ou de custo monetário nulo – como a casa própria em favelas ou loteamentos particulares.

Ainda nessa década começa a haver um estímulo à especulação na cidade. Alguns anos mais tarde, passou a ser mais comum a venda dos imóveis locados não como “prédio para renda”, mas para outros fins. Entretanto, vamos observar que a moradia de aluguel

(mesmo as habitações em favelas) ainda vai ser significativa até 1960 especialmente nas grandes cidades, apesar de o modelo da casa própria avançar.

1.4. A pedagogia civilizatória: a favela como um “problema moral”

É na década de 1940 que a existência das favelas foi não apenas finalmente admitida, mas também reconhecida oficialmente e tornada objeto de estudo. Através da cultura, e muito especialmente da música popular, as favelas começam a ser incorporadas à vida social da cidade.

Henrique Dodsworth (interventor) assumiu a prefeitura do Rio de Janeiro em 1937 permanecendo até 1945. Estruturou a idéia de extinção das favelas numa perspectiva mais técnica, baseada em dados cuidadosamente levantados que alimentariam a criação de um programa de **Parques proletários**. Esse programa foi resultado de um relatório apresentado pelo Vitor Tavares de Moura (**Relatório Moura**), no ano de 1940, contendo sugestões preventivas e realizadoras. A ação preventiva sugere: a) o controle de entrada no Rio de Janeiro de indivíduos de baixa condição social; b) o recâmbio de indivíduos de tal condição para os seus Estados de origem; c) a fiscalização severa quanto às leis que proíbem a construção e reconstrução de casebres; d) a fiscalização dos indivíduos acolhidos pelas instituições de amparo; e) promover forte campanha de **reeducação social** entre os moradores das favelas, de modo a corrigir hábitos pessoais de uns e incentivar a escolha de melhor moradia. Quanto à ação realizadora, sugere casas provisórias, pelo menos do tipo mínimo permitido pela lei, serão imediatamente construídas e para elas transferidos os moradores dos casebres, tendo em vista as suas condições de saúde, de trabalho e de defesa contra doenças, além de inspeção torácica e apurações de conduta social. (VALLA, 1984).

Em **1942**, o governo inicia a concretização dos parques proletários que deveriam abrigar mais de 300.000 habitantes. A primeira favela removida é a do Largo da Memória / parte da Praia do Pinto. No mesmo mês, esse primeiro grupo de casas recebe o nome de Parque Proletário da Gávea ou Parque nº 1 e, logo depois, foram inaugurados o Parque Proletário nº 2, no Caju, e um terceiro, dentro da praia do Pinto, no Leblon. Pouco mais de 4.000 pessoas foram abrigadas nesses três conjuntos. (VALLA, 1984). Nesse primeiro plano, verifica-se que os indivíduos moradores de favelas são tratados como **almas necessitadas de civilização**, tratamento este que, juntamente com a precariedade das instalações, não fazia dos parques uma idéia atraente para os moradores das favelas.

Os parques proletários, que deveriam ser moradia temporária, acabaram por abrigar moradores por muito tempo que deles saíram somente bem mais tarde quando ocorre a valorização imobiliária dos respectivos bairros. (BURGOS, 1999:28). Somente nesse momento, o parque proletário nº 1 da Gávea e o Parque nº 3 do Leblon são finalmente erradicados.

Verificamos, durante a década de 40, o aumento vertiginoso das favelas cariocas, juntamente com os subúrbios que se expandiram horizontalmente e os bairros da orla sul que se verticalizaram. O Rio de Janeiro cresceu em direção aos municípios periféricos e bairros suburbanos mais distantes. (VAZ, 2000).

O “boom” imobiliário direcionou as classes mais abastadas para os edifícios de apartamentos na região centro-sul, o que criou possibilidades de serviços, além do emprego relacionado às novas construções, fazendo com que parte da população mais pobre se deslocasse também. Os empregos gerados pela industrialização e a expansão econômica, política e cultural da cidade nesses anos acarretaram, entre outros fatores, a intensificação dos fluxos migratórios para a cidade. O Processo migratório para o Rio de Janeiro foi outro fator a contribuir para o aumento das favelas, o que irá se intensificar realmente na década de 60. A demolição de casas antigas para dar lugar a luxuosos edifícios de apartamentos ocasionou a redução da oferta de casas de cômodos e casas de aluguel. (ABREU, 1997).



Figura 05: Uma amostra dos vários estilos e materiais com que se construíam os barracos em épocas diferentes. S/d. Agência JB. Fonte: ZYLBERBERG, 1992.

1.5. A favela como um “problema político”

Em 1946, após o final da Segunda Guerra Mundial, foi criada a **Fundação da Casa Popular**, que teve importância pelo seu âmbito nacional e pelo fato de ter sido o primeiro órgão especificamente habitacional que privilegiava o atendimento universal às camadas de

menor poder aquisitivo. Dessa maneira, “a questão habitacional tornava-se cada vez mais um problema governamental” (BONDUKI, 1998:122).

Hildebrando de Góis assumiu a Prefeitura da cidade em janeiro de 1946 e governou a cidade durante cerca de um ano e meio. Nesse período, um setor expressivo na Igreja Católica, preocupado com os avanços dos comunistas nas favelas, procura as autoridades federais e propõe a criação de uma **Fundação Leão XIII** em 22 de janeiro **1947** cuja finalidade era "dar assistência material e moral aos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro". Tinha por finalidade principal oferecer uma alternativa à pedagogia populista do Estado Novo. No lugar da idéia de Estado-nação, a Igreja oferece a cristianização das massas; no lugar da coerção, oferece a persuasão. Para operacionalizar esta proposta, a Fundação Leão XIII propôs-se a manter "escolas, ambulatórios, creches, maternidades, cozinhas e vilas populares". (VALLA, 1984).

No Rio de Janeiro destaca-se também nesse período a presença do Departamento de Habitação Popular (DHP), que foi responsável por projetos como o Conjunto Prefeito Mendes de Moraes (o Pedregulho) e o Conjunto Marquês de São Vicente do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, com forte influência dos pressupostos da arquitetura moderna.

Nesse período foram realizados os primeiros censos locais e nacionais abrangendo as favelas. Da primeira metade da década de 1940 até o final da década de 1950 acelerou-se o desenvolvimento do setor industrial acarretando o fenômeno de metropolização das grandes cidades.

O fechamento político⁵ de 1947 e 1948, o crescimento das favelas e a conseqüente pressão de setores econômicos e políticos da cidade levaram a uma atuação mais repressiva, sob a justificativa da “extinção” das favelas.

O primeiro censo de favelas do Distrito Federal irá acontecer em 1948, como resultado de uma preocupação com a quantificação e a análise sistemática das mesmas, dada à sua visibilidade que se tornou maior.

Observa-se o aumento das favelas em todas as áreas, mais especialmente nas zonas Norte, Suburbana e na Zona Sul, com o crescimento de núcleos já observados em

⁵ Período em que se torna marcante a influência da Guerra Fria no Brasil, referente ao governo Dutra, em que ocorreram: a suspensão das atividades da Juventude Comunista; colocação na ilegalidade do PCB; suspensão de várias organizações sindicais; restrição das liberdades públicas, censura da imprensa e ataque à estabilidade do funcionalismo e dos trabalhadores do setor privado; repressão às manifestações em que comunistas discursavam. A repressão atingiu os mais diversos setores sociais, mas esse processo repressivo não foi um caso isolado. Em toda América Latina os EUA deram apoio à conquista do poder por grupos antidemocráticos, pois almejavam a eliminação da influência da URSS.

1928, que expandiam com maior vigor e que se somavam àquelas consolidadas na década de 1920.

A questão habitacional mostrava-se dramática, tendo como uma das principais expressões o crescimento explosivo das favelas na cidade. Em 1948, quando Mendes de Moraes assumiu a prefeitura, as questões sociais e urbanas passaram novamente para primeiro plano.

O crescimento das favelas da cidade passou a polarizar a maior parte dos debates e, em torno dessas questões as forças políticas do período travaram a famosa “batalha do Rio de Janeiro”, inicialmente um conjunto de artigos na imprensa, depois propostas e intervenções que extrapolaram e conferiram novos significados à questão das favelas, apesar de ter desencadeado pouca ação. (SILVA, 2005:63-64).

Na década de 50, o setor industrial se expandiu e se diversificou, e o papel do investimento público na mudança da estrutura produtiva foi enfatizado. Ganha força a discussão da casa própria nesse período, devido a pressões de diversos grupos e de uma mudança na estrutura de produção.

Nota-se que o crescimento populacional das áreas periféricas da cidade está intimamente ligado à atividade industrial. Acredita-se que uma boa parte dos moradores de favelas do subúrbio se empregava nas indústrias aí existentes já que a associação ocupação industrial/ aparecimento de favelas foi uma das características mais marcantes desse período. Outros fatores determinantes para a expansão em direção à periferia foram: as obras de saneamento realizadas na década de 30 e 40; a eletrificação da Central do Brasil; a instituição da tarifa ferroviária única em todo o Grande Rio; e a abertura da Avenida Brasil, em 1946 decorrentes da crescente prioridade concedida ao transporte rodoviário. (ABREU, 1997: 107).

Temos a ênfase no início da década do alcance da presença e consolidação, no litoral norte, de favelas em condições de palafitas na praia de Ramos e adjacências. No final da década já se assinalava com maior insistência as ocupações favelizadas na baixada fluminense. Na zona Sul, nota-se a formação de novos núcleos no Leblon, em Copacabana e na Barra. (PARISSE, 1970).

A partir dos anos 50, nota-se o estabelecimento de ligações mais consistentes entre a favela e a política, inclusive com o surgimento de lideranças que estabelecem vínculos orgânicos com os partidos. Temos também o capital cultural das favelas começando a ser

valorizado, fato que contribui para aproximar os moradores das favelas de segmentos intelectuais da classe média da cidade.

Em **1951**, no governo do Prefeito João Carlos Vidal, Guilherme Romano é nomeado para chefiar então criado “Serviço de Recuperação das Favelas” que tinha como proposta “urbanizar as favelas”.

Em **1955** é criada a Cruzada São Sebastião, como uma iniciativa da Igreja Católica, mais precisamente do bispo auxiliar Dom Helder Câmara, como uma nova proposta para o “problema” das favelas⁶ e tinha por finalidade “dar solução racional, humana e cristã ao problema das favelas do Rio de Janeiro”. Para tanto, traçou como objetivo desenvolver “uma ação educativa de humanização e cristianização no sentido comunitário, partindo da urbanização como condição mínima de vivência humana e elevação moral, intelectual, social e econômica” (VALLA, 1984). A Cruzada ajudou a divulgar a perspectiva da urbanização local, baseada na “integração dos favelados com o bairro”. Talvez o movimento da Cruzada talvez tenha sido o que deu maiores frutos do ponto de vista da implementação de ações. Se a fundação Leão XIII trabalhava com a perspectiva de influir nas associações de moradores e na formação de lideranças, a Cruzada atuaria de forma mais direta, posicionando-se, em alguns momentos, como interlocutor dos moradores das favelas junto ao Estado. (VALLADARES, 1978:23).

Surgem, em 1954, as primeiras associações políticas nas favelas, o que provocou a fundação da União dos Trabalhadores Favelados. Idealizada como experiência cooperativa dos moradores do Morro do Borel e sob liderança do advogado Magarinos Torres Filho, seu objetivo imediato era custear a ação judicial contra a ordem de despejo movida pela Borel Meuren Ltda, mas mobiliza rapidamente outras favelas. (Lima, 1989:107).

No decorrer dos anos de **1955 a 1960**, o poder público local privilegiou “água, finanças e urbanização”. Iniciou-se o governo do presidente Juscelino Kubitscheck com clara proposta desenvolvimentista, cujo lema era “cinquenta anos em cinco”.

A segunda metade da década também trouxe medidas significativas com relação à ação do poder público. Em 1956, foi decretada a chamada **Lei das Favelas** autorizando o Ministério da Justiça e do Interior a destinar fundos a organizações que lidassem com favelas em quatro cidades. Além disso “durante o prazo de 2 (dois) anos (...) não será executado nenhum despejo contra moradores de favelas situadas no Distrito Federal.” (Lei 2875 de 19 de setembro de 1956).

⁶ O empreendimento mais significativo da Cruzada foi a construção do conjunto habitacional do Leblon.

Nos fins do ano de 1956 o governo do Distrito Federal instituiu, através do Decreto 13304, de 28 de agosto de 1956, o Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas (SERFHA)⁷. Inicialmente sem recursos, o **SERFHA** funcionou apenas apoiando iniciativas da Fundação Leão XIII e da Cruzada São Sebastião. (VALLA, 1984). Suas propostas tinham uma perspectiva urbanizadora e de esforço das associações de moradores, entretanto, demolição, transferência de moradores e construção de novas casas também faziam parte das propostas e as medidas desenvolvidas pelo Serfha.

Em 1957 os moradores das favelas criam uma entidade autônoma para negociar seus interesses: a Coligação dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal, fundada com o objetivo de lutar por melhores condições de vida para os moradores das favelas. (FORTUNA & FORTUNA, 1974:104).

Em **1958** é elaborado o estudo “Aspectos Humanos da Favela Carioca”, uma análise sócio-econômica elaborada pela SAGMACS⁸ que foi encomendado pelo *Estado de São Paulo*. O Relatório propõe que seja formulada uma política mais flexível em relação às favelas, onde o SERFHA seria o órgão indicado para implementá-la.

1.6. Os “favelados” e o remocionismo

No início da década de 60 desenvolve-se um grande debate sobre a necessidade de uma política habitacional de âmbito nacional e em 1961, já no governo de Jânio Quadros, é criado o Plano de Assistência Habitacional e do Instituto Brasileiro de Habitação. Em 1962, no governo João Goulart, estrutura-se o Conselho Federal de Habitação.

A mudança da Capital Federal para Brasília e a criação do Estado da Guanabara trouxeram importantes transformações, especialmente nas políticas habitacionais e sociais. Em 5 de dezembro de 1960 assumiu o governador eleito Carlos Lacerda. A dimensão habitacional foi largamente tratada durante o governo de Lacerda, baseado na ideologia da casa própria, na “remoção das populações faveladas” e na construção dos conjuntos habitacionais na periferia.

Em termos genéricos, os anos de 1960 herdaram a tradição moderna dos conjuntos habitacionais esquematizados em sua totalidade, muitos destes que irão abrigar a população favelada removida. No entanto, durante um curto período, houve a incorporação

⁷ O “Serviço de Recuperação das Favelas”, criado no governo do Prefeito João Carlos Vital e já abordado anteriormente deu base ao SERFHA.

⁸ Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais

da atitude alternativa, porém efêmera, de reconhecer os assentamentos irregulares como estruturas no contexto das cidades.

Nesses anos, viveu o Rio de Janeiro um período de crise nos serviços urbanos, crise habitacional e alto custo social e econômico para seus moradores mais desprivilegiados. Entretanto, a cidade não parava de crescer. Segundo dados do IBGE, em 1960 a cidade do Rio de Janeiro já contava com uma população de 3.300.431, o que representou um crescimento de 39% em relação à população da década anterior (2.375.280 habitantes).

A partir de então, a questão habitacional assume uma condição política e ideológica e, entre os arquitetos, deixa de ser somente um dado de desenho.

Há de se destacar o estabelecimento, nesse período, de um programa governamental de maior escala no campo habitacional. O SERFHA é extinto e cria-se a Companhia de Habitação do Estado da Guanabara (Cohab) que fica subordinada à Secretaria de Serviços Sociais, criada em fevereiro de 1963 sob a presidência de Sandra Cavalcanti. (SILVA, 2005: 144). A COHAB deveria realizar uma nova política habitacional baseada na construção de unidades para famílias de baixa renda e remoção das favelas para esses conjuntos (exemplo: Vilas Kennedy, Aliança e Esperança).

Em 1963 houve uma modificação na Fundação Leão XIII, que passou de órgão vinculado à Igreja a autarquia do Estado.

A eleição de Negrão de Lima em nível local e, posteriormente, a criação em 1968 da CHISAM⁹ em nível federal que será responsável por grandes remoções e construção de conjuntos na periferia. Construiu, entre 1962 e 1965 a Cidade de Deus, Vila Kennedy, Vila Aliança e Vila Esperança. (BURGOS, 1999: 34).

Destacam-se nesse período com bastante influência na política e na economia brasileira, a **Aliança para o Progresso**¹⁰ e o **Acordo Internacional do Trigo**¹¹.

⁹ Coordenadoria da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Rio de Janeiro responsável por grandes remoções de moradores.

¹⁰ Programa de ajuda econômica e social dos Estados Unidos da América para a América Latina efetuado entre 1961 e 1970. Duraria 10 anos, projetando um alto investimento, principalmente da responsabilidade dos Estados Unidos, mas também de diversas organizações internacionais, países europeus e empresas privadas.

¹¹ Acordo internacional do Trigo: assinado entre Brasil e EUA em 11 de maio de 1962, que origem ao Decreto Federal 527744. (disponível em <http://www.planalto.gov.br>)

1.7. A favela como o lugar do vício e da promiscuidade

Com o movimento militar de 1964, a política habitacional redefiniu as relações entre os atores e o sistema caminhou para o fechamento. Criam-se as condições necessárias à aventura remocionista.

“Em tempos de ‘fechamento político’, como ocorreu na ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945) e no período de vigência dos governos militares (1964-1985), o combate às favelas mostrou-se bastante forte, resultando daí, a erradicação forçada de muitas delas”, enquanto que, por outro lado, “o advento das fases de liberdade (1946-1964 e 1985 até hoje) deram ensejo (...) às lutas pela permanência dessas áreas da cidade, e valorizaram a principal arma com que contam os favelados para melhorar a sua sorte: o voto” (ABREU, 1997:20).

A iniciativa do governo militar - o Banco Nacional de Habitação - BNH em 1964: A política habitacional pós-golpe de 1964 priorizou os investimentos na construção intensiva de casas para a venda como forma de estimular o setor da construção civil e recurso para amenizar o desemprego, favorecendo bastante nesse período a ideologia da casa-própria que estava cada vez mais forte. O fortalecimento dessa ideologia caminha junto com a ideologia política de enfraquecer “movimentações socialistas” entre os trabalhadores.

O aprofundamento do déficit habitacional para as populações de baixa renda manifestava-se no incremento de favelas, invasões, loteamentos clandestinos, cortiços, mas, sobretudo, na autoconstrução.

De 1963 a 1972, a “limpeza” progressiva do núcleo central e do miolo da Zona Sul promoveu a expulsão de grandes contingentes de favelados dessa parte da cidade.

O trabalho da Fundação Leão XIII, nesse período já como autarquia do governo, pautou sua ação na leitura que via a favela como o lugar do **vício e da promiscuidade**. “Não cabe mais o diálogo com suas entidades políticas; a discussão sobre o que fazer com as favelas torna-se impermeável à participação de seus moradores”. (BURGOS, 1999:34-35).

Negrão de Lima assumiu o Estado da Guanabara em 1965 e autorizou um grupo de jovens arquitetos, planejadores, economistas e sociólogos a formar a Companhia de Desenvolvimento de Comunidades – CODESCO, que vai trabalhar com proposta oposta à idéia do “remocionismo” indo contra as idéias do governo federal, defendendo a urbanização

de áreas de favela.¹² A alternativa CODESCO seria atropelada pela retomada da via “remocionista”.

Destaca-se nesse período a criação, em 1967, da Ação Comunitária do Brasil (ACB), cujo objetivo era “criar o espírito de auto-ajuda entre os favelados e capacitá-los para a solução dos seus problemas com esforço próprio”. (VALLA, 1984). Destaca-se também a criação, em 1968, como uma “intervenção branca” do governo federal, a Coordenadoria da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Rio de Janeiro (CHISAM), responsável por grandes remoções de moradores. Estava subordinada ao Ministério do Interior e ao BNH e foi justificada através da idéia de que as favelas constituem um problema nacional.

A CHISAM detalhou as razões para a sua criação: 1) a população favelada era alienada da sociedade por causa da sua habitação; 2) **a população favelada não tem os benefícios de serviços porque não paga impostos** (grifo nosso); 3) a família favelada necessitaria de uma reabilitação social, moral, econômica e sanitária; 4) é necessária a integração dos moradores à comunidade, não somente no modo de habitar, mas também no modo de pensar e viver; 5) é necessário alterar **o panorama urbano deformado** (Grifo nosso). (VALLA, 1984). A CHISAM atuou até 1973 e removeu cerca de 53 favelas.

A erradicação passou a ser a resposta para a solução do problema favela nesse período. A Cohab desenvolveu, com recursos do BNH, um programa maciço de construção de conjuntos habitacionais a serem ocupados por moradores de favelas. “No entanto, os habitantes das favelas lutariam (...) para não serem removidos, numa resistência que tornou o programa de remoções bastante custoso politicamente”. (BURGOS, 1999:37).

Segundo Burgos, são notórios e profundos os vínculos existentes entre o fenômeno da violência no Rio de Janeiro e o aborto do processo de integração política dos excluídos praticado durante a ditadura militar.

¹² Um exemplo da atuação da CODESCO diz respeito contratação de arquitetos para a urbanização de Brás de Pina. Lá a CODESCO fez todo o levantamento sobre a localização das casas e condições do sistema de água e esgoto. O trabalho em Brás de Pina durou cinco anos. Esse caso provou que a opção pelo investimento na urbanização é mais barato e dá mais retorno aos cofres públicos do que, por exemplo, a remoção dos moradores de comunidades pobres para conjuntos habitacionais afastados do Centro. Brás de Pina serviria depois como inspiração para outros programas urbanísticos do Estado. (MONTEIRO 2003).

1.8.A consolidação de uma forma de morar: A favela como o lugar da violência.

O crescimento da população favelada se amplia ao longo dos anos 70. Segundo dados do Censo demográfico de 1970, a população carioca já era 6.362.340 habitantes. A ausência de investimentos do poder público em programas de interesse social e a impossibilidade de ingresso no mercado imobiliário formal reforçam o papel que a favela vem cumprindo, ao longo de décadas, como alternativa de moradia para a população mais pobre, na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, podemos destacar dentre os fatores que propiciam esse crescimento o alto valor imobiliário nas favelas já adensadas (existe um grupo que já não consegue ter acesso a imóveis em favelas como a Rocinha), o custo de vida na favela ser muito inferior ao da cidade formal e uma parcela da população que não consegue arcar com esse custo, crescimento da zona Oeste dada a proximidade com a Barra da Tijuca que se tornou um atrativo.

No final da década de 70, destaca-se a administração do Prefeito Israel Klabin (1979-1980), que desde o início deu uma ênfase às favelas. Cria a SMDS e atribui o objetivo de tratar das favelas. A equipe da Secretaria de Desenvolvimento Social realizou um estudo “Diretrizes para o Estabelecimento de uma Política de Ação para as Favelas do Município do Rio de Janeiro” que critica não apenas o caráter autoritário das políticas anteriores, como toda a legislação que rege essas comunidades.

No mesmo ano (1979), o Ministério do Interior anuncia o PROMORAR (Programa de Erradicação de Favelas) que visava a solucionar o problema das habitações sub-humanas, as favelas e as palafitas, urbanizando-as quando possível, e erradicando-as, quando for “caso perdido”, foram palavras textuais do Ministro, ao anunciar o projeto. O projeto se inicia pela região da Maré, no Rio de Janeiro, estendendo-se posteriormente a outras capitais. (VALLA, 1984).

Em maio de 1980, houve a demissão de Israel Klabin e em junho o novo prefeito, Júlio Coutinho, assume. Ao voltar ao problema favela através do PROMORAR (último programa integrado do governo militar), o governo Federal optaria por um programa de urbanização e basearia suas ações “na preservação do acervo popular local, dando prioridade para o saneamento básico, erradicação das palafitas e transferência do título de propriedade aos moradores”. O PROMORAR indicava que a polarização entre remoção e urbanização deixava de presidir o debate em torno das favelas e na década seguinte, o eixo de discussão seria o de como integrar favelas à cidade. (BURGOS, 1999:40).

Esse período é marcado por um afastamento e apatia em relação à política dos moradores de favelas, onde a luta por direitos é substituída pela disputa por pequenos favores, causado principalmente pelo trauma causado pelas remoções. (BURGOS, 1999:39).

Em 1981 a SMDS criou, com o apoio do Unicef, o **Projeto Mutirão**. O programa incluía obras de acesso, pavimentação, contenção de encostas e serviços de água e esgoto. Sua filosofia dá ênfase à participação da comunidade na definição de prioridades e na sua execução, com o que também pretende propiciar alguma renda aos seus moradores.

Em 1982, as eleições para governador do Rio de Janeiro acenavam para uma oportunidade de os excluídos se manifestarem diante do Executivo. A vitória de Leonel Brizola simboliza a presença dos excluídos numa outra escala.

Em 1983, é criado o Programa de Favelas da CEDAE (PROFACE). Através dele o governo levaria sistema de água e esgoto a varias favelas, incorporando-as à rede de seus bairros. Além disso, a COMLURB viabilizou a coleta de lixo e também foi iniciado um programa de iluminação pública.

Em 1984, o Programa de Eletrificação de Interesse Social que a LIGHT desenvolvia desde 1979 vai ser ampliado para muitas outras favelas no Rio de Janeiro.

Neste mesmo ano, a atuação do BNH evoluiu ao lançar o Programa Nacional de Autoconstrução, que recebeu o nome de “Projeto João-de-Barro”. Experiências de promoção de mutirões foram realizadas em todo o Brasil, porém houve uma provável resistência para essa nova modalidade que fizeram com que o programa não tivesse uma expressão maior. Com a extinção do BNH o Programa foi encerrado pelo governo federal.

No mesmo governo foi criado o Programa CADA FAMÍLIA UM LOTE que incluía a regularização da propriedade em áreas faveladas. O programa pretendia repassar a preços simbólicos os lotes a seus moradores, assim, eles se tornariam seus proprietários definitivos e teriam todos os direitos legais.

O “problema” favela necessitava ser redefinido, uma vez que não fazia mais sentido encará-las como um problema de saúde pública, um quilombo cultural, um deformidade moral, ou ainda, um problema de segurança nacional. Dessa maneira, o “problema” favela se insere no processo de democratização da cidade.

Em 1986 é extinto o Banco Nacional da Habitação e, com a constituição de 1988 os municípios ganham autonomia financeira, ao mesmo tempo em que lhes é atribuída uma

série de responsabilidades. Em pouco tempo o problema favela se tornou quase exclusivo da prefeitura. Cabe hoje a cada município a responsabilidade pelas questões relacionadas à habitação, quase inexistindo programas centralizados em nível federal que trate da questão da habitação e das favelas.

As práticas da produção do espaço na favela foram se alterando ao longo do tempo, assim como também se modificaram os produtos gerados por essas práticas.

Dados do IBGE mostravam que em 1991 (cinco anos após a extinção do BNH) eram 462 favelas na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1992 é sancionado o Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro pelo prefeito Marcello Alencar, onde se consolida a idéia de um programa global de integração das favelas à cidade. Nele, a favela é definida por uma leitura puramente espacial e por suas carências de infra-estrutura, despida de preconceitos.¹³

No ano seguinte, já na gestão do Prefeito César Maia foi criado o Grupo Executivo de Assentamentos Populares (Geap), que propôs uma política habitacional que engloba seis programas, entre eles, o Favela-Bairro. Foi criada ainda a Secretaria de Habitação, ainda em caráter Extraordinário. Com a criação da SMH, estruturou-se, pela primeira vez um órgão especialmente voltado para habitação de interesse social no Rio de Janeiro.

O déficit dos direitos civis, como a situação informal da propriedade, vem desafiando o Favela-Bairro muito além do déficit de direitos sociais referentes à infra-estrutura nas favelas.

Segundo dados da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, hoje, 15 anos após o fim do BNH, o número de favelas no Rio de Janeiro já subiu para 752, o que representa 1.092.283 pessoas morando em favelas carioca.

¹³ (Lei Complementar nº. 16, de 04 de junho de 1992). Podemos citar na lei: “não remoção de favelas” (§ III art. 44); “inserção das favelas e loteamentos irregulares no planejamento da Cidade com vista à sua transformação em bairros ou integração com os bairros em que se situam” (IV art. 44). “Serão objeto de estruturação e regularização as áreas ocupadas por favelas, loteamentos irregulares e conjuntos habitacionais de baixa renda, assim como as respectivas vizinhanças”. (art. 58); “pavimentação de logradouros, incluídos os de favelas e loteamentos irregulares” (art.67 §2º); “Área de Especial Interesse Social, a que apresenta terrenos não utilizados ou subutilizados e considerados necessários à implantação de programas habitacionais de baixa renda ou, ainda, aquelas ocupadas por favelas, loteamentos irregulares e conjuntos habitacionais, destinadas a programas específicos de urbanização e regularização fundiária”; (art. 107, II); “a ampliação do sistema de coleta de resíduos sólidos em favelas e áreas localizadas nas bordas de maciços montanhosos” (art.129);” a implantação do sistema de esgoto e drenagem em favelas localizadas em encostas, com o tratamento de cobertura necessário à sua conservação” (art. 129);”urbanização e regularização fundiária de favelas e de loteamentos de baixa renda” (art.138); “As favelas integrarão o processo de planejamento da Cidade, constando nos mapas, cadastros, planos, projetos e legislação relativos ao controle do uso e ocupação do solo, e da programação de atividades de manutenção dos serviços e conservação dos equipamentos públicos nelas instalados” (art. 149).

Hoje, boa parte dos habitantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro vive em favelas ou loteamentos irregulares, em grande parte em casas autoconstruídas. Nessas edificações são utilizados os mais variados materiais: desde aquelas provenientes do desperdício decorrente do consumo nas áreas urbanas ou de recursos naturais existentes (materiais usados, madeira, zinco, taipa, papelão) até materiais industrializados, como tijolos cerâmicos, blocos de concreto e lajes pré-moldadas. Construídas fora das normas, essas moradias estão localizadas, muitas das vezes, em áreas impróprias para ocupação e, quase sempre, seus moradores não possuem a propriedade legal dos terrenos que ocupam. Esses assentamentos são produzidos à margem das normas urbanísticas vigentes na cidade oficial.

As unidades habitacionais construídas nesses terrenos ocupados irregularmente inicialmente destinadas a abrigar os que as construíam, muitas vezes acabam por ingressar na esfera de circulação do mercado habitacional informal, através de sua venda ou locação.

As favelas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XXI, não são apenas distintas daquelas existentes há cem anos, mas também apresentam diferenças internas que foram constituídas ao longo do tempo e de sua expansão espacial. No entanto, a visão de homogeneidade que considera “iguais” todas as favelas, ainda está presente no senso comum.

Verificamos a partir dos anos 80 o surgimento de uma “nova favela” com características distintas daquelas até então observadas nesses assentamentos informais. Essa “nova favela” passa a ser também local de moradia da classe média empobrecida e está consolidada, possuindo casas de alvenaria de até quatro andares devido a um conjunto de fatores: o empobrecimento da população, o aumento da taxa de desemprego, o subemprego e a inexistência de uma política habitacional e fundiária, etc. A favela dos anos 80 apresenta aspectos diversos daqueles das décadas de 40 a 70, já que várias dispõem de infra-estrutura de saneamento, redes de distribuição de energia elétrica e coleta regular de lixo, sendo que algumas até reproduzem em seu espaço o padrão de consumo da classe média com comércio e serviços como academias de ginástica e bancos. Muitas vezes, ao receber melhoramentos, a favela também apresentou uma valorização de seus barracos, expulsando seus antigos moradores e atraindo outros.

A favela do final do século XX não é mais um “trampolim para a cidade” – lugar temporário dos que chegavam à metrópole, na busca de um futuro melhor, para tornar-se, pela sua expressão, uma outra cidade, com regras e normas próprias de estruturação espacial. Alguns autores já chamam atenção para o fato de que, para muitos a favela seria o

local permanente de moradia na cidade. Ao longo do século XX, a favela carioca passou, ainda, por significativas transformações em sua estrutura morfológica: o barraco de madeira, precariamente construído junto a vielas tortuosas de terra batida, e o prédio de 4 pavimentos, localizado em uma rua pavimentada, são elementos integrantes da paisagem das favelas, cada vez mais diferenciadas entre si e, também, internamente.

“Há menos de duas décadas, mudou a legislação, e hoje a favela é feita de habitações em alvenaria. Os frágeis barracos, facilmente destrutíveis, desapareceram. Desde o final dos anos 70, a favela tem luz em cada casa. Durante os anos 80 ela adquiriu serviços, mais ou menos precários, de água e esgoto. Ninguém fala mais de remoção. Mais recentemente, os projetos de urbanização e saneamento, fruto de pequenas vitórias acumuladas do movimento de favelados, fazem surgir ruas e praças (...).”(ZALUAR; ALVITO, 1999:15).



Figura 06: Edifício de apartamentos na Rocinha. Fonte: LEITÃO, 2004:155.

Hoje já se admitem algumas favelas no contexto da cidade e o risco de remoção – temor freqüente das populações faveladas - é um pouco menor, porém ainda alvo de muitas discussões. A questão da remoção volta sempre, embora, com maiores dificuldade e resistências, como podemos verificar na reportagem abaixo, retirada do Jornal “O Globo” de 18/10/2005.

Favelas protestam contra política de remoção

Projeto para manter a Vila Alice em Laranjeiras baseia-se numa antiga proposta da própria prefeitura do Rio

Ruben Berta

• Cerca de 150 pessoas participaram ontem de manifestação contra a remoção de favelas, na Vila Alice, em Laranjeiras. Representantes de associações de moradores, de gabinetes de vereadores e de entidades representativas de favelas apresentaram um manifesto contra a remoção de comunidades.

— A política que se discute hoje não é a da remoção em áreas de risco, mas sim em áreas de risco. Querem colocar as favelas bem longe e isso é um absurdo — disse o vice-presidente da Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio (Falerj), José Nerson de Oliveira.

Apesar de o prefeito Cesar Maia ter se retirado das negociações entre os donos e os invasores do terreno da Vila Alice, comunidade com mais de 90 casas em Laranjeiras, o município já tem até projeto para assentar as pessoas no local. Ontem, o diretor-executivo da Fundação Centro de Direitos Humanos Bento Rubião, Ricardo Geavica, afirmou que a proposta da entidade para manter as famílias na favela se baseia, inclusive, em planta elaborada por um órgão do município. Ele apresentou uma planta de maio de 2003, feita por técnicos do Instituto Pereira Passos, da Secretaria municipal de Urbanismo.

Projeto prevê construção de sobrados e reflorestamento

O projeto, mostrado por Gouveia durante a manifestação contra a remoção de favelas, prevê a reorganização da comunidade. A parte mais alta seria reflorestada e na parte baixa seriam construídos 20 sobrados de até três andares com capacidade para até 95 famílias. O projeto prevê plantio de árvores entre os sobrados. Para Gouveia, o projeto não contraria a lei que criou a Área de Proteção Ambiental (APA) de São José.

— Há um artigo da lei que criou a APA que prevê a integração das comunidades lo-

cais na preservação da área.

O diretor da fundação vai elaborar nos próximos dias a proposta de compra do terreno que será apresentada aos proprietários: Sociedade Hebraica e Condomínio Parque Residencial Laranjeiras. O gerente-regional da Secretaria de Patrimônio da União no Rio, Paulo Simões, afirmou que o financiamento federal de até R\$ 20 mil por família para a compra só sairá se tudo for feito dentro da legalidade.

A assessoria de imprensa da Secretaria municipal de Urbanismo informou que o projeto de reurbanização da área tinha sido realizado em 2003 como opção caso o terreno da Vila Alice fosse desapropriado. Em dezembro do ano passado, o prefeito Cesar Maia publicou decreto desapropriando a área, mas o ato não saiu do papel.

Na próxima sexta-feira, a Associação de Moradores de Laranjeiras deve reunir proprietários da região para começar a discutir uma solução. Para a gerente administrativa do Condomínio Parque Residencial Laranjeiras, Maria Aparecida Silveira, o fato de o projeto de manutenção da comunidade apresentado pela Bento Rubião ser da prefeitura não é uma surpresa.

— Eles nunca nos comunicaram nada. Só interferiram para complicar ainda mais a situação. De qualquer forma, iremos analisar o projeto para a compra do terreno.

Entre os moradores da Vila Alice, o clima é de tensão diante do prazo da Justiça para a reintegração de posse da área aos proprietários. A partir do dia 8 de novembro, o juiz Heleno Ribeiro Pereira, da 6ª Vara Cível, pode determinar a remoção imediata das famílias.

O vice-presidente da Falerj, José Nerson, disse que a entidade está atenta à atuação de parlamentares na polémica:

— Precisamos separar o joio do trigo, para que depois essas parlamentares, em época de eleição, não cheguem nas comunidades querendo votos. ■



MANIFESTAÇÃO na Vila Alice reúne cerca de 150 moradores da favela



ALEXANDRE NASCIMENTO exhibe projeto da prefeitura para manter favela

Figura 07: reportagem retirada do Jornal "O Globo" de 18/10/2005: moradores de favelas protestam contra remoção de favelas, mostrando que a questão da remoção ainda é alvo de discussão e temor.

Verificamos hoje que os que apóiam essas remoções justificam-se usando argumentos como a questão da proteção ambiental, ou fazem referência à ao tráfico e à violência, elementos aos quais está associada a favela nos dias de hoje. Podemos notar através de reportagens recentes e freqüentes em jornais de grande circulação a presença desses argumentos. (ver figuras 08 e 09).

ILEGAL E DÁ?

Expansão das favelas não tem eco-limites

Auditoria do Tribunal de Contas comprova que comunidades avançam rapidamente sobre áreas de preservação

Luiz Ernesto Magalhães

• Auditoria do Tribunal de Contas do Município (TCM) nos programas ambientais da prefeitura descobriu que 17 favelas — entre elas Vila Parque da Cidade (Gávea), Babilônia (Leme), Formiga (Tijuca) e Floresta da Barra (Itanhangá) — já ocupam áreas de preservação ambiental no Rio. O documento, produzido no fim de 2004, identificou mais 42 comunidades numa distância máxima de cem metros de áreas administradas pela União (Parque Nacional da Tijuca), pelo estado (Parque da Pedra Branca) e pelo município, como a APA dos Morros da Babilônia e de São João do Boa Vista.

— Corremos o risco de esses parques serem transformados no que chamamos de reservas-favelas, por falta de controle das expansões — diz o presidente da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa, Carlos Minc (PT).

Na quinta-feira passada Minc sobrevoeou com helicóptero do Ibama algumas das áreas ameaçadas. Ele vai produzir um relatório, a ser encaminhado ao Ministério Público, para que prefeitura, estado e União sejam notificados sobre as invasões. No Parque da Cidade, por exemplo, Minc constatou que a favela se expande em forma de cunha, rumo à mata.

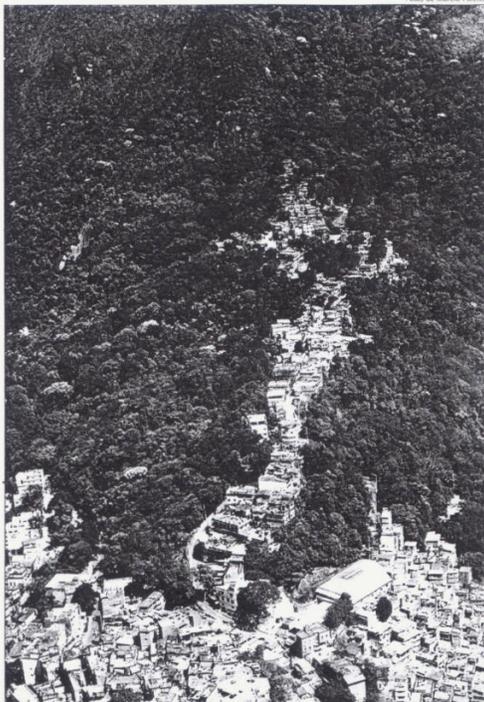
— Na Rocinha, no Laboriaux, há casas bem próximas aos limites do Parque da Tijuca. Na Babilônia, em meio às árvores é possível observar casas fora dos eco-limites demarcados pela prefeitura para separar as áreas verdes das construções.

Risco de tragédia em caso de temporais violentos

A professora Ana Luitza Coelho Neto, do Laboratório GeoHeco do Instituto de Geografia da UFRJ, alerta que o crescimento desordenado pode provocar uma tragédia em caso de violentos temporais.

— Na Rocinha, por exemplo, a expansão de algumas localidades (Portão Vermelho e Laboriaux) ocorre em áreas de risco de deslizamentos. As características da área são semelhantes às de comunidades do Itanhangá que foram soterradas nas enchentes de 1996.

Já na Zona Oeste, pela vertente de Jacarepaguá, o TCM identificou quatro comunidades dentro do Parque Estadual da Pedra Branca, a maior flo-



NO LABORIAUX, na Rocinha, casas sobem em direção ao limites do Parque Nacional da Tijuca

resta urbana do Brasil. Segundo ecologistas, o quadro é ainda mais alarmante.

— Existem pelo menos 23 favelas nos limites do parque. E as comunidades não param de crescer. Na Favela Pedra Branca (Jacarepaguá), em poucos anos o número de famílias que vivem ali passou de 120 para 500 — disse Marcelo Soares, coordenador da ONG SOS Floresta da Pedra Branca.

Nas áreas pobres, a expansão sobre o verde divide opiniões de líderes comunitários. O presidente da Associação de

Moradores do Parque da Cidade, Waldir Cavalcanti, se sente discriminado na discussão. — E os condomínios de ricos construídos em encostas da cidade? Ninguém reclama? Em 1985, ganhamos o direito de ficar aqui com títulos de posse do ex-governador Brizola.

Já o presidente da Associação de Moradores do Morro da Babilônia, Isaias Bruno, reclama do atraso da prefeitura para concluir as obras de urbanização da comunidade. Isaias conta que, por falta de repressão, já existem 86 casas

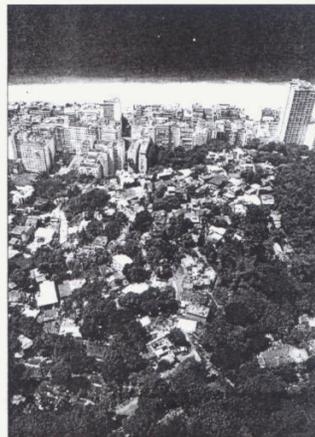
além dos eco-limites.

Segundo o relatório elaborado com base em informações da Secretaria de Urbanismo, casas do Morro da Formiga já teriam invadido o Parque da Tijuca. Embora negue esta informação, a administração do parque admite preocupação

com comunidades limítrofes como a Coréia (Tijuca) e a Rocinha. A subchefe da reserva, Ana Cristina Vieira, diz que agentes do Ibama visitariam áreas vizinhas ao parque para combater as invasões. Em breve, o monitoramento do par-



O SOBREVÔO revela o crescimento desordenado do Pavão-Pavãozinho



NO LEME, barracos avançam sobre a APA do Morro da Babilônia

que será feito também com apoio de satélites.

Já o presidente do Instituto Estadual de Florestas, Maurício Lôbo, diz que as favelas identificadas pelo TCM são ocupações antigas. E que reforçou a fiscalização.

— Em 2004 demolimos mais de 40 novos barracos construídos no interior (de parques) ou em áreas limítrofes.

O secretário municipal de Meio Ambiente, Ayrton Xerez, diz que a prefeitura investe em programas de educação ambiental e de reflorestamento.

Mas admite:

— Nenhum desses mecanismos conseguirá conter completamente a favelas. O crescimento ocorre porque há décadas o governo federal não tem uma política habitacional para a população de baixa renda. ■

• TRANSPORTE PRECÁRIO ESTIMULA FAVELIZAÇÃO na página 22

► NO GLOBO ONLINE: Você concorda com a remoção? Opine. <http://globo.globo.com/rio>

Figura 08: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 16/10/2005.

Hoje, a favela é vista como "o lugar da violência, do crime e do tráfico de drogas", além de ser um "prejuízo" para a "questão ambiental" Podemos observar claramente, ao folhear qualquer jornal, notícias sobre tiroteios, conflito entre líderes do tráfico nas favelas cariocas, o que reforça essa idéia. (figura 09)

Novo tiroteio na Rocinha deixa dez feridos

À tarde, policiais trocam tiros com bandidos no Morro Dona Marta e trânsito é interrompido em Botafogo

Ana Wambler, César Bruno e Mariana Belmont

A Rocinha virou mais uma vez campo de guerra, ontem à noite, quando dez pessoas foram feridas por tiros e estilhaços de granadas durante uma incursão de policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Segundo moradores da favela, os policiais entraram na Rua 1 a tirando na direção de uma creche onde estava sendo realizado um chá de bebê e uma festa de aniversário, que reuniam mais de cem pessoas. O comandante das Unidades Operacionais da PM, coronel Camilo, deu outra versão. Segundo o oficial, os soldados do Bope foram atacados por traficantes com granadas e pelo menos oito das vítimas foram atingidas por estilhaços. A PM confirmou também que houve uma troca de tiros com traficantes no local.

Revoltados, moradores fecharam a rua com caminhões da Comilurb e de gás e vários ônibus, que foram retratados da garagem da Viação Amigos Unidos, para evitar a saída dos policiais do Bope, deixando a situação ainda mais tensa. Os PMs teriam conseguido sair por uma via lateral. Os feridos foram levados para o Hospital Miguel Couto, onde, por volta das 21h, um outro grupo de moradores da Rocinha fez um protesto.

Moradores deitam no chão em protesto no Leblon
Na porta do setor de emergência, eles deitaram no chão e interromperam o trânsito na Rua Bartolomeu Mitre, no Leblon. Uma moradora, que estava na festa e não quis se identificar, disse que os PMs já chegaram a tirando.

—As pessoas correram e se jogaram no chão. Eu mesma fiquei ferida por estilhaços no ombro direito — afirmou.
Depois da confusão, policiais do 23º BPM (Leblon) fo-

ram para a Estrada da Gávea, que dá acesso ao local onde as pessoas foram baleadas, e interromperam o tráfego, na altura da Escola Americana. Por alguns minutos, houve troca de tiros com traficantes que usavam balas traçantes. Parte da iluminação no alto do morro foi atingida pelos tiros, deixando várias áreas sem luz. Os policiais também ficaram de prontidão para evitar manifestações de moradores no local. Às 22h, um grupo tentou fechar a Auto-Estrada Lagoa-Barra, mas foi contido por lideranças comunitárias.

Enquanto os policiais tentavam controlar a situação nas imediações da favela, moradores se aglomeravam na porta da emergência do Hospital Miguel Couto. Moradora da Rocinha, Eliana Pereira, de 31 anos, disse que os policiais do Bope chegaram a pé a tirando. Junto com o grupo de vinte pessoas que foi para a porta do hospital, ela deitou no chão da Avenida Bartolomeu Mitre, fechada duas vezes pelos manifestantes. Numa delas, o trânsito foi interrompido por dez minutos. Policiais do 23º BPM conseguiram convencer as pessoas a liberar o tráfego.

— Foi horrível, um pânico geral. Só havia moradores, nenhum bandido — disse.
Na emergência, os médicos do hospital se desdobravam para atender a todos os feridos. Entre as vítimas estavam Mateus Guimarães Martins, de 10 anos, ferido na perna esquerda; Rosemary Ferreira da Silva, de 27 anos, atingida também em uma das pernas. Os outros identificados foram Alexandre Mateus da Silva Pereira, de 3 anos; Evelyn Rodrigues dos Santos, de 13 anos; Adriana Ferreira da Silva, de 31 anos; Wellington Braga de Toledo, de 22 anos; Fátima Carvalho Silva, de 27 anos; e Gilberto Alves Macedo, que segundo os moradores teria sido atingido por três tiros.
No início da tarde, um outro



ROSEMARY FERREIRA deixa o Hospital Miguel Couto: um tiro na perna e ferimentos de estilhaços



POLICIAL APONTA sua arma para o Dona Marta: patrulha alvejada por bandido no alto do morro

confronto, dessa vez em Botafogo, assustou moradores do bairro. Uma troca de tiros entre policiais e bandidos do Morro Dona Marta fechou o trânsito da Rua São Clemente por cerca de 40 minutos, causando um grande engarrafamento na via. O tráfego foi interrompido por volta das 13h e desviado para a Rua das Palmeiras. Cinco jovens foram detidos por fazerem gestos de apologia ao crime.
A maioria dos motoristas não sabia que a rua havia sido fechada por causa de um tiroteio. O comerciante Nelson Cunha estava indo para a Lagoa quando foi surpreendido pelo engarrafamento. De acordo com ele, não havia nenhum agente de trânsito orientando os motoristas.
A professora da Aeronáutica Cristina Gerin estava num casamento numa capela próxima à subida do morro quando começaram os tiros. Cristina contou que o tiroteio foi intenso e que os convidados foram obrigados a se abrigar num salão ao lado da capela.
O comandante do 2º BPM

(Botafogo), coronel Ricardo Queamento, afirmou que o tiroteio começou por volta de meio-dia, quando uma patrulha do Grupamento Especial Tático Móvel (Getam), que estava estacionada na Rua Jupira, no alto do morro, foi alvejada por um bandido. O comandante disse que policiais que estavam baseados em outras partes do morro foram orientados a permanecerem em seus locais de origem, por questão de segurança, e esperar reforço do Batalhão de Operações Especiais (Bope), que subiu o morro pela Rua Mundo Novo, em Laranjeiras, e escolheu os agentes na descida.

A versão dada por policiais que estavam no Dona Marta, no entanto, foi diferente: oito PMs teriam sido encurralados por cerca de dez bandidos na localidade conhecida como Cerquinha, 50 metros acima do Posto de Policiamento Comunitário. Um reforço de 16 policiais do 2º BPM e do Getam teria subido o morro para fazer o resgate, sendo auxiliado quase uma hora depois por agentes do Bope. Segundo os relatos, os bandidos teriam chegado a jogar uma granada próximo à patrulha do Getam. O comandante Queamento negou essa informação.

Policiais encurralados por bandidos
O tenente Aluizio Luz, do Bope, afirmou que o tiroteio já havia terminado quando ele e seus agentes chegaram ao Dona Marta, pouco depois das 13h, e que os bandidos tinham fugido para a mata. Segundo ele, oito policiais subiram o morro pela Rua Mundo Novo no Cativeiro, o carro blindado do Bope; seis seguraram pela parte de baixo e 16 espalharam-se pelas imediações.
De acordo com Luz, os policiais resgatados relataram que ficaram cerca de 40 minutos encurralados por cerca de dez bandidos, que atiravam de cima de lajes. Ninguém ficou ferido. ■

Figura 09: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 9/10/2005.

O Favela-Bairro com 10 anos de existência, já interviu em boa parte das favelas cariocas e continua sendo alvo de muitas críticas. Muitas das idéias iniciais, como a regularização fundiária, ainda não foram plenamente realizadas.

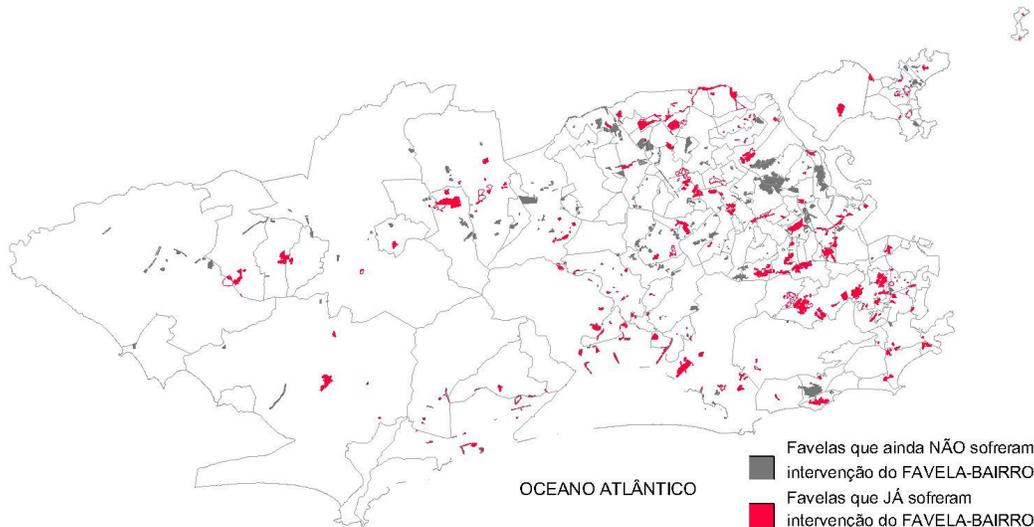


Figura 10: mapa de distribuição do Favela-Bairro. Fonte: Secretaria Municipal do Habitat.

Dentre os motivos dessas críticas estão o fato de o programa não evitar e, até muitas vezes, impulsionar o crescimento das áreas de favela, na medida que, as melhorias acabam proporcionando um aumento nos valores de mercado das casas e afastam alguns moradores para outras áreas dentro da mesma favela ou fazem com que estes busquem novas áreas mais afastadas. Isso faz com que o número de habitantes em favelas continue crescendo muito rapidamente.

Mesmo aquelas que não podem crescer horizontalmente, crescem verticalmente. (figuras 08 e 13).

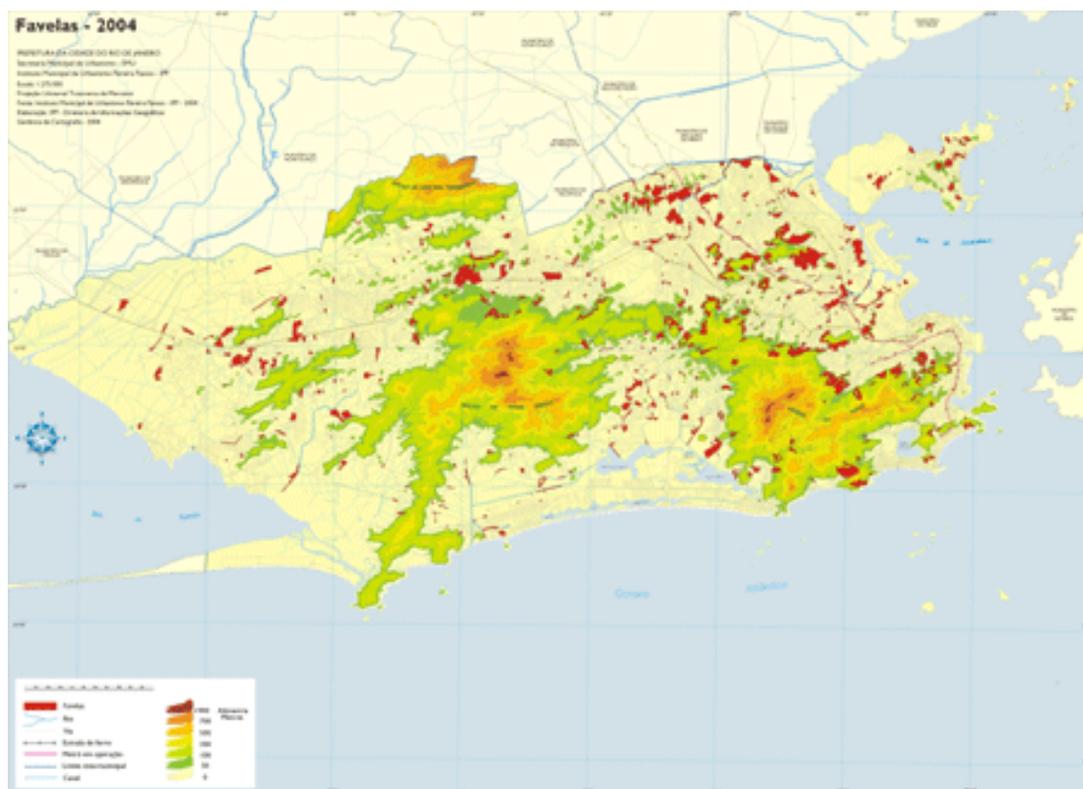


Figura 11: Mapa da distribuição das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Armazém de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Como podemos observar no mapa acima, as favelas ocupam uma boa parte do território da cidade do Rio de Janeiro. Tanto o número destas como o de loteamentos irregulares continua crescendo principalmente na Zona oeste.

Até o Favela-Bairro é contestado

Técnicos do TCM apontam falhas no programa da prefeitura considerado modelo pelo BID

Luiz Ernesto Magalhães

No momento em que a cidade enfrenta o crescimento desordenado de favelas, até um projeto considerado modelo pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) sofre questionamentos. Um relatório feito por técnicos do Tribunal de Contas do Município (TCM) aponta que os US\$ 600 milhões que estão sendo gastos desde 1994 no Programa Favela-Bairro pela prefeitura com recursos próprios e empréstimos do BID dificilmente conseguirão cumprir com o objetivo de transformar áreas carentes em bairros providos de infraestrutura. A paternidade do programa foi até objeto de disputa política.

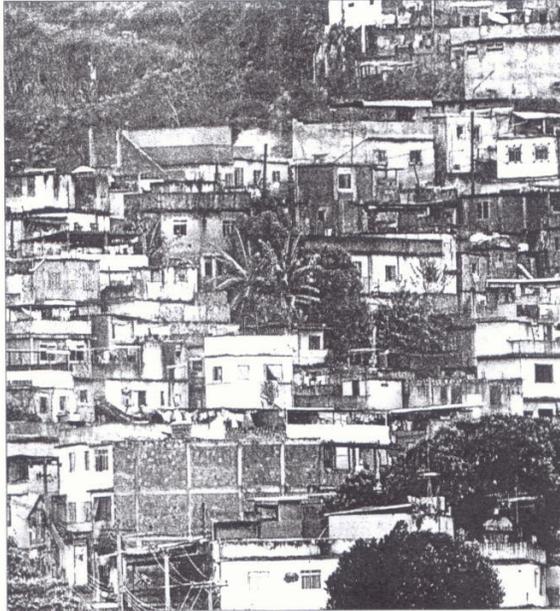
O documento constata que a prefeitura deveria ter se precavido para evitar que as favelas se expandissem entre o momento que a comunidade foi informada sobre as obras e o início efetivo do projeto. Com o avanço das favelas já urbanizadas: "A ausência de mecanismos de controle do crescimento das favelas e dos loteamentos irregulares beneficiados (...) pode ser considerada como um incentivo. A percepção de melhoria a ser obtida com a urbanização resulta em enormes movimentos migratórios".

Relatório critica a não-remoção

Os técnicos entenderam que em muitos casos a estratégia do programa de urbanizar comunidades carentes é equivocada já que, por suas características, jamais poderão ser transformadas em bairros. Seja por particularidades geográficas ou influência do tráfico de drogas. Os técnicos acrescentaram que a prefeitura deveria ter concentrado esforços na construção de moradias para a população de baixa renda no asfalto, em bairros já consolidados.

O trabalho foi realizado por auditores especializados em analisar contratos na área de habitação. O relatório alerta a prefeitura para a necessidade de se criar uma legislação urbanística para conter o crescimento desordenado que já causa impacto econômico na cidade. O texto critica a inexistência de uma política de remoções de comunidades carentes: "A política de não-remoção acrescida do descontrole da expansão e/ou surgimento de ocupações irregulares (...) vem inviabilizando a vocação turística do Rio de Janeiro".

Cópia do documento, que será votado no plenário do TCM na quinta-feira, foi obtida pelo presidente da Comissão de Assuntos Urbanos da Câmara de Vereadores, Luiz Guarani (PSDB). Se aprovado, o relatório será enviado à Secretaria de Habitação.



MINEIRA, uma das comunidades beneficiadas. Segundo o TCM, a influência do tráfico de drogas pode inviabilizar o programa

Cinco favelas foram avaliadas

Os técnicos do TCM fizeram uma pesquisa por amostragem em cinco comunidades do Favela-Bairro 2 para avaliar o impacto das obras em andamento. Elas representam investimentos de R\$ 63 milhões do programa, ou cerca de 12% dos R\$ 300 milhões da segunda etapa. Os moradores reconheceram que houve melhorias devido à pavimentação e à implantação de rede de esgotos, coleta de lixo, iluminação e programas sociais.

No entanto, alguns problemas foram constatados: no Jardim Moricaba (Senador Vasconcelos), mesmo com as obras, não foram resolvidos os problemas de abastecimento de água; em Areal (Guaratiaba), em algumas ruas a rede de águas pluviais não foi implantada; na Vila Rica de Iraí (Acar), há deficiências nas redes de esgoto, drenagem e iluminação. Na Azevedo Lima (Rio Comprido), parte das áreas de lazer e a remoção de moradores em áreas de risco deixaram de ser feitas. No Catumbi/Mineira, o esgoto em alguns pontos continua a correr por valas.

Desde o início do programa em 1994 — entre projetos, obras em andamento e concluídas — cerca de 556 mil moradores, em 143 comunidades médias consolidadas (de 500 a 2.500 domicílios), estão sendo beneficiados pelas ações do Favela-Bairro.

Especialistas dizem que a proposta é boa

Arquiteto ressalta que é necessário ter outras ações paralelas em habitação e transporte:

Ruben Berta

Apesar das críticas do relatório elaborado por técnicos do TCM, para especialistas em urbanismo, o conceito do Programa Favela-Bairro é bom. De acordo com Cristiane Duarte, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, a ideia de manter comunidades já instaladas há muitos anos no próprio local é, na maioria das vezes, o melhor caminho para a solução. — A ideia de manter as pessoas que já estão há muitos anos na comunidade dando o título de propriedade é boa. Mas as ações urbanísticas precisam estar acompanhadas de outras, na área social, para que o projeto funcione em sua plenitude. O arquiteto Sérgio Magalhães dis-

se que o Favela-Bairro ainda continua sendo a melhor saída para os casos de comunidades grandes, já consolidadas. Ele ressaltou, no entanto, que o programa, realizado de forma isolada, não é a solução para o caso habitacional da cidade. — Há favelas em que o melhor caminho é mesmo urbanizar. Pensar em remoção nas grandes comunidades está longe da realidade. Mas investir somente ali não basta. Se não há políticas habitacional e de transportes sendo desenvolvidas paralelamente por estado, município e União, as favelas vão continuar crescendo.

Há cinco anos, o Favela-Bairro esteve entre os melhores projetos do mundo apresentados na Expo 2000, em Hannover, Alemanha, evento que reuniu 173 países no fim do milênio.

O prêmio permitiu que o Favela-Bairro use a logomarca do evento, uma espécie de selo de qualidade e reconhecimento internacional.

A secretária municipal de Habitação, Solange Amaral, afirmou através de sua assessoria de imprensa que o órgão está atento às recomendações dos técnicos do TCM para o aprimoramento do Favela-Bairro. No início do ano, o órgão já havia recebido relatórios aprovados pelo TCM com sugestões para outros dois programas: Bairro Novo e Mutirão.

O prefeito Cesar Maia disse por e-mail que o relatório do TCM precisaria ser comparado com as análises feitas por técnicos do BID: "O Favela-Bairro é um projeto complexo que vai muito além da urbanização", afirmou Cesar. Desde a terceira

feira passada, repórteres do GLOBO tentaram entrar em contato com representantes do banco, mas não houve retorno.

Para o vereador Luiz Guarani, Favela-Bairro está entre os melhores projetos do mundo, mas precisa vir acompanhado de fiscalização dentro das comunidades:

— Infelizmente, a fiscalização te afrouxa. Se não há fiscalização, pessoas se acham no direito de continuar construindo nas favelas e crescimento não pára, já contanto com a prefeitura para fazer as melhorias futuras. ■

► NO GLOBO ONLINE: Pesquisa: Você concorda com a remoção das favelas? www.globo.com.br/rio

Figura 12: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 17/10/2005.

ILEGAL. E DAÍ?

Programa não impede expansão de comunidades

Inspeção do TCM constata que, por falta de fiscalização, pequenas favelas beneficiadas pelo Bairro continuaram a crescer

Luiz Ernesto Magalhães

• O programa Bairro, criado pela Secretaria municipal de Habitação (SMH) para urbanizar favelas de pequeno porte (com até 500 domicílios) e conter o seu crescimento, não vem conseguindo cumprir seus objetivos. Das 26 comunidades que passaram por obras desde 1997, em parte financiadas a fundo perdido pela União Europeia (UE), pelo menos 15 (57,6%) cresceram por falta de fiscalização da prefeitura, conforme concluiu inspeção especial feita pelo Tribunal de Contas do Município (TCM).

Segundo o TCM, apesar de em muitos casos as obras não terem terminado por falta de verbas, acabaram atraindo mais moradores para as comunidades. O problema se agrava porque, de acordo com o TCM, das 26 favelas, em apenas duas — Tijuca (Alto da Boa Vista) e Vila Canoas (São Conrado) — foram criados Postos de Orientação Urbanística e Social (Pousos) para monitorar novas construções nas áreas.

O relatório do TCM chama de frágil o controle do cresci-

mento. Isso ocorre porque, segundo o tribunal, como as obras de urbanização se transformaram no principal foco do programa da SMH, há o risco de as comunidades virarem grandes favelas. "A falta de mecanismos de controle (...) pode ser considerado como um incentivo a essas ocupações (...)". A ausência de controle (...) tende a gerar demandas por programas de maior porte (...), escreveram os fiscais.

Procurada durante dois dias por telefone e por e-mail, a secretária de Habitação, Solange Amaral, não se manifestou sobre o relatório. Em abril, quando o documento foi votado em plenário, o TCM fez 25 recomendações e determinações à SMH para modificar o programa e corrigir falhas. Até a sexta-feira, não havia recebido qualquer resposta.

Líderes comunitários dão

razão ao TCM. No Morro da Babilônia (Leme), havia 37 casas para serem removidas em abril de 2003, quando as obras começaram. Todas ficavam em área de preservação ambiental (APA).

— A prefeitura demarcou os eco-limites, mas não instalou as cercas. Hoje, já são 86 casas. Só posso tentar evitar ocupações na conversa. Mas nem sempre as pessoas atendem aos pedidos. Quem tem poder de fiscalizar é a prefeitura — disse Isaias Bruno, presidente da Associação de Moradores da Babilônia.

A situação não é diferente no Morro do Chapéu Mangueira (Leme), onde o projeto também ficou incompleto. Nos últimos meses, cerca de dez barracos foram construídos num terreno particular invadido na Ladeira Ari Barroso.

A implantação de um Pouso era prevista na Vila Parque da

Cidade (Gávea). Mas, como confirmou o TCM, ficou no papel. Bem como a creche e um Centro Municipal de Assistência Social (Cemas) previstos no projeto original.

— A prefeitura alega falta de verbas para concluir as obras — explicou o líder comunitário Waldir Cavalcante.

A Associação de Moradores da Vila União da Paz (Padre Miguel) estima que o número de casas na favela tenha passado de 900 para 1.500 (77%) desde as obras, feitas em 2001, que também ficaram incompletas. O líder comunitário Antônio Moraes de Souza diz que faz o que pode, pois a prefeitura não fiscaliza a comunidade:

— A gente impede que construam no meio da rua. Mas, do muro para dentro, quem manda é o morador. Muitos decidiram construir mais de uma casa em cada lote — disse.

Na Tijuquinha (Barra da Tijuca), o controle também é feito pela associação de moradores. O líder comunitário Mauro Gonçalves Vieira, porém, admite dificuldades para evitar a expansão vertical.

Para Sérgio Magalhães, professor da Faculdade de Arqui-

tetura e Urbanismo da UFRJ e alerta para a falta de programas complementares. "A opção de priorizar a urbanização de comunidades carentes, em detrimento das demais políticas habitacionais (...) se constitui em perigosa herança deixada para as gerações atual e futura, dada a carência de implementação, concomitante, de contenção efetiva de crescimento, de programas sociais (...). Finalmente, deve ser considerada a adoção de outras formas de assentamento, visto que algumas dessas comunidades dificilmente assumirão características de bairro para se integrarem à cidade formal (...)", conclui o relatório.

O Bairro prevê gastos de R\$ 36 milhões na urbanização de 44 favelas — 18 ainda estão em fase de projetos ou em licitação — onde vivem 62 mil pessoas. Os recursos são da prefeitura, da União Europeia e da Caixa Econômica Federal.

— Mesmo a fiscalização só terá sucesso se articulada com um programa de regularização fundiária que formalize a posse dos imóveis — disse.

O relatório do TCM também

se integrarem à cidade formal (...), conclui o relatório.

O Bairro prevê gastos de R\$ 36 milhões na urbanização de 44 favelas — 18 ainda estão em fase de projetos ou em licitação — onde vivem 62 mil pessoas. Os recursos são da prefeitura, da União Europeia e da Caixa Econômica Federal.

— Mesmo a fiscalização só terá sucesso se articulada com um programa de regularização fundiária que formalize a posse dos imóveis — disse.

O relatório do TCM também

"O controle urbanístico só se faz com o poder público presente nas comunidades"

SÉRGIO MAGALHÃES
Escrevendo municipal de Habitação

"Só posso tentar evitar ocupações na conversa. Quem tem poder de fiscalizar é a prefeitura"

ISAIAS BRUNO
Líder comunitário do Morro da Babilônia



LIMA FOTO DA Rocinha, na região voltada para a Lagoa, tirada pelo engenheiro Edgard Amaral em 1998



A PROJEÇÃO DE expansão em menos de uma década, se for mantido o crescimento dos últimos anos

Figura 13: reportagem retirada do jornal "O Globo" de 9/10/2005.

Segundo as duas reportagens acima, técnicos do Tribunal de Contas do Município fizeram um relatório sobre o "Favela-bairro" e apontaram uma série de problemas, entre eles, criticaram o paternalismo do programa que "não realiza remoções de comunidades" e a ausência de fiscalização que acaba por proporcionar o crescimento das favelas e o aumento do processo migratório. Os técnicos acrescentam que, por diversos motivos, algumas das favelas nunca se transformarão em bairros.

Desde o aparecimento das primeiras favelas na paisagem carioca até os dias de hoje, percebemos que a favela teve várias representações: já foi o "lugar da pobreza", "dos trabalhadores", "do vício e da promiscuidade", "berço do samba e da cultura popular", até chegar aos dias de hoje como "lugar da violência" e como um "prejuízo" para a questão ambiental. Essa representação da favela é tanto daqueles que vivem longe, como daqueles que vivem nela como veremos no decorrer desse trabalho.

Resumo Esquemático:

A República e o surgimento das primeiras habitações em favelas ignoradas pelo poder público		A intervenção do Estado na habitação e reconhecimento da favela como uma "aberração".					
Anos	1897	(1902-1906)	Anos 20:	(1925-1930)	Anos 30	(1931-1935)	1937
	Morro da Providência: ocupação por soldados de "Canudos"	Pereira Passos "bota abaixo" problema da habitação.	expansão industrial do RJ - deslocamento da indústria e do operariado.	Plano Agache	IAPs Discussão da habitação Estado provedor Casa própria	Pedro Ernesto: reconhecimento das favelas que ganham visibilidade.	Código de Obras: propõe eliminação das favelas, proíbe a construção de novas moradias ou melhoria das existentes.
A pedagogia civilizatória: a favela como um "problema moral"		A favela como um "problema político"					
Anos 40	1940	1942	1946	1947	1948	1955	1956
A existência das favelas foi admitida e tornada objeto de estudo.	PARQUES PROLETÁRIO S, resultado do Relatório Moura: casas provisórias	Lei do Inquilinato Direcionar investimentos para outras áreas; redução dos custos de reprodução da força de trabalho	FCP: 1º órgão habitacional	Fundação Leão XIII: "dar assistência material e moral aos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro".	1º censo de favelas do Distrito Federal dada à sua maior visibilidade.	Cruzada São Sebastião: "dar solução racional, humana e cristã ao problema (...)". "Integração dos favelados com o bairro".	"Lei das Favelas" SERFHA. Propostas urbanizadoras, embora também de demolição, transferência de moradores.
Aumento das favelas cariocas. "boom imobiliário" Intensificação migração.	Os "selvagens" das favelas!!!						
RJ: DHP							



Capitulo II – Presupostos teórico-metodológicos

Capítulo II – Pressupostos teórico-metodológicos

Para melhor compreender a relação do morador das duas favelas com a sua moradia, desenvolver-se-á um estudo baseado nas representações sociais, a fim de se conhecer os sistemas de crenças e valores que influenciam preferências com relação à moradia, comportamentos e expectativas.

2.1 – A Representação Social

Desenvolvida por Moscovici, a Teoria das Representações Sociais irá de encontro com as representações individuais e coletivas defendidas por Durkheim.

Para Durkheim, criador do termo “sociologia”, **fato social** seria algo que não se poderia definir pela sua generalidade no interior da sociedade, mas, teria como características fundamentais a sua exterioridade em relação às consciências individuais e a ação coercitiva que exerce ou é suscetível de exercer sobre essas mesmas consciências. Além disso, o fato social estaria num estado de independência em relação às suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 1978).

Segundo ele, quando nascemos, encontram-se já definidas as crenças e as práticas da sua vida religiosa; se elas existiam antes deles é porque existiam fora deles.

Num esforço para estabelecer a sociologia como uma ciência independente, Durkheim defenderia uma separação radical entre o individual e o coletivo. Para ele, o fato social não poderia ser confundido com os fenômenos orgânicos, nem com os fenômenos psíquicos e seria domínio próprio da nova ciência chamada **sociologia**.

Para Durkheim, seria possível distinguir as Representações em: Representações coletivas e Representações individuais. As primeiras teriam suas leis próprias, exerceriam coerção sobre o indivíduo, conduziria homens a agir de maneira **homogênea**, transcenderia o individual, caracterizar-se-ia pela objetividade e seriam estáveis. Já as outras, não possuiriam leis próprias, caracterizar-se-iam pela subjetividade e seriam efêmeras.

“A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações; é, portanto, presumível que representações individuais e representações sociais são, de uma maneira, comparáveis. Iremos, com efeito, tentar mostrar que umas e outras sustentam a mesma relação com seu substrato respectivo. Mas esse paralelo, longe de justificar a concepção que reduz a sociologia a ser apenas um

corolário da psicologia individual, aceitará, ao contrário, a independência relativa desses dois mundos e dessas duas ciências (grifo nosso)” (DURKHEIM, 2004)

Durkheim pretendia que as representações coletivas se constituíssem em um domínio situado à parte e dissociado do psíquico e emocional.

A Teoria das representações sociais, proposta por Moscovici, rompe com essa visão dicotômica. Para ele há uma indissociabilidade entre indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, externo e interno.

A representação possibilita a integração do objeto às experiências prévias do indivíduo constituindo um saber funcional que articula e dá sentido aos comportamentos, saberes e comunicação de indivíduos e grupos.

“(…) as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros”. (DURVEEN, 2003).

O objeto de estudo de Moscovici não são as sociedades ditas arcaicas, pois ele não busca a tradição de uma sociedade pré-estabelecida, mas a inovação de um social móvel do mundo moderno. Ele substitui a noção de representações coletivas por Representações Sociais, pelo reconhecimento da importância da comunicação. Há uma flexibilidade entre o que é social e individual, sendo assim, qualquer coisa de individual pode tornar-se social, ou vice-versa. Moscovici sugeriu que as representações sociais são a forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente.

Para Moscovici, “(…) cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, idéias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não e que nos atingem, sem que saibamos (...)”. (MOSCOVICI, Serge, 2003: 33).

Entretanto, de acordo com Moscovici, as representações possuem duas funções. A primeira delas é a de convencionalizar os objetos que encontram, ou seja, dar forma definitiva, categorizar e colocar como um modelo, ao qual todos os novos elementos vão estar sintetizados. É dessa maneira que, por exemplo, associamos medicina à imagem de uma cruz vermelha num fundo branco ou a cor preta à idéia de morte. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, sob pena de não ser nem

compreendido nem codificado. A outra é a função de prescrever, isto é, impor-se sobre nós com uma grande força, força essa que é a combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar.

A elaboração e funcionamento de uma representação pode ser compreendidos através dos processos de **objetivação** e **ancoragem**.

A **Objetivação** cria uma identidade autônoma dos valores, materializa as abstrações e transforma em objeto o que é representado. O abstrato é tornado concreto. Já a **ancoragem** está articulada à objetivação, para assegurar três funções fundamentais da representação: incorporação do estranho ou do novo, interpretação da realidade e orientação dos comportamentos. Nesse sentido, temos o exemplo da Aids que, como algo novo, para ser incorporado, o sujeito associa a algo já conhecido, como uma outra doença contagiosa, através do processo de ancoragem. Aos poucos, com as informações recebidas, através da objetivação, o que era abstrato se transforma em concreto. (NÓBREGA, 2003)

2.1.1. abordagem estrutural

Desenvolvida por Jean-Claude Abric, a abordagem estrutural, como o próprio nome já diz, se preocupa com a estrutura das Representações Sociais, em como elas se organizam. De acordo com essa abordagem, as Representações Sociais se organizam em torno de um núcleo (Núcleo Central) e em torno desse núcleo se estabelecem os sistemas periféricos.

Segundo Abric, o núcleo central é composto de um ou alguns elementos cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente.

O Núcleo Central teria dimensões normativas (ligados aos sistemas de valores, à sua história e à ideologia de indivíduos e grupos determinando os julgamentos e às tomadas de posição em relação ao objeto) e funcionais (associados às características descritivas e à inscrição do objeto nas práticas cotidianas, determinando as condutas em relação ao objeto). Os elementos serão ativados diferentemente de acordo com o contexto social.

Em torno do núcleo central organizam-se elementos periféricos, que formulam a representação em termos concretos, compreensíveis, facilitando sua transmissão (Concretização), permite a adaptação às evoluções do contexto (Regulação) e permite

interpretações novas e contraditórias com isso protegendo o Núcleo Central (Defesa). Segundo Sá (2002), os elementos periféricos são esquemas organizados pelo Núcleo Central e, que associados a ele, permitem a ancoragem da representação na realidade. Regulando e adaptando o sistema central as especificidades das diferentes situações do cotidiano as quais os grupos são confrontados, é o sistema periférico que vai absorver primeiro as novas informações ou eventos capazes de questionamentos ao núcleo central, constituindo a sua análise um elemento essencial nos estudos de processos de transformação das representações.

NÚCLEO CENTRAL	SISTEMA PERIFÉRICO
Ligado à memória coletiva e à história do grupo;	Permite a integração das experiências e histórias individuais;
Consensual: define a homogeneidade do grupo;	Suporta a heterogeneidade do grupo;
Estável, coerente e rígido;	Flexível, suporta as contradições;
Resistente à mudança;	Evolutivo;
Pouco sensível ao contexto imediato;	Sensível ao contexto imediato;
Funções: gera a significação da representação e determina sua organização.	Funções: permite a adaptação à realidade concreta, permite a diferença do conteúdo e protege o sistema central.

Quadro 01: Divisão do Núcleo Central e Sistema Periférico. (Sá, 2002:74).

Método da Associação ou Evocação Livre

O método da Associação ou evocação livre é um método de levantamento de núcleo central e consiste em se pedir aos entrevistados que, a partir de um termo indutor apresentado, digam as palavras ou expressões que lhe tenham vindo imediatamente à lembrança. A vantagem desse método é permitir a atualização de elementos implícitos que seriam perdidos ou mascarados numa entrevista, por exemplo.

A combinação de **freqüência de evocação** e **ordem média de evocação** de cada palavra possibilita o levantamento daquelas que provavelmente pertencem ao Núcleo Central da representação, por ser mais prontamente evocada e mais vezes evocada. No gráfico abaixo, a partir da interseção da **freqüência média de evocação** do inteiro conjunto

de palavras com a média de suas respectivas **ordens médias de evocação**, são definidos nos quatro quadrantes que conferem diferentes graus de centralidade às palavras que os compõem.

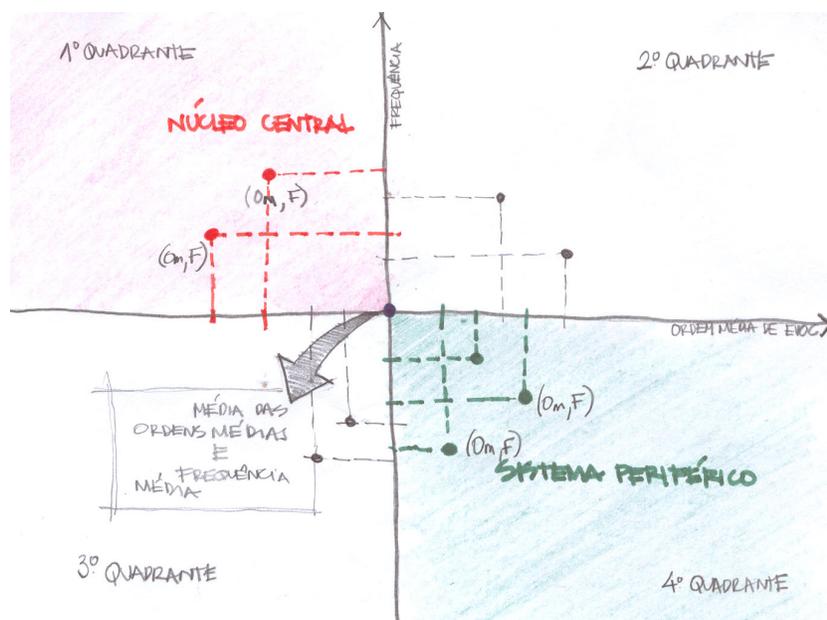


Figura 14: Estrutura da Representação social.

O quadrante superior esquerdo (primeiro quadrante) engloba as cognições mais suscetíveis de constituir o núcleo central da representação, na medida em que são aquelas mais freqüentes e prontamente evocadas.

A fim de se dar conta da configuração completa da representação é necessário o agrupamento de praticamente todas as palavras ou expressões evocadas em um sistema consistente de categorias.

2.2 – Análise de conteúdo

A análise de conteúdo desenvolveu-se nos EUA, do início do século até anos 40 e, entre as décadas de 1940 e 1950, o departamento de ciências políticas dos EUA vai destacar-se no seu desenvolvimento, principalmente por conta da investigação política. Entre as décadas de 1950 e 1960, no plano metodológico, temos a alternância entre a abordagem quantitativa (freqüência) e a abordagem qualitativa (presença ou ausência).

Método de análise

Em uma resposta a questões abertas, segundo Bardin (1977) pode-se analisar as relações que o indivíduo mantém com o objeto estudado. Para isso, é necessário classificar essas relações segundo critério escolhido, como por exemplo, as relações de afetividade que os indivíduos têm com esse objeto e assim, estabelecer um quadro onde serão analisadas as presenças ou ausências de determinada expressão.

2.3. – Objetivos da Pesquisa

Os objetivos desse estudo são:

- Identificar a representação da moradia pelo morador;
- Analisar como o usuário se apropria do espaço de que dispõe;
- Analisar como esse usuário é capaz de concretizar o ideal de moradia, com os recursos escassos de que dispõe e com as limitações impostas pela configuração espacial da favela e definir conceitos básicos que norteiam novos projetos de habitação de interesse social.

No momento em que formos capazes de identificar e entender esse usuário, seremos capazes também de estabelecer princípios básicos para novos projetos. Uma vez que, entendidos o morador e o espaço por ele idealizado, seremos capazes de desenvolver projetos com maior ênfase nos anseios e desejos dos mesmos. Buscar, a partir desse estudo da representação social da moradia, uma “espinha dorsal” do que seja o ambiente de morar para o usuário. Contrastando a sua realidade com a sua vontade. Daí, a necessidade de analisar não só a sua habitação, mas também o usuário para, através de questionários específicos obtermos as respostas de que necessitamos.

2.4 – Procedimentos utilizados

Para a realização dessa pesquisa foi desenvolvido um levantamento através da revisão de literatura sobre o tema; um levantamento físico e fotográfico; e da definição do universo a ser estudado. Foi elaborado um questionário comportamental composto de perguntas abertas e fechadas, além de um questionário sócio-econômico. As perguntas abertas pretendiam identificar as questões de conforto, segurança e tranquilidade, elementos bastante freqüentes quando da aplicação desses questionários em Conjuntos Habitacionais nas pesquisas realizadas pelo Laboratório de Habitação/ UFRJ.

A fim de se compreender as representações sociais da moradia pelos moradores das duas favelas, optou-se por trabalhar com a abordagem estrutural e, assim sendo, com o

método de associação ou evocação livre de palavras e uma seleção de imagens para escolha, que serão analisadas através de uma análise de conteúdo.

A pesquisa foi realizada a fim de definir o problema com maior precisão e maior compreensão desse usuário. Foram realizadas entrevistas com os moradores das duas favelas em estudo.

Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se por realizar dois estudos de caso considerado como o método mais apropriado, na medida em que seria possível aplicar os métodos de levantamento do núcleo central e compreender a estrutura da representação social da moradia pelos moradores de duas favelas da cidade do Rio de Janeiro. Com isso, será possível também identificar, através desses dois exemplos, como a representação da moradia na favela muda e como ela pode ser heterogênea.

Alguns critérios foram considerados para a escolha dos estudos de caso a fim de se possibilitar um estudo comparativo entre os resultados. Dentre eles podemos citar, os pontos em comum:

- O **tamanho**: escolheram-se duas favelas que tivessem um número pequeno de moradores (aproximadamente 500 famílias) para que pudéssemos atingir um universo representativo de entrevistados fosse. Vila Nova Esperança possui área aproximada de 125.000 m² e Vila Pereira da Silva tem tamanho aproximado de 51m².
- Não domínio do **tráfico de drogas**: optamos por trabalhar em duas favelas onde não houvesse um domínio do tráfico para que essa questão não interferisse e “contaminasse” os resultados da pesquisa, além de facilitar nosso acesso aos locais;

Pontos distintos:

- A **localização**: optamos por estudar duas favelas cuja localização fosse diferenciada. Portanto, escolhemos uma localizada na zona sul e outra na zona oeste da cidade.
- O **Tempo** de existência e permanência: escolhemos duas favelas cuja origem remontasse tempos distintos e cuja “idade” fosse bem diferente. (raízes consolidadas). Uma delas tem origem na década de 30 enquanto a outra na década de 90;
- A **Urbanização** (Favela-Bairro) ou não urbanização: procuraram-se para o estudo uma favela urbanizada, de preferência que tivesse passado por

programa da prefeitura (Favela Bairro, Bairrinho, etc.) e outra que não fosse urbanizada;

- A **Implantação** em área plana ou em área de aclave/ declive: buscaram-se duas favelas cuja implantação se desse em área de aclave ou em área plana, para novamente poder estabelecer um paralelo entre as duas situações e verificar a questão: “morar no morro” x “morar em favela”.

Na elaboração dos questionários, optou-se em dividi-lo em quatro partes:

A primeira delas seria a associação de palavras, colocada na frente para que as perguntas seguintes não influenciassem essa resposta. Trabalhou-se com a associação de palavras de livre evocação com a palavra indutora MORADIA.

A segunda parte foi composta pelas perguntas abertas que se referiam a “morar com conforto”, “morar com segurança” e “morar com tranqüilidade”, que foram escolhidas, pois, nos demais trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Habitação (SILVA, 2006; BERGAN, 2005), essas três palavras apareciam na estrutura da representação social e achamos necessário entender o que se compreende por conforto, segurança e tranqüilidade, uma vez que são palavras de ampla significação.

A terceira parte foi composta pelo questionário socioeconômico, onde se perguntava o número de moradores, a escolaridade, renda, profissão, etc.

A quarta e última parte do questionário foi composta pela seleção de imagens de livre escolha, que pretende confirmar e aprofundar a questão da representação da “moradia” e de se conhecer o sentido de “morar bem” para os moradores. Para tanto foram escolhidas 16 imagens com características tipológicas diversas. Teve-se a preocupação em separar imagens de casas isoladas, na praia ou no campo, vilas residenciais, cortiços, conjuntos de casas, conjunto de apartamentos, edifício de apartamentos, favela urbanizada e uma imagem da própria favela em estudo.

Primeiramente era pedido para que as imagens fossem separadas em dois grupos: aquelas que representassem “morar bem” e aquelas que não representassem. Posteriormente, pedia-se para que retirassem as três que mais têm a ver e as três que menos tinham relação. No final era pedido para que justificassem as escolhas. Essa justificativa será analisada através da análise de conteúdo, onde será analisada a ausência ou a presença de determinadas palavras ou expressões com relação a essas imagens.

As imagens selecionadas são de grande utilidade principalmente quando comparadas com a concretização, dentro dos limites impostos pela favela, da própria

moradia. Que fatores simbólicos e/ ou psicológicos são levados em consideração na hora do sujeito edificar sua moradia? (ver questionário anexo)

O trabalho de campo nas duas favelas foi um pouco distinto. Em Vila Nova Esperança, a receptividade foi muito maior. Optou-se por realizar 150 entrevistas. Já na favela Vila Pereira da Silva foi mais difícil encontrar os moradores em casa, pois a grande maioria trabalha durante o dia e a receptividade foi baixa. Optou-se por realizar 100 entrevistas. A escolha dos domicílios foi aleatória em ambos os casos, de acordo com a disponibilidade de os moradores nos receberem. Entretanto, buscou-se visitar os diferentes tipos de casas, nos diversos trechos das duas favelas, a fim de se ter um apanhado o mais heterogêneo possível. Normalmente os entrevistados eram as mães ou pais de famílias ou pessoas sempre maiores de 15 anos.



Capítulo III – Estudios de caso

Capítulo III – Estudos de Caso

Para a realização do estudo escolheram-se duas favelas com características distintas, de tal forma que fosse possível estabelecer paralelos entre elas.

A primeira delas (Vila Nova Esperança) está localizada no Bairro de Jacarepaguá, zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sua ocupação é bastante recente e está associada à expansão urbana ocorrida em direção à Baixada de Jacarepaguá, principalmente após da década de 80. Está situada em área plana e ainda não passou por programas de urbanização, da prefeitura do Rio de Janeiro, inclusive o Programa Favela-Bairro. Suas ruas não são pavimentadas e o sistema de esgoto, realizado pelos próprios moradores, é improvisado e deficiente. Possui aproximadamente 500 domicílios, segundo a associação de moradores. Sua área é de aproximadamente 125.000 m².

A segunda (Vila Pereira da Silva) está localizada entre os bairros de Laranjeiras e Santa Teresa, na Zona Sul da cidade e possui uma ocupação um pouco mais antiga, que data da década de 30/40. Sua ocupação ocorreu em virtude da explosão imobiliária dessa Zona da cidade nesta época. Está situada em área de alicerce. Já passou por Programas de urbanização, dentre eles, o Programa Bairrinho (2001-2004), similar ao “Favela-Bairro”, direcionado a favelas de pequeno porte (de 100 a 500 domicílios). Possui área aproximada de 51.000m²

De características um pouco diversas (a localização na cidade, o tempo de ocupação, a existência ou não de infra-estrutura urbana, etc.) apresentam similaridades com relação à dimensão e número de moradores (ambas com aproximadamente 500 famílias e ocupam uma área pequena). Outra semelhança é o fato de serem favelas onde o tráfico de drogas não se faz muito presente, seja pela existência de milícias ou mineiras no primeiro caso ou pela presença de uma associação de moradores forte no segundo caso.



Figura 15: mapa da cidade do Rio de Janeiro com a localização das duas favelas a serem estudadas.

3.1. Vila Nova Esperança

A favela de Vila Nova Esperança está situada na Gardênia Azul, no bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A ocupação de Vila Nova Esperança data do início dos anos 90, de uma invasão por parte de um grupo de moradores, ocorrida em 1992, segundo relato dos moradores do local. Está localizada próxima à cidade de Deus, hoje uma favela bastante densa e marcada pelo tráfico de drogas.¹⁴

Sua ocupação está relacionada ao crescimento demográfico da Baixada de Jacarepaguá, destacadamente a Barra da Tijuca, o que vem acontecendo principalmente nas últimas duas décadas. Sua localização é privilegiada, à medida que tem a Avenida Ayrton Sena como um de seus limites, acessando facilmente o bairro da Barra da Tijuca e tendo também o acesso à linha Amarela a menos de 500 metros, possibilitando acesso rápido e fácil ao centro da cidade.

Vila Nova Esperança possui hoje aproximadamente 500 famílias. Quase todas as casas são de alvenaria. A favela não passou ainda por obras de urbanização; o sistema de esgoto foi obra realizada pelos próprios moradores e a falta de luz é uma constante na vida dos moradores. Além disso, não há calçamento nas ruas que são todas de terra.

¹⁴ Cidade de Deus foi um conjunto que fez parte da política “remocionista” da década de 60. Projetado durante o governo Lacerda. Em 1966 recebeu os primeiros moradores - desabrigados de uma das piores enchentes que o Rio enfrentou. Pouco depois, moradores de outras 60 favelas foram deslocados para lá. Longe do centro da cidade, cresceu desordenadamente, e favelizou-se. Surgiram várias favelas no entorno e hoje Cidade de Deus possui mais de 120 mil habitantes.



Figura 16: Foto aérea da favela Vila Nova Esperança.

Fonte: Ortofoto digital da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

3.1.1. Relação com o bairro

Historicamente, a ocupação da Baixada de Jacarepaguá começa nos séculos XVI e XVII, quando a cultura do açúcar traz a construção de benfeitorias e capelas nos engenhos coloniais. As festas religiosas e procissões levaram à construção das numerosas igrejas e capelas, como a da Nossa Senhora do Loreto e a da Nossa Senhora da Pena. A partir do século XIX a região surgia como periferia da Corte, fato que gerou o aparecimento das grandes propriedades, onde o café florescia nas terras altas da Freguesia, Itanhangá e estrada velha de Jacarepaguá. A extensão das linhas de bondes gerou crescimento econômico e populacional, favorecendo a formação de uma classe média do bairro. (VIANNA, 1992). O processo do parcelamento das grandes propriedades, a procura do bairro de Jacarepaguá para abrigar numerosas clínicas e hospitais e o surgimento das residências foram contribuindo para as suas feições atuais.

Gardênia Azul, localizada no bairro de Jacarepaguá, é espantosamente denso, embora a maioria das edificações seja térrea, de dois ou no máximo três pavimentos, residenciais unifamiliares ou bifamiliares. Quase não há edifícios de apartamentos ou comerciais no bairro. A área é extremamente árida e quente.

Na sua origem, juntamente com a região do Anil e Cidade de Deus, Gardênia Azul fazia parte da Fazenda do Engenho D'Água. A casa-sede ainda existe numa colina, situada no entroncamento da Estrada do Gabinal, Rua Edgard Werneck, Avenida Tenente-Coronel Muniz de Aragão e Avenida Airton Senna. O prédio está tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional e pertence aos descendentes do Barão da Taquara. Junto da casa se ergue a capela de Nossa Senhora da Cabeça, a mais antiga de Jacarepaguá, também tombada.(MAC-DOWELL, 1979).

3.1.2 – A pesquisa em campo

A pesquisa de campo realizou-se de novembro de 2005 a janeiro de 2006 e contou com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Habitação – PROARQ – UFRJ. Foram realizados 150 questionários compostos por associação de palavras, perguntas abertas, perfil sócio-econômico e seleção de imagens. Paralelo a isso foi realizado um levantamento das casas quando era permitido pelos moradores, o que resultou em um total de 115 levantamentos.

A escolha dos domicílios foi aleatória, de acordo com a disponibilidade de os moradores nos receberem. Tentou-se, entretanto, visitar os diferentes tamanhos e tipos de casas.

Posteriormente, pedia-se para que retirassem as três que mais têm a ver e as três que menos tinham relação. Essa seleção de imagens tem como objetivo descobrir a característica espacial dessa moradia a que almeja o morador dessa favela.



Figura 17: Foto da praça localizada no acesso à favela.



Figura 18: Interior da casa do Sr. Marcelo¹⁵, morador da Vila Nova Esperança.



Figura 19: Sra. Maria e sua filha à porta de casa.

3.1.3. Apresentação dos resultados

Os resultados obtidos nas pesquisas realizadas na comunidade Vila Nova Esperança nos meses de Dezembro/2005 e Janeiro/2006 podem ser observados a seguir.

¹⁵ Os nomes dos moradores apresentados nesse trabalho são fictícios.

Com relação ao perfil sócio-econômico dos moradores, os resultados mostram que 74,7% dos chefes de família pertencem ao sexo masculino, mas um número significativo de mulheres (24,7%) toma à frente da casa, tendo que arcar sozinhas com o sustento muitas vezes de uma família numerosa.

Com relação à origem dos moradores, percebemos uma certa heterogeneidade: 28,2% dos entrevistados provêm de outro município ou estado. Um grande número deles (20,1%) também vêm da Gardênia Azul (bairro onde está situada a favela em questão), seguido por pessoas vindas da Zona Oeste (em áreas não caracterizadas como favela - 17,4%). Com esses dados reforça-se a idéia de que a migração entre as cidades ainda é um dos grandes fatores que influenciam a densificação das favelas cariocas. Segundo dados do censo do IBGE, de 1996 não residiam no Rio de Janeiro em 1991 e passaram a residir em 1996, 200593 pessoas, dessas, 70.767 (35,28%) vieram da Região sudeste, 12.463(6,21%) da Região Norte, 78.720 (39,24%) da região nordeste, 10.851 (5,40%) da Região Sul e 10.787 (5,37%) da Região Centro-Oeste. (Fonte: www.ibge.gov.br)

Também o grande número de moradores que abandonam a malha formal a fim de se direcionar para a favela recente é de impressionar, mais ainda se imaginarmos que se trata de um bairro de classe média baixa, onde os aluguéis são condizentes com tal faixa e que, do ponto de vista da localização também pouco diferem. Entretanto, ao conversar com uma moradora do bairro Gardênia Azul e comerciante de Vila Nova Esperança, percebi que é o sonho da casa-própria que motiva essa mudança. Mesmo em condições precárias de saneamento e infra-estrutura urbana, “fugir do aluguel” continua sendo prioridade para tais moradores. Na verdade, trata-se de trocar o aluguel na malha formal por um terreno ou uma “laje” na favela a baixos preços. Além disso, devemos considerar o fato de que nas favelas, vivendo na informalidade, estão livres de impostos e taxas municipais, o que acaba “barateando” o custo de vida na favela.

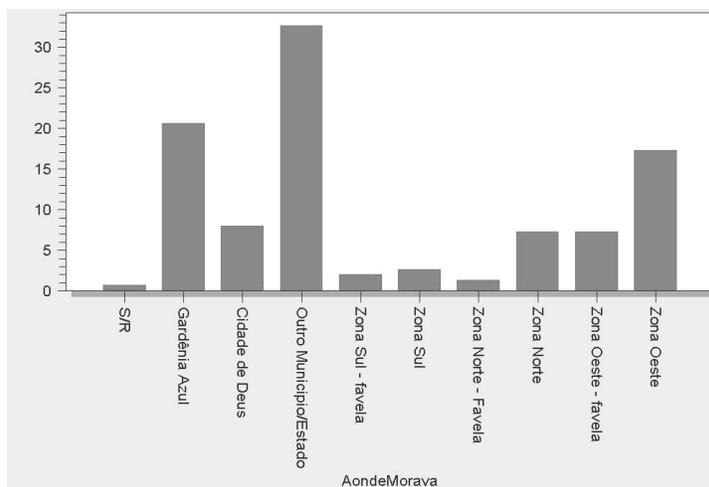


Gráfico 01: origem dos moradores de Vila Esperança

Percebemos também o número médio de 3.81 moradores por família. Verificamos que esse número é ainda maior que a média nacional que, segundo dados do Censo de 2000, é de 3.55 habitantes/ domicílio particular. Temos que 28% das famílias possuem quatro moradores e que 22,7% dela possui 3 moradores. Apenas 2,7% possuem apenas um habitante. (<http://www.ibge.gov.br>)

Em relação à ocupação ou à profissão dos chefes de família na favela em estudo, percebemos que a grande maioria destes trabalha na prestação de serviços diversos, neste incluindo porteiros, garçons, etc. (53,3%) seguidos pela construção civil, que representa 19,3% dos entrevistados. Comparando aos dados do IBGE, na população trabalhadora brasileira, temos 29,59% de trabalhadores dos serviços e vendedores do comércio e 22,10% são trabalhadores da produção de bens e serviços industriais.

O nível de escolaridade não é muito alto, observando-se que a grande maioria, ou seja, 57,3 % dos entrevistados têm apenas o Ensino Fundamental (antigo Primeiro Grau), seja ele completo ou incompleto. Já 16,6% têm o Ensino Médio (antigo segundo grau) completo ou incompleto. Comparando com os dados do último censo de 2000, com relação à população brasileira e, considerando a faixa etária dos chefes de família de 20 a 24 anos, temos uma média de 7,5 anos de estudo e, numa faixa etária de 25 ou mais, temos 5,7 anos de estudo. Dos estudantes com mais de 5 anos de idade, 68,71% têm até o Ensino Fundamental completo, 16,59% têm até o Ensino Médio e apenas 5,67% têm o ensino superior.

A renda dos moradores está numa faixa que varia entre dois (24,0%), três (19,3%) e quatro salários mínimos (14,7%), o que, num total, configura uma renda média de 2,96

salários mínimos por família e configura também que 58% das famílias possuem renda inferior a quatro salários mínimos. Esses dados mostram uma aparente concordância com os dados nacionais, onde, segundo dados do IBGE de 2003, 58,53% das famílias brasileiras tinham renda até quatro salários mínimos (R\$ 1.200,00 à época), sendo que 16,38% delas até 400,00/mês.

A maioria dos entrevistados mora na comunidade há pouco tempo. Destes, 31,3% está há menos de dois anos, o que demonstra o grande fluxo recente de pessoas (principalmente vindas de outras cidades) para essa favela, que tende a se tornar ainda mais densa.

a. A estrutura da Representação Social da moradia

A palavra indutora usada na associação de palavras foi MORADIA. A fim de ter um melhor resultado, foi necessário categorizar as palavras evocadas. Para tanto, as palavras foram agrupadas de acordo com seus significados. Todas as palavras consideradas sinônimas ou que possuíssem sentido próximo foram agrupadas. Depois se agrupadas, escolheu-se a que tivesse maior frequência de evocação dentre elas para representar o grupo.

Dessa forma, foram agrupadas, por exemplo, à palavra “**tranquilidade**” todas as palavras entendidas como sinônimas desta: “sossego”, “tranquilo”, “sossegado”, “calmo”, “calmaria”.

Foram agrupadas à palavra “**gastos**” as palavras “contas”, “despesas”, dentre outras consideradas sinônimas. À “família” foram agrupadas as palavras referentes aos membros da família como “pai” “mãe”, “irmão”. Em “bens consumo” temos “fogão”, “geladeira” e outros bens de consumo evocados pelos entrevistados. À palavra “direito” foram agrupadas expressões como “todos devem ter”, “direito à habitação”. Foram agrupadas à palavra “própria”, as palavras ou expressões: “casa-própria”, “quero ter”

Da mesma maneira, à palavra “**saneamento**” foram agrupadas as palavras “água”, “esgoto”, “calçamento”, “asfalto”. Como a palavra “saneamento” havia sido mais evocada e representava melhor o grupo, foi mantida.

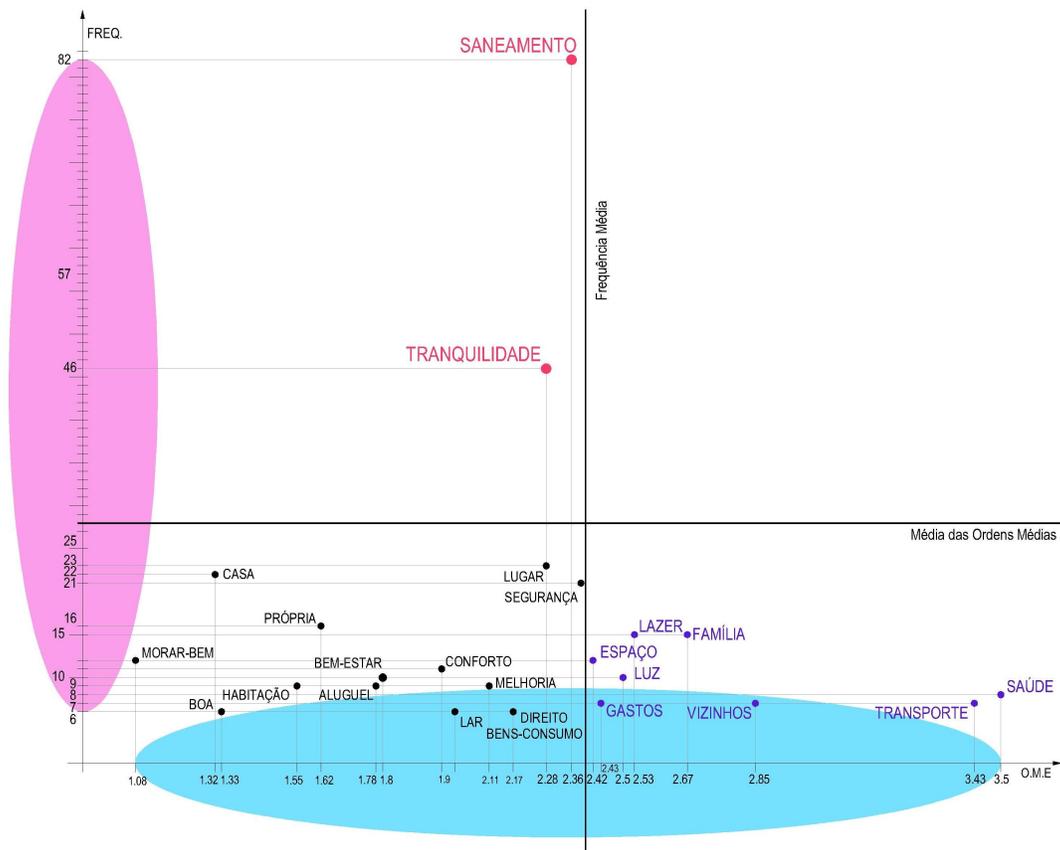


Gráfico 02: Gráfico ilustrativo da Estrutura da RS da Moradia (“saneamento” incluindo “asfalto”).

A estrutura da representação social obtida através da inserção das palavras evocadas no programa EVOC se apresenta conforme ilustração feita acima. De acordo com a análise estrutural proposta por Abric, as palavras foram divididas em quatro quadrantes de acordo com a sua frequência e ordem de evocação. A Ordem média de Evocação é representada pelo eixo x e a frequência pelo eixo y.

Portanto, temos no primeiro quadrante aquelas palavras com frequência mais elevada e ordem média de evocação menos elevada, o que significa que foram evocadas mais prontamente e um maior número de vezes. Em contrapartida, o quarto quadrante é composto pelas palavras tardiamente evocadas e cuja frequência é também menor. O primeiro quadrante representa o Núcleo Central dessa representação e quarto, o seu sistema periférico.

Temos, portanto, as palavras “**saneamento**” e “**tranquilidade**” compondo o Núcleo Central da Representação Social da moradia na favela Vila Nova Esperança. No Núcleo Central encontram-se os componentes mais consolidados e compartilhados socialmente, ou seja, aqueles que se mantêm estáveis ao longo do tempo. “**Saneamento**” é para os moradores um problema e ponto de inúmeras reclamações. A inexistência de calçamento, o

esgoto a céu aberto e o abastecimento de água precário são motivos de queixas. Já “tranqüilidade” (referindo-se a não-violência, como será observado adiante nas respostas à pergunta sobre morar com tranqüilidade) é muitas das vezes o motivo que atrai as pessoas a irem morar em Vila Nova Esperança. O policiamento ostensivo e até repressor conhecido como “mineira” que é realizado na área impede a presença de traficantes e, até mesmo, usuários de droga no local.

Temos no sistema periférico (quarto quadrante) as palavras “lazer”, “lugar”, “alimentação”, “conforto”, “comunidade”, “transporte” e “trabalho”. O sistema periférico expressa as influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto na construção do conceito. O sistema periférico é mais flutuante e modifica-se mais rapidamente.

Ao analisar os gráficos, ocorreu uma dúvida com relação à palavra “saneamento”, que provavelmente pertenceria ao núcleo central dessa representação. À essa palavras, haviam sido agrupadas, além das palavras “água” e “esgoto”, palavras relacionadas ao “calçamento” ou “asfalto”. Questionamos se as palavras relacionadas ao calçamento realmente seriam sinônimas da idéia de saneamento, ou se deveriam ser consideradas à parte. Resolvemos separá-las e o resultado não se alterou mostrando que realmente é provável que “saneamento” esteja no núcleo central dessa representação.

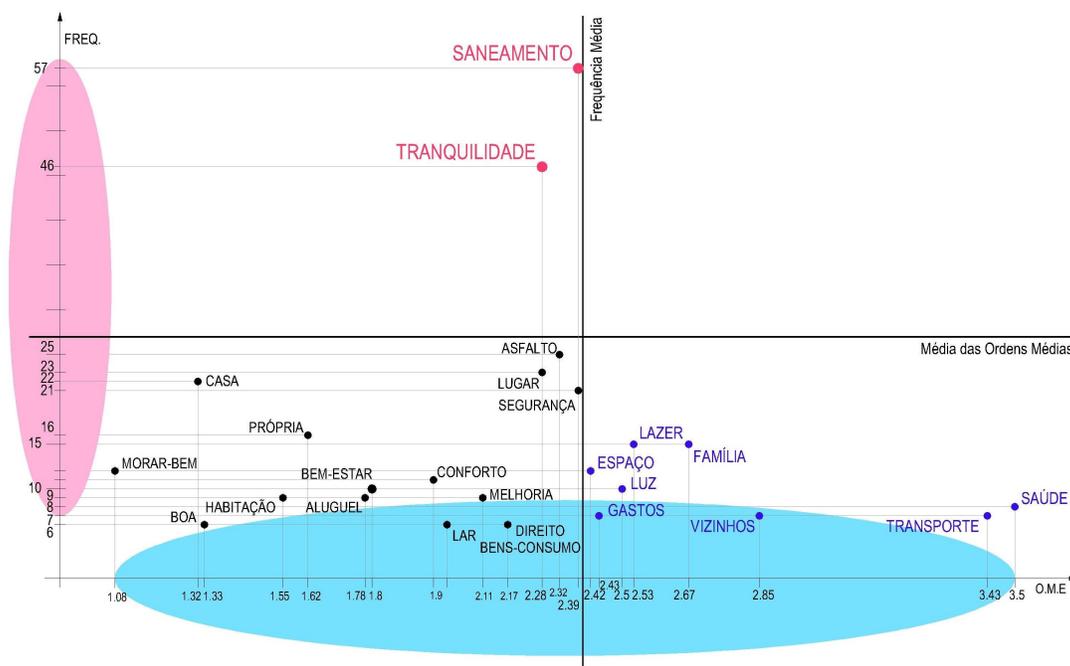


Gráfico 03: Gráfico ilustrativo da Estrutura da RS da Moradia (“saneamento” e “asfalto” separados)

Teste de centralidade

A fim de se confirmar se as palavras que apareceram no primeiro quadrante na estrutura das representações sociais realmente configuram o núcleo central, voltou-se ao campo e foi escolhido-se, aleatoriamente, 30 pessoas na favela, para as quais foi perguntado se “é possível pensar em moradia sem pensar em saneamento” e se “é possível pensar em moradia sem pensar em tranquilidade”. O teste foi realizado no dia 11 de dezembro de 2006.

Das 30 pessoas abordadas, 23 julgam **não** ser possível pensar em “moradia” sem pensar em “saneamento”, cinco julgam ser possível, dois não souberam responder.

Com relação à “tranquilidade”, 26 pessoas julgaram **não** ser possível pensar em “moradia” sem pensar em “tranquilidade” e para apenas 4 pessoas seria possível.

Com esses resultados, confirmamos a presença de “tranquilidade” e “saneamento” no núcleo central dessa representação.

b. A Representação social do “Morar bem”

Os resultados obtidos na seleção das imagens das representações sociais do “morar bem” apontam para casas térreas e isoladas. No entanto, quando escolhidas as casas térreas agrupadas, nota-se a preferência por tipologias que lembrem a casa isolada e que possuam uma uniformidade entre as unidades do conjunto. Os gráficos abaixo mostram a preferência dos moradores com relação às imagens. O primeiro gráfico mostra as imagens quando pedidos para dividir em dois grupos, o segundo mostra a preferência quando pedidos para escolher as três que **mais** relação têm com o “morar bem” e as três que **menos** relação têm.

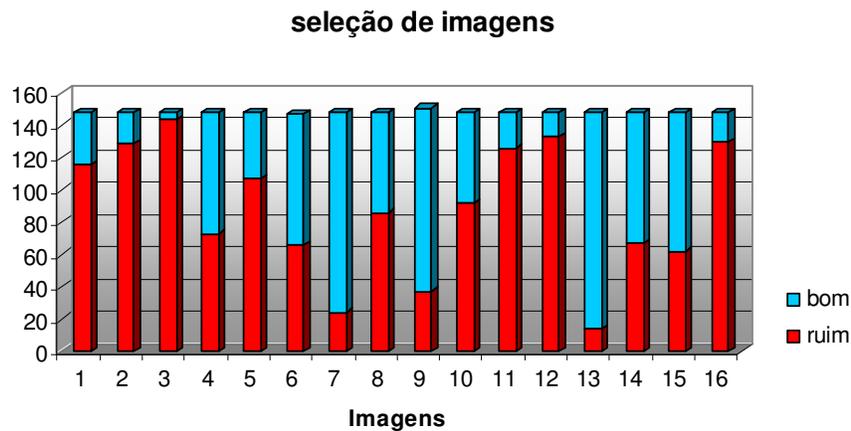


Gráfico 04: demonstrativo da divisão das imagens em “morar bem” e “não morar bem”.

No gráfico acima notamos que, quando pedidos para separar em dois grupos as imagens, a imagem 13 é aquela em que mais vezes esteve no grupo das imagens relacionadas ao “morar bem”, seguida pela imagem 7 e imagem 9. Quanto ao grupo daquelas que menos relação têm com o “morar bem”, a imagem 3 é aquela que mais vezes esteve dentro desse grupo, seguida pelas imagens 12, 16, 2 e 11.

as melhores e piores

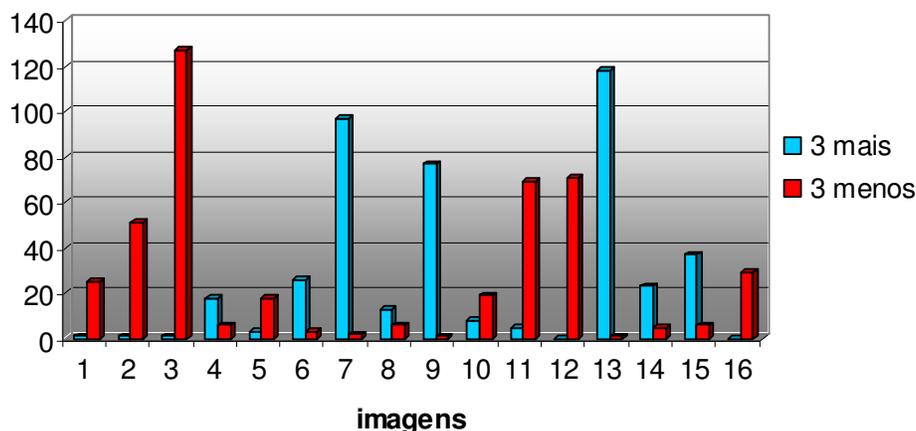


Gráfico 05: demonstrativo da divisão da escolha das 03 imagens **mais** representam “morar bem” e das 03 **menos** representam.

No gráfico acima notamos que, quando pedido para escolher as três imagens que mais relação têm com o “morar bem”, a imagem 13 continua tendo a maior preferência, seguido novamente pelas imagens 7 e 9, praticamente de maneira isolada. Com relação às que menos relação têm com “morar bem”, a imagem 03 é aquela que tem o maior índice de rejeição, ou seja, que menos se assemelha a “morar bem” para os entrevistados. A seguir temos as imagens 12 e 11.

Já no decorrer da pesquisa de campo em Vila Nova Esperança, verificou-se a necessidade do questionamento do “porquê” da escolha das imagens, a fim de se obter subsídios para uma análise de conteúdo, o que não havia sido planejada anteriormente. Notamos que essas justificativas seriam capazes de fornecer material que enriqueceria a pesquisa, que seriam analisadas por meio de uma análise de conteúdo. Essa pergunta foi, portanto, adicionada ao questionário já no campo, não sendo possível nessa favela obter um número satisfatório de respostas. Dos 150 questionários realizados, foram coletadas apenas 29 justificativas para as imagens. Entretanto, tentamos extrair o máximo dessas respostas e analisá-las nesse trabalho.

A imagem de nº **13** é a mais escolhida dentre aquelas imagens que mais se assemelham com a moradia ideal, ao “morar-bem” para esse morador. (ver figura 20). Nesta imagem, temos uma casa de dois pavimentos com esquadrias de madeira e telhas cerâmicas, isolada num amplo terreno em gramado. O espaço externo, a presença de verde e o tamanho da casa parecem influenciar a escolha, como podemos observar nas justificativas registradas para a escolha da imagem: **“porque tem bastante verde”** (Maria Lucia, 44, moradora de Vila Nova Esperança desde 1997); ou **“tem área de jardim e plantação”** (João, 73 anos, morador da Vila Nova Esperança desde 2000).



Figura 20: imagem 13. Fonte: Internet.

Temos também, a imagem de número **7** escolhida com certa freqüência pelos moradores. Nessa imagem, temos novamente a casa isolada. É uma casa à beira da praia, simples, mas onde os elementos como telhado de duas águas com telha cerâmica e esquadrias de madeira ainda estão presentes. Como justificativa para a escolha dessa imagem como representativa do “morar bem” temos: **“Se eu pudesse queria uma casa com quintal para criar galinha”** (Marina, 54 anos, moradora da favela desde 1990). **“Gostei muito”** (Geórgia, 70 anos, moradora desde 2003); **“casa dos meus sonhos”** **“gosto muito de verde”** (Filonema, 37 anos, moradora desde 1992).



Figura 21: imagem 07. Fonte: Internet.

Temos também, dentre as fotos escolhidas como as que mais tem a ver com esse morar-bem para os moradores, a foto de número **09** (ver figura 22), onde encontramos um exemplo de casa assemelhada às encontradas nos Estados Unidos da América. Novamente, temos a casa térrea e isolada no terreno onde se nota também a presença de telhados com telhas. Há também bastante espaço e vegetação, fatores considerados importantes para a escolha das imagens.



Figura 22: Imagem 9. Fonte: Internet.

Dentre as imagens escolhidas como aquelas que **menos** têm a ver com essa moradia ideal, com o morar-bem para um bom número dos entrevistados temos a imagem de número **03** (ver figura 23), que é uma foto tirada no próprio local de moradia. O índice de

rejeição dessa imagem demonstra que o local onde eles moram não é encarado como uma moradia ideal, como morar-bem para a maioria dos entrevistados. Muitos dos entrevistados dizem estar morar em Vila Nova Esperança apenas por “necessidade”.



Figura 23: imagem 03 tirada na própria favela. Fonte: a autora.

A **imagem nº 12** (ver figura 24) também é muito escolhida como as três que **menos** tem a ver com o morar-bem para essas pessoas. É a fotografia de um conjunto premiado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, do escritório “Cooperativa”, reproduzido em diversos lugares, dentre eles a favela da maré, de onde foi tirada a fotografia. No entanto, esse conjunto foi implantado também numa favela vizinha, a Cidade de Deus, associada à violência e tráfico e bastante repudiada pelos moradores de Vila Nova Esperança. Esse conjunto carrega consigo características próprias do ambiente da favela (tijolos aparentes sem revestimento, jogos de volumes, etc.), o que, de uma forma, também causa rejeição por parte dos entrevistados.



Figura 24: imagem 12. Fonte: Arquivo Labhab.

A **imagem 11** (ver figura 25) também obteve um grande índice de rejeição por parte dos entrevistados. Nela temos uma foto tirada da Favela da Mangueira em um trecho de intervenção, onde temos as unidades de relocação e abaixo a favela propriamente dita. Essa escolha nos leva a crer num certo repúdio à favela de uma maneira geral, independente das intervenções que esta possa sofrer, embora achem melhor quando há programas de urbanização: “**favela bairro é melhor, né?**” – (Natália, 35 anos, moradora desde 1996).

Notamos que a representação da favela como o “lugar da violência” não é só externo; o morador, no âmbito interno, a “reconhece” da mesma forma, como podemos notar nas justificativas sobre a escolha das imagens de favelas.



Figura 25: imagem 11. Fonte: Internet.

Outra imagem selecionada pelos moradores como aquela que não diz respeito à moradia que eles gostariam é a **imagem 16** (ver figura 26), fotografia tirada do pátio interno de um cortiço reformado pelo “Programa Novas Alternativas”, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, localizado no centro desta cidade. Muitos do entrevistados justificam a escolha, alegando que não gostarem de morar coletivamente.



Figura 26: imagem 16. Fonte: Arquivo Labhab.

Temos também a **imagem 02** (ver figura 27) bastante escolhida dentre as três que menos têm relação com “morar-bem” para esses moradores. Essa imagem é a fotografia de

um conjunto vencedor de concurso para a cidade de Cotias, no interior de São Paulo, onde temos as casas alocadas num sítio em aclave, todas em bloco cerâmico com uma estrutura independente de telhado metálica. O repúdio a essa imagem deveu, entre outros fatores, à associação dessa imagem com a realidade da favela, que não está dentro do desejo da maioria dos moradores, como podemos observar nas justificativas para essa escolha: **“imagem de favela mesmo sendo no verde”** (Francinete, 40 anos, moradora desde 1993); **“as casinhas assim tudo amontoado é ruim”** (Natália, 35 anos, moradora desde 1996).

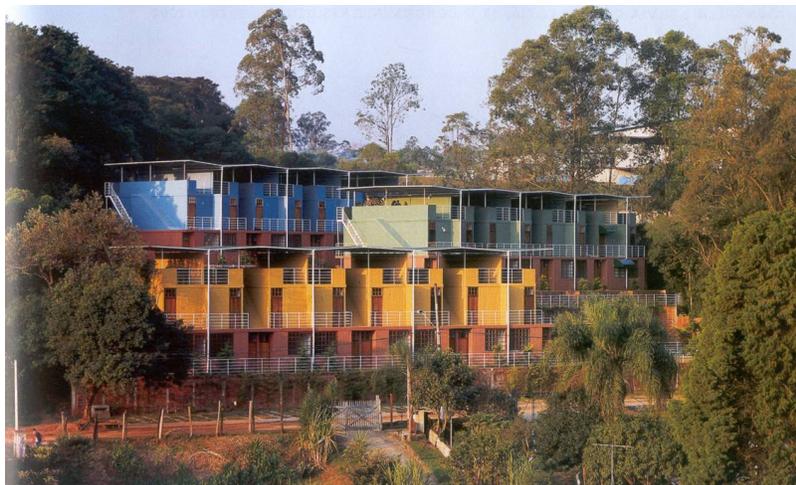


Figura 27: imagem 02. Fonte: Revista Projeto Design Edição nº 278 de Abril de 2003.

Ao se depararem com as imagens, muitos moradores foram, aos poucos, revelando o desejo de “morar bem” e o seu significado dentro de suas preferências.

Percebe-se também uma espécie de **aversão** a morar em apartamento: **“morar trepado um no outro não é morar bem”** (Alcir, 54 anos, morador desde 2004). **“Não gosto de apartamento”**. (Aurélia, 28 anos, moradora desde 1995). **“Não moraria na Barra. Não moraria em apartamento”**. (Maurício, 35 anos, morador desde 2000). **“Não gosto de apartamento”** (Jorge, 59 anos, morador desde 1991). Causa repúdio também a idéia de casas muito próximas, gerando uma falta de privacidade e de espaço, demonstrando uma preferência pelas casas: **“Casa tem que ter frente”** (Francisca, 51 anos, moradora desde 1995). **“Casinhas uma em cima da outra não. Quero espaço!”** (Maria, 49 anos, moradora desde 1992). Verificamos aí que morar em apartamento volta a causar repúdio, como na década de 40, quando do seu surgimento. Passou por um período em que era o sonho de consumo da classe média e, por conseguinte da classe pobre. A idéia do apartamento como “pombal” aparece forte.

Alguns se demonstram insatisfeitos e para eles, **“Não morar bem é favela”** (Alcir, 54 anos, morador desde 2004). Outros, no entanto, parecem satisfeitos ou conformados onde vivem e a segurança proporcionada pela não existência de tráfico de drogas, tiroteios e fogo cruzado parecem ser motivos fortes: **“Eu gosto de morar aqui na favela mesmo porque é calmo, não tem tiroteio”**. (Maria Lucia, 44 anos, moradora desde 1996).

Como muitos moradores entrevistados são oriundos de outras cidades ou estados, principalmente do interior, muitos demonstram uma vontade de voltar para suas regiões de origem: **“Se eu pudesse voltaria para a minha terra, lá eu tinha casa, barco e tudo. Só não volto por causa dos meus filhos”**.(Raimunda, 44 anos, moradora desde 1992). **“Morar bem é morar na roça” “Todo mundo junto, não”** (Maria, 39 anos, moradora desde 2003). E, associados a essa idéia de voltar para o campo, para a roça, muitos moradores demonstram uma preferência por casas térreas, com jardim, ou quintal e bastante espaço: **“Quería mesmo uma casa no campo com rede”** (Valmari, 36 anos, moradora há oito meses). **“Moro na comunidade por necessidade, gostaria de morar numa casa de campo”**. (Jorge, 59 anos, moradora desde 1991).

O saneamento, para os moradores, é um dos maiores problemas: **“não tenho nada contra aqui, não tem drogas, só precisa de esgoto e asfalto”**. (Natália, 35 anos, morador desde 1996). **“Aqui quando chove é horrível. Aqui tem o nome de Esperança e nós temos esperança”** (Domingos, 65 anos, morador desde 2001). **“Aqui é muito precário”** (Sidney, 41 anos, morador desde 1997). **“Tendo casa, rua asfaltada está bom”** (Maria de Lourdes, 53 anos, moradora desde 2002).

Ao ver a imagem 05 da arquitetura moderna (ver figura 28), uma das moradoras diz não gostar da imagem, pois **“parece uma escola”** (D. Ana Rita, 37 anos, moradora desde 2000). Esta mesma moradora, ao ver a imagem 06 do conjunto construído na favela Canal das Taxas (ver figura 29), no bairro Recreio dos Bandeirantes diz, a respeito da própria favela: **“podia derrubar tudo aqui e construir umas casinhas”**.



Figura 28: imagem 05. Fonte: Imagem modificada pela autora.



Figura 29: imagem 06. Fonte: Labhab.

No entanto, a capacidade de se adaptar a qualquer situação é algo que os moradores deixam muito claro: **“Moraria em qualquer lugar, já morei em baixo de escada”** (Francisca, 51 anos, moradora desde 1995).

c. O “conforto”, a “segurança” e a “tranqüilidade”.

Com o objetivo de se entender melhor a representação social da moradia, elaborou-se três perguntas abertas que buscavam a compreensão de morar com conforto, morar com segurança e morar com tranqüilidade. Como esses conceitos podem ter interpretações diversas, essas perguntas auxiliaram no entendimento das representações sociais. Quando as palavras “conforto”, “segurança” e “tranqüilidade” são evocadas, quais os seus sentidos?

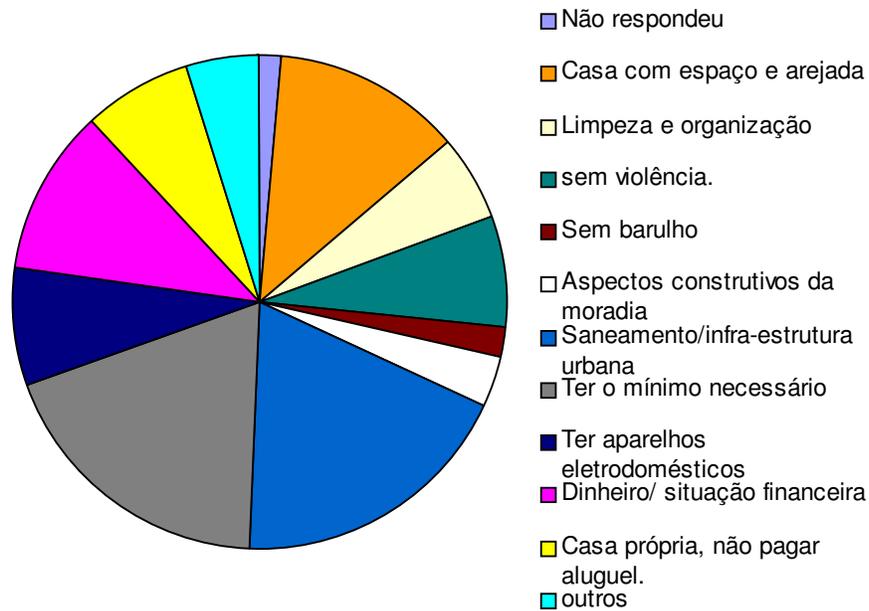


Gráfico 06: Morar com conforto

Morar com CONFORTO, para um grande número de moradores de Vila Nova Esperança significa “ter o mínimo necessário” (18.6% dos entrevistados) juntamente com “saneamento e infra-estrutura urbana” (18.6% dos entrevistados). Para uma grande parte também representa uma “casa com espaço e arejada” (12.6% dos entrevistados).

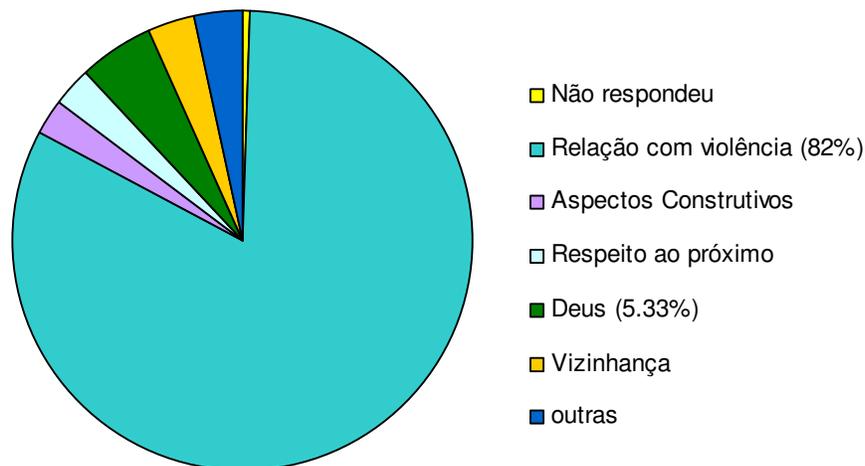


Gráfico 07: Morar com segurança

Já morar com SEGURANÇA, para boa parte dos entrevistados, tem uma relação direta com a violência. No entanto, Deus e questões religiosas (“**Só quem tem Deus, tem segurança**” – Julia, 54, moradora desde 1994) estão na frente de outros fatores como a vizinhança e os aspectos construtivos da moradia.

Para os moradores, “**o importante é a segurança do lugar**” (Maria, 35 anos, moradora desde 1999). “**A coisa mais importante é a segurança**” (Edenilson, 31 anos, morador desde 2005). “**É mais importante o lugar. É bom ter uma casa boa, mas a segurança é importante**” (Ominaiã, 29 anos, moradora desde 2005).

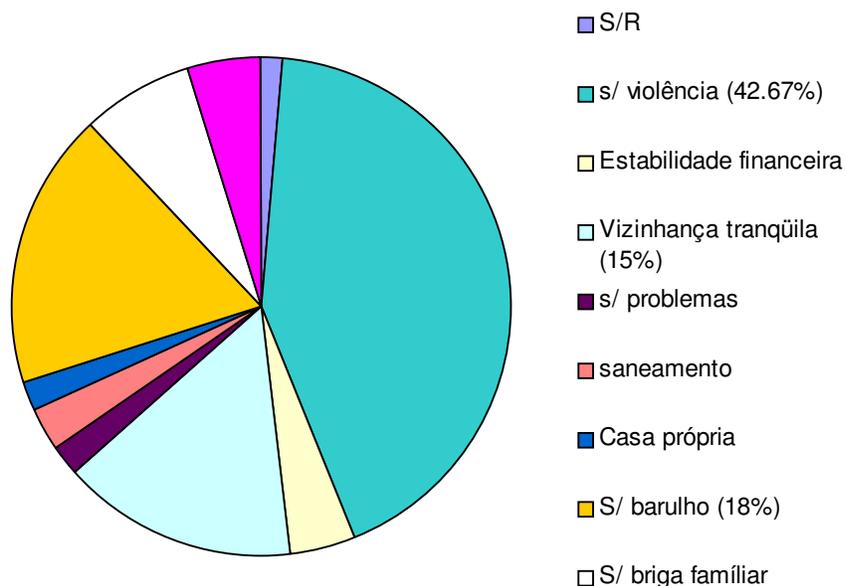


Gráfico 08: Morar com tranquilidade

Morar com TRANQUILIDADE para eles é “morar sem violência”, mas para muitos tem relação com morar “sem barulho” ou a existência de uma “vizinhança tranqüila”.

A questão da tranqüilidade é um fator importante: “**Aqui o lugar é tranqüilo, ninguém mexe em nada... não tem tiroteio**” (Severina). “**Mais tranqüilo e movimento pra poder balancear**” (Adriana). “**Onde tiver mato, não gosto do barulho da cidade**” (Joseli).

d. As representações na concretização da moradia

Um aspecto que chamou atenção na Favela Vila Nova Esperança foi a diversidade nas moradias. A existência de um número grande de casas ou, melhor dizendo, “quitinetes” para aluguel: espaços exíguos, muitas vezes com menos de 10m², que abrigam uma família que destina um valor menor do que 2/3 do salário mínimo ao pagamento do aluguel. Percebeu-se que muitas dessas famílias ainda são oriundas do nordeste num processo ainda muito comum de migração. Essas “quitinetes” reúnem cozinha, sala, quarto e banheiro em 9,10 ou 11m² e normalmente constituem um estágio temporário até que a família consiga “comprar” uma casa e “se livrar do aluguel”. Percebemos, portanto, que a questão do aluguel parece estar ressurgindo nas favelas, mesmo que seja em estágios temporários.

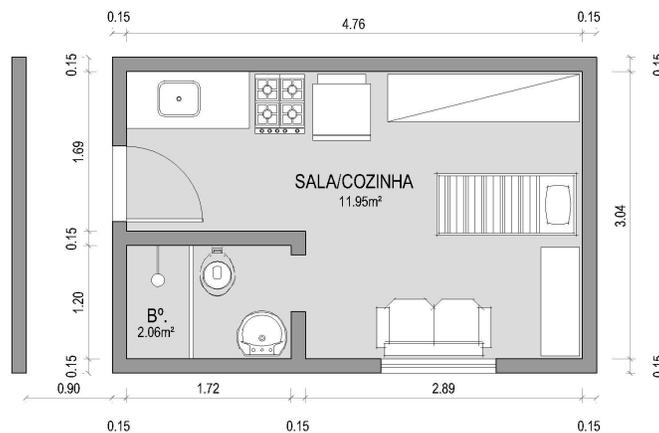


Figura 30: Planta Baixa da casa da sra Teresinha.

Na figura 30 temos uma casa de apenas 14m² onde moram três adultos, uma adolescente e duas crianças, totalizando seis moradores. Nela encontramos um ambiente único multifuncional de sala, cozinha e quarto. Apesar da pequena área, o morador organiza os espaços de maneira em que se percebe o que seria um quarto, uma sala e uma cozinha de maneiras quase independentes, estando apenas o banheiro efetivamente dividido por uma parede de alvenaria. No acesso temos a cozinha representada pela pia, fogão e geladeira. Depois percebemos o quarto com a cama e o guarda-roupa. E por último, temos a sala com uma estante e um sofá.

Na medida em que temos as representações sociais da “moradia” relacionadas a saneamento e tranquilidade, confirmamos, ao analisar as construções uma grande preocupação com o contexto de inserção da habitação e não necessariamente com ela. A maioria das casas é pequena, possui problemas de iluminação e ventilação, mas a busca de

um lugar tranqüilo (sem violência) e o sonho da casa própria provavelmente são prioridades. A necessidade do saneamento inexistente no local é uma outra grande preocupação.

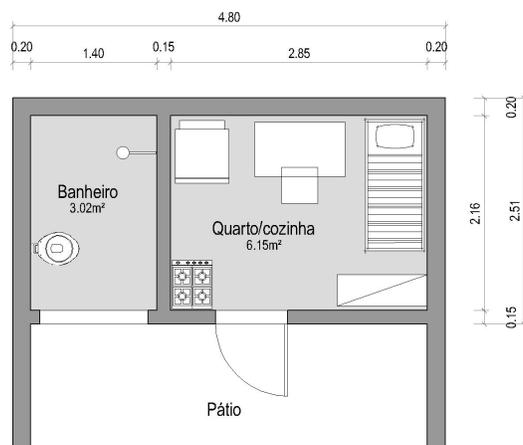


Figura 31: Planta Baixa da casa da Srª. Laisir, com apenas 9m².

Na figura 31 temos a planta baixa de um exemplo encontrado, onde temos um pátio com diversas casas voltadas para ele. Esse tipo de casa é muito comum em Vila Nova Esperança. Nessa casa moram 3 pessoas e vemos novamente o ambiente multifuncional de sala, quarto e cozinha em apenas 6m², voltando-se para o pátio central, mas sem fenestraçãoes. Temos o banheiro da casa voltado também para esse pátio em vez de voltar-se para o interior da casa.

Novamente confirma-se que a prioridade da casa-própria, num lugar tranqüilo como Vila Nova Esperança que pode ser observada na planta baixa da casa acima, que está localizada em um pátio, para onde estão viradas casas de outros familiares. A união de várias casas, normalmente de pessoas com grau de parentesco ou amizade, que enfatizam a questão da segurança e da tranqüilidade.

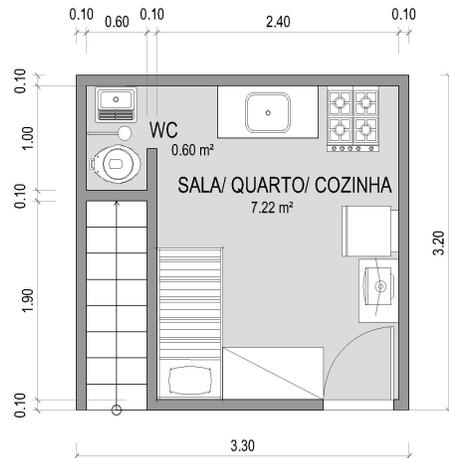


Figura 32: Planta Baixa da casa do Sr. Edemir, com menos de 8m².

A figura 32 acima é o desenho da planta baixa da menor casa encontrada em Vila Nova Esperança, o chamado “quitinete”. Nele mora apenas uma pessoa. Dada à exigüidade dos espaços, temos um ambiente novamente multifuncional de apenas 7 m² que abriga sala, quarto e cozinha. Menor ainda é o banheiro com apenas 0.60 m², onde percebemos o esforço em colocar nesse espaço um tanque, um vaso sanitário e ainda um chuveiro.

O espaço da moradia, que é pequeno demais, enfatiza uma preocupação maior com o “exterior”: “saneamento” do local, “segurança”, “tranqüilidade”, do que com um “conforto” ou “bem-estar” dentro da própria moradia. Esses aspectos têm muita relação com a referência do lugar de origem e com a própria representação da favela como “lugar da violência”.

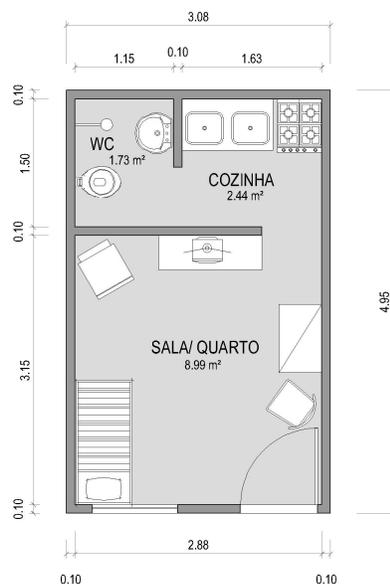


Figura 33: Planta baixa da casa de Marlúcia. Área: 13,16 m².

Na figura acima (figura 33), temos um padrão de “quitinete” um pouco maior, onde já há um espaço separado destinado à cozinha. Esse padrão é bastante comum em Vila Nova Esperança. Nesta casa moram um casal e uma sobrinha em um espaço de apenas 13,16m². Nota-se que a cozinha e o banheiro não dispõem de janelas. Sala e quarto são divididos apenas pela disposição dos móveis, observando, entretanto, que o que seria o quarto (representado pela cama) está junto ao acesso à casa.

Da mesma maneira que no exemplo anterior, temos aqui enfatizadas as questões abordadas sobre a representação na concretização dessa moradia. Há uma preocupação com o lugar e não tanto com a moradia. Como se “o resto a gente resolvesse depois”, ou seja, o espaço interno. O importante é a segurança, a tranquilidade e o saneamento.

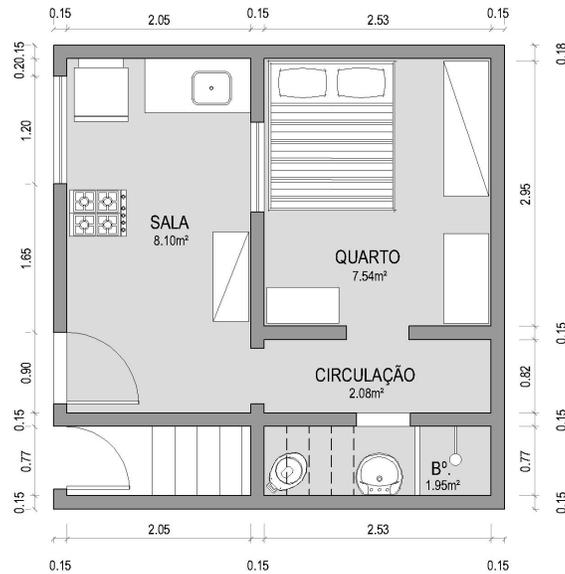


Figura 34: Planta baixa da casa do Sr. Josimar. Área: 19,67 m².

Outras casas, apesar de maiores apresentam problemas com relação à iluminação e ventilação. Muitas delas apresentam carência de janelas ou, quando existem, estão abertas de maneira que não permitem uma boa iluminação ou ventilação do compartimento.

Na figura 34 acima vemos a planta baixa de uma casa de um quarto e sala, onde moram dois adultos e uma criança em menos de 20m². Notamos alguns problemas no que diz respeito à ventilação e iluminação, quando temos a única janela do quarto abrindo para a sala. Essa situação de ter janelas abrindo para outro cômodo é bastante comum em Vila Nova Esperança. Observamos aqui também a multifuncionalidade do ambiente sala que também funciona como cozinha.

Ventilação e iluminação não são prioridades, uma vez que o lugar e as questões externas se tornam mais relevantes. (GRAU DE RELEVÂNCIA), talvez devido ao pouco tempo em que estão na favela e ao tempo também pequeno de existência desta. A ausência de aberturas também pode ter relação com esse exterior, que tem coisas que não me agradam e muitas vezes “eu não quero nem ver”.

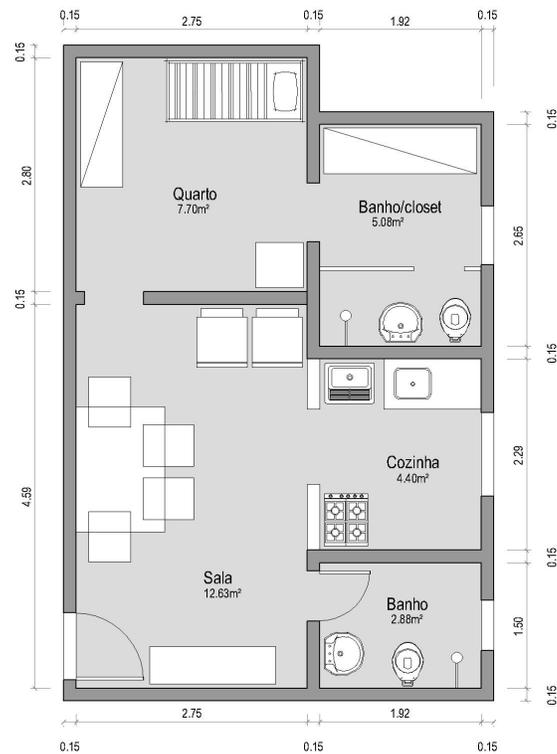


Figura 35: Planta baixa da casa da Sr. Rodrigo. Área: 32,69 m².

Na imagem acima (figura 35) vemos, apesar do espaço não muito grande, uma utilização pouco comum de espaço destinado a um closet. Com isso, verificamos novamente problemas referentes à iluminação e ventilação. Neste caso, não há fenestração suficiente para o quarto, que realiza sua iluminação/ ventilação através do closet. Nesta casa moram três homens em aproximadamente 33 m². A sala, da mesma maneira, não possui ventilação direta, realizada através da cozinha. O espaço é bem compartimentado, entretanto, verificamos a inexistência de circulação (corredores, etc), onde os próprios cômodos possuem essa função. Temos, portanto, a sala funcionando também como elemento de circulação, com todas os outros cômodos com as portas voltadas para ela, fazendo com que o seu espaço útil fique ainda mais reduzido.

Novamente, verificamos através da análise da planta a prioridade em questões exteriores à moradia. No entanto, verificamos já aqui uma preocupação com o espaço e com o bem-estar dentro da casa.

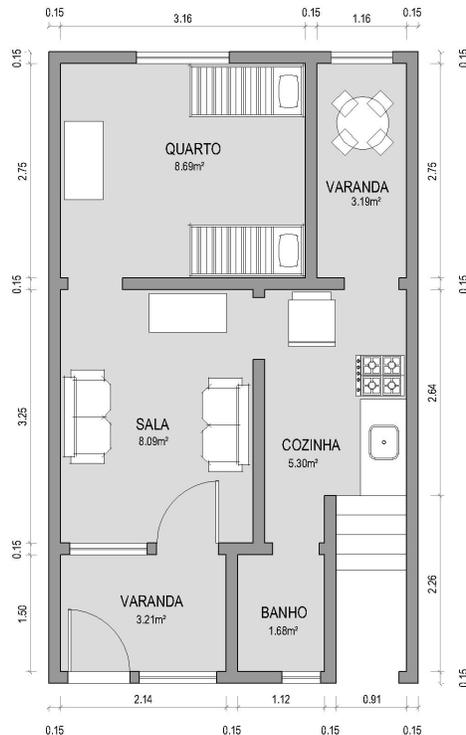


Figura 36: Planta baixa da casa do Sr. Edenilson. Área: 30,16 m².

Na figura acima (figura 36) temos uma casa de um quarto onde encontramos um elemento bastante comum em Vila Nova Esperança: a varanda. Nesse caso, temos tanto uma varanda de acesso à casa como uma aos fundos. A varanda da frente da casa é o elo de ligação entre o ambiente exterior e a própria casa, conferindo privacidade a ela. A varanda aos fundos funciona como copa, dada às pequenas dimensões da cozinha. Nessa casa moram três rapazes, numa área de 30,16m². Todos os cômodos, com exceção da cozinha são ventilados e iluminados diretamente. Novamente não temos elementos destinados unicamente para a circulação (corredores, etc), o que acarreta a alguns cômodos um excesso de aberturas, diminuindo seu espaço útil, como é o caso da sala e da cozinha.

Aqui, o contato com o exterior é mais sutil, menos direto, feito por meio de varanda e temos, portanto bastantes fenestrações. Já se verifica uma maior preocupação com o bem-estar no interior da casa, representada pela existência das varandas e por uma boa iluminação e ventilação da casa.

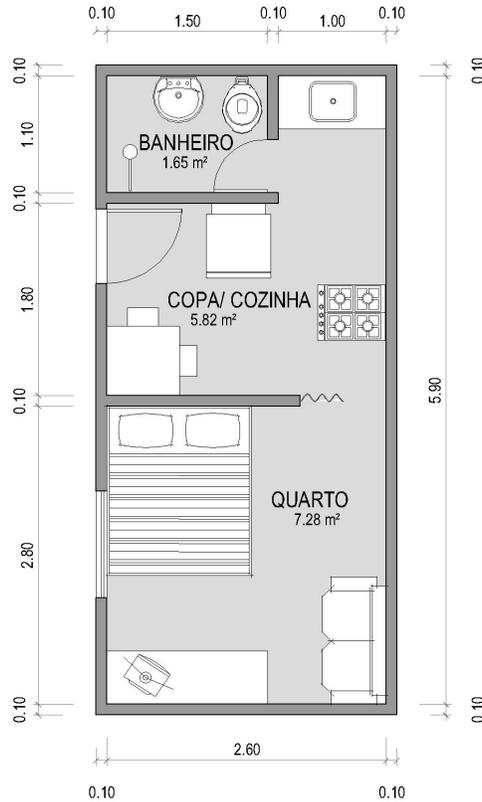


Figura 37: Planta baixa da casa da Sra. Janaina. Área: 14,75 m².

Na imagem acima temos uma situação um pouco diferente na disposição dos cômodos. Neste exemplo não há uma sala, mas um quarto e uma copa/ cozinha. Nos exemplos anteriores, o acesso se dava pela sala, mesmo que essa fosse um ambiente multifuncional de quarto/ sala ou mesmo de sala/ cozinha. Neste caso, no entanto, optou-se for realizar o acesso pela cozinha pela inexistência do ambiente sala. Moram nessa casa um casal e uma criança em menos de 15m². Novamente verifica-se a inexistência de circulações, sendo a copa/ cozinha utilizada para esse fim. O único cômodo que possui ventilação e iluminação realizadas através de fenestrações é o quarto, verificando-se que não há esse elemento na cozinha nem no banheiro.

Alguns exemplos de casas de dois ou três quartos também foram selecionados por possuírem elementos importantes para análise. Muitas dessas casas possuem grandes dimensões e a maneira com que os espaços são distribuídos constitui um rico material.

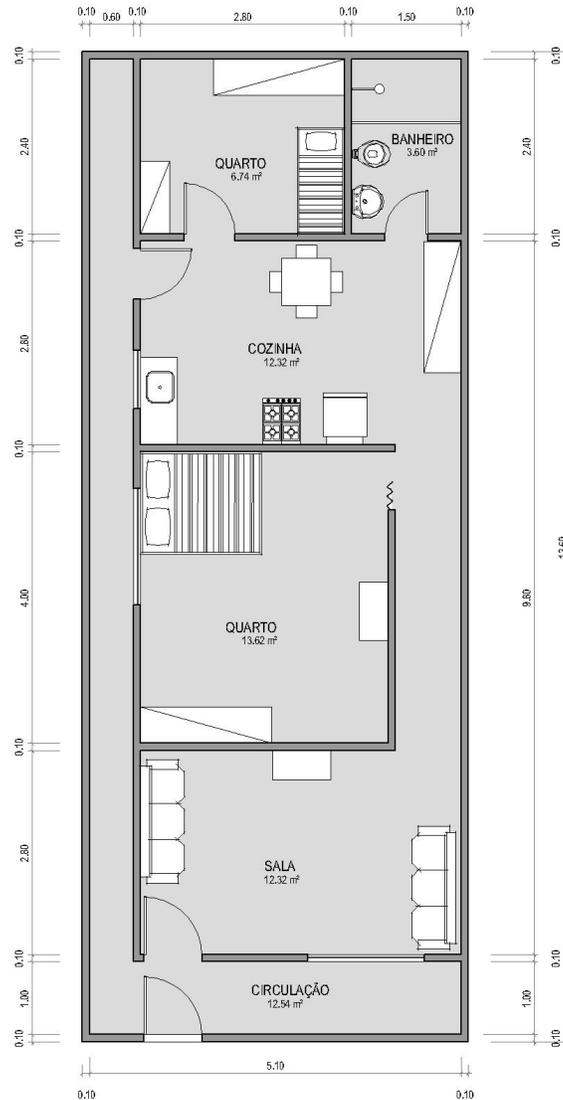


Figura 38: Planta baixa da casa da Sra. Judith. Área: 48,82 m².

Na figura acima (figura 38) vemos a planta baixa de uma casa de dois quartos, relativamente grande, onde conseguimos ver, por exemplo, tamanhos diferentes entre os dois quartos (o da frente e o dos fundos). Verificamos a existência de uma cozinha/ copa tão grande (aproximadamente 12 m²) quanto à sala, o que talvez reflita a importância que a família dá a esse compartimento. Diferentemente dos exemplos anteriores, nesse caso já notamos a aparição de um elemento de circulação/ distribuição, embora ainda verifiquemos os cômodos dispostos ao fundo, voltados para a cozinha. Esse elemento de circulação é um elemento exterior à casa, portanto, descoberto, para onde são voltadas todas as suas fenestraçãoes, entretanto, esta possui apenas 0.60 m de largura, o que não permite uma iluminação e ventilação adequada dos compartimentos. Essa circulação também dá acesso

a uma entrada secundária da casa (“entrada dos fundos” ou “entrada de serviço”) através da cozinha, que também irá funcionar como elemento de distribuição. O quarto e o banheiro aos fundos não possuem janelas. Nessa casa moram um casal e uma criança, numa área de quase 50m².

Nesse exemplo, ao contrário de todos os outros, verificamos uma importância ao espaço interno da casa, que deve ser amplo. O local de reunião da família é bastante valorizado, o que confirma a escolha das imagens (imagens 7, 13 e 9) e suas respectivas justificativas, com relação à casa, com jardim e espaçosa.

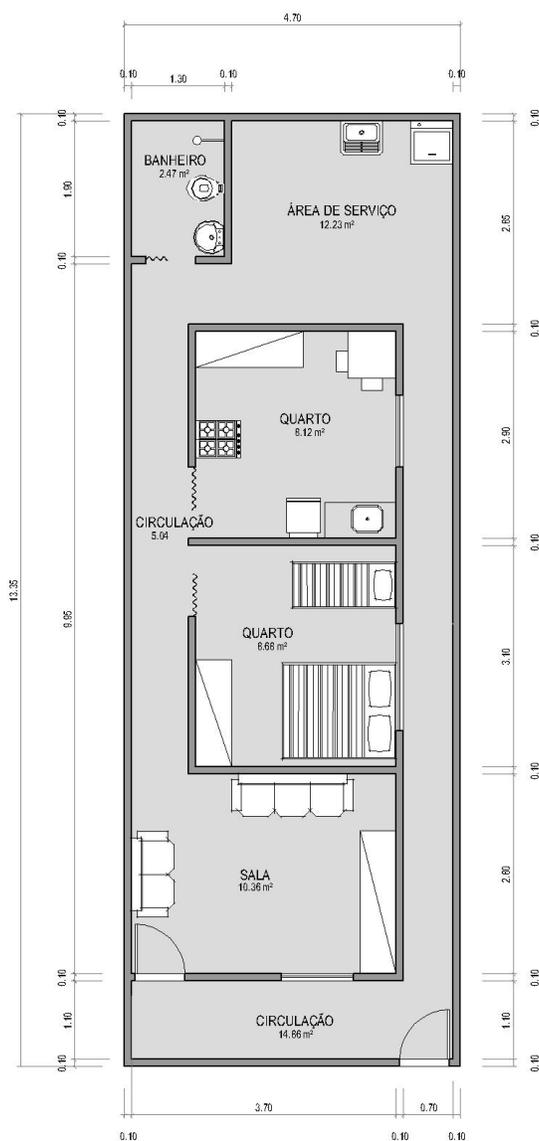


Figura 39: Planta baixa da casa da Sra. Aurélia. Área: 61,24 m².

A figura 39 acima é a planta baixa de uma casa já relativamente grande, com mais de 60 m² e dois quartos, onde vivem um casal e três filhos. Entretanto, vemos ainda que a ventilação e a iluminação através de janelas não acontecem em todos os cômodos. O acesso se dá pela sala, havendo, no entanto, um acesso secundário pela área de serviço, através novamente de um elemento de circulação externo à casa, para onde estão voltadas todas as suas janelas. Observa-se ainda a existência de uma outra circulação na parte interna da casa ligando a frente aos fundos da casa, passando pelos dois quartos. Nota-se também a localização do banheiro nos fundos do terreno, com um certo isolamento dos outros compartimentos da casa. Essa localização tem relação com a questão da higiene, o banheiro como algo “sujo” deve ficar isolado do resto da casa, algo cultural e historicamente construído com a inserção do banheiro aos fundos da casa.

No exemplo acima, verificamos também uma grande importância ao espaço interno da casa, que é bastante amplo, tanto nos locais de reunião da família como nas áreas de serviço/quintal, o que confirma a escolha das imagens da casa com jardim e espaçosa. Verificamos a preocupação com o bem-estar.

Ao compararmos as casas dos entrevistados, verificamos que a maioria delas tem dimensões muito abaixo do mínimo aceitável para se habitar (8m², 10m²). Um exemplo para comparação são os apartamentos de quarto e sala em conjuntos construídos pelo BNH, com dimensões pequenas, têm medidas ainda maiores (21m², 30m²). Mesmo em cortiços reformados pelo Programa Novas Alternativas da Prefeitura do Rio de Janeiro, não encontramos medidas tão pequenas.

Entretanto, ao se depararem com imagens de apartamentos ou cortiços, muitos julgam serem “pequenos”, ou haver “pouco espaço”, o que se demonstra contraditório com a realidade em que vivem. Percebemos que, sempre que possível, as casas possuem áreas de quintal. O número de fenestração é normalmente bastante reduzido, seja pela impossibilidade devido à implantação da casa, seja porque o exterior não agrada muito (esgoto na porta, lama, etc.). Quando analisamos as casa, verificamos que existe uma diferença muito grande entre o espaço interno e o espaço externo.

3.1.4. Análise dos resultados

Para os moradores de Vila Nova Esperança, **morar bem** é morar numa casa isolada num amplo terreno gramado, pois para eles é importante “ter bastante verde”, espaço livre para um jardim, quintal ou plantação. Pode ser também uma casa isolada à beira de uma

praia, simples, mas onde haja também bastante espaço; “uma casa com quintal para criar galinha”. Poderia ser uma casa desde que fosse térrea e isolada no terreno.

Para eles, não seria morar bem a própria Favela Vila Nova Esperança, assim como também não é qualquer favela, mesmo quando urbanizada, apesar de acharem que “favela bairro é melhor”. Conjuntos populares, associados a favelas, também causam rejeição por parte dos entrevistados, não representando morar bem para eles. Para eles, “as casinhas assim tudo amontoado é ruim”.

“Moradia” para os moradores de Vila Nova Esperança está fortemente ligada às questões de saneamento e tranquilidade. Saneamento, como algo que eles enxergam como uma necessidade local e segurança como a principal qualidade de Vila Nova Esperança, motivo que levou muitos deles a construir suas casas no local. Para eles, “o importante é a segurança do lugar”. Percebemos que as influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto na construção desse conceito, apresentados na flutuação e transitoriedade do sistema periférico, ainda apontam para elementos relacionados ao local como: **“lazer”**, **“lugar”**, **“alimentação”**, **“conforto”**, **“comunidade”**, **“transporte”** e **“trabalho”**.

Quando observamos a concretização do espaço de morar, ou seja, quando analisamos suas moradias, verificamos, que muitas das casas são muito pequenas, o que pode ser justificado por uma prioridade para eles que é ter uma casa-própria, num lugar tranquilo e saneado. Muitas vezes, apesar de o lugar ser tranquilo, não agrada a falta de saneamento. Em algumas casas, entretanto, verificamos que a questão do espaço e do conforto estão presentes nessa concretização da moradia, observando-se cômodos amplos, e até áreas de varanda e quintal. Outro aspecto importante de se destacar é a presença do banheiro muitas vezes deslocado aos fundos da casa, próximo à área de serviço e à cozinha.

SOCIO- ECONÔMICO	sexo	75% masculino 25% feminino			
	Escolaridade	41,3% E. Fund.I Incompleto 16% E. Fund. Completo			
	Origem	28,2% outro município 20,1% Gardênia Azul 17,4% Z. Oeste			
	Nº. Moradores	3.81 moradores/ família 28% 4 moradores 2,7% 1 morador			
	Renda	2,96 Salários/ família 58% menos de salários			
	Tempo	31,3% menos de 2 anos			
REPRESENTAÇÃO SOCIAL	"moradia"	NC*	saneamento tranqüilidade		
		SP**	lazer espaço gastos	família luz vizinhos	transporte saúde
	"Morar bem"		Bastante verde		
			Jardim e plantação		
		Casa c/ quintal p/ criar galinha			
NÃO "Morar bem"		Favela-bairro é melhor			
		'Casinha amontoadas' é ruim			
		Favela no verde é ruim			
		Morar trepado não é morar bem			
		Não gosto de apartamento			
Quero espaço					
CONFORTO SEGURANÇA TRANQUILIDADE	Morar com conforto		Ter o mínimo necessário Saneamento e infra-estrutura urbana Casa com espaço e arejada		
	Morar com segurança		Sem violência		
	Morar com tranqüilidade		Sem violência Sem barulho Vizinhança tranqüila		
Concretização da moradia		Existência dos "quitinetes" p/ alugar EXTERIOR com alto grau de relevância Espaço interno pequeno contraditório com morar bem Pouca preocupação com INTERNO			

*NC: Núcleo Central **SP: Sistema Periférico

Quadro 02: Quadro Resumo da Análise Vila Nova Esperança.

3.2. Vila Pereira da Silva – “Pereirão”



Figura 40: Vista aérea de satélite da favela Vila Pereira da Silva. Fonte: Programa Google Earth.

A favela Vila Pereira da Silva, antiga favela do Pereirão, fica no bairro de Laranjeiras, onde está também a residência oficial do Governador do Estado - o Palácio das Laranjeiras e também faz limite também com o bairro de Santa Teresa. Segundo fontes da Associação de moradores, a favela cresceu a partir do lote 826 da rua que dá nome à favela (Rua Pereira da Silva) e, no terreno, ainda encontramos hoje o que foi a sede de uma antiga fazenda, datada do início do século XIX, vestígios da primeira ocupação do local.

Verificamos em Vila Pereira da Silva a existência de duas áreas: aquela próxima ao bairro de Laranjeiras, onde temos o acesso principal à favela e onde se encontra a Associação de moradores e outra nas proximidades do bairro de Santa Teresa. A primeira área, segundo o presidente da associação e foi algo que podemos confirmar, é uma área onde as casas são menores, o acabamento das construções é pior e existe um maior número de moradores mais recentes na favela. O acesso destes se dá pela Rua Pereira da Silva, 826. Na segunda área, encontramos casas maiores, melhor acabadas e os moradores, de uma maneira geral, são mais antigos. O acesso é feito pela Rua Almirante Alexandrino.

Com relação a isso, verificamos algo bastante peculiar em Vila Pereira da Silva: mesmo havendo passado pelo Programa Bairrinho da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, as ruas não possuem nomes. Segundo um morador, eles preferem manter o endereço “rua Pereira da Silva, 826 casa XX - Laranjeiras”. Podemos imaginar que seja pela referência ao bairro de Laranjeiras e de não ser identificado como “favelado”. Os moradores que vivem mais próximo da Rua Almirante Alexandrino, bairro de Santa Teresa, adotam essa Rua como referência, da mesma maneira daqueles que moram nas proximidades do bairro de Laranjeiras.

A ocupação da área situada na Rua pereira da Silva remonta a década de 1930, quando já se notava a presença de barracões espalhados e hoje, mais de 70 anos depois, a favela conta com aproximadamente 500 famílias ou 2800 moradores, aproximadamente, segundo o presidente da Associação de moradores, o Sr. Pedro Paulo.



Figura 41: Vista da favela Vila Pereira da Silva.

Diferentemente da Favela Vila Nova Esperança, Vila Pereira da Silva se localiza em área de aclive, a temperatura dentro das casas é menos elevada, considerando as possibilidades de ventilação existentes. Verifica-se a existência de casas maiores e o edifício de quitinetes para aluguel é quase inexistente, embora se encontrem algumas casas para aluguel.



Figura 42: Vista da favela Vila Pereira da Silva.

Em 2001, o produtor de vídeos Fábio Gavião criou o projeto morrinho, com o objetivo de estimular a criatividade dos jovens moradores da comunidade com a construção da maquete e transmitir conhecimentos técnicos de vídeo que possam ajudar os adolescentes a conseguir um emprego na área. O programa recebeu menção honrosa no Prêmio Internacional de Dubai, promovido pela prefeitura da cidade dos Emirados Árabes Unidos e pela ONU. (fonte: <http://www.anba.com.br/noticia.php?id=4627> acessado em 26/06/2006.)



Figura 43: Maquete feita com tijolos por crianças na Favela Vila Pereira da Silva.

3.2.1. Relação com o bairro

A favela Vila Pereira da Silva está localizada entre os bairros de Santa Teresa e Laranjeiras, tendo acesso por ambos os lados, tanto pela Rua Almirante Alexandrino como

pela própria Rua Pereira da Silva que dá nome à favela. Os dois bairros residenciais de classe média dispõem de possibilidades de trabalho para grande parte dos moradores. À favela Vila Pereira da Silva não acessam automóveis, apenas motocicletas em alguns trechos. Apesar da proximidade ao centro do bairro de Laranjeiras, o acesso não é tão simples, uma vez que os moradores só dispõem de uma linha de ônibus que sobe a Rua Pereira da Silva, mas cujo funcionamento está muito ligado ao Colégio Liceu Molière existente no número 728 dessa rua. Muitos moradores reclamam que, nos horários em que a escola não funciona, o ônibus não circula. Segundo alguns moradores, o acesso através de Santa Teresa parece mais fácil, uma vez que há ônibus e bonde até a Rua Almirante Alexandrino e, de lá, basta descer.



Figura 44: Vista do Pão de Açúcar na favela Vila Pereira da Silva.

3.2.2. A pesquisa em campo

A pesquisa de campo realizou-se de junho a julho de 2006 e contou com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Habitação – PROARQ – UFRJ. Foram realizados 100 questionários compostos, assim como no caso de Vila Nova Esperança, por associação de palavras, perguntas abertas, perfil sócio-econômico e seleção de imagens. Também foi realizado, paralelamente, um levantamento das casas quando era permitido pelos moradores.

3.2.3. Apresentação dos resultados

Os resultados obtidos nas pesquisas realizadas na Vila Pereira da Silva nos meses de Junho e Julho/2006 podem ser observados a seguir.

Com relação ao perfil sócio-econômico, temos que a grande maioria das casas dos entrevistados (79%) é própria, contra apenas 16% que são alugadas. Comparando-se com os dados do IBGE do censo de 2000, temos números bastante parecidos (74% dos domicílios próprios, 14% alugados e 10% cedidos e 2% outras formas).

A escolaridade dos chefes de família não é muito alta, tendo a maioria o ensino fundamental incompleto (51%), embora 19 % tenha o ensino médio completo. Existem, no entanto, apenas 2% de analfabetos. Comparando com os dados do último censo de 2000 temos que dos estudantes com mais de 5 anos de idade, 68,71% têm até o Ensino Fundamental completo, 16,59% têm até o Ensino Médio e apenas 5,67% têm o ensino superior.

Os chefes de família são, em sua maioria, pertencentes ao sexo masculino (69% dos entrevistados).

Muitos chefes das famílias entrevistadas (16%) têm idade em torno dos 45 anos. Verificamos no gráfico abaixo que a idade dos chefes de família em Vila Pereira da Silva está mais freqüente entre 45 e 55 anos.

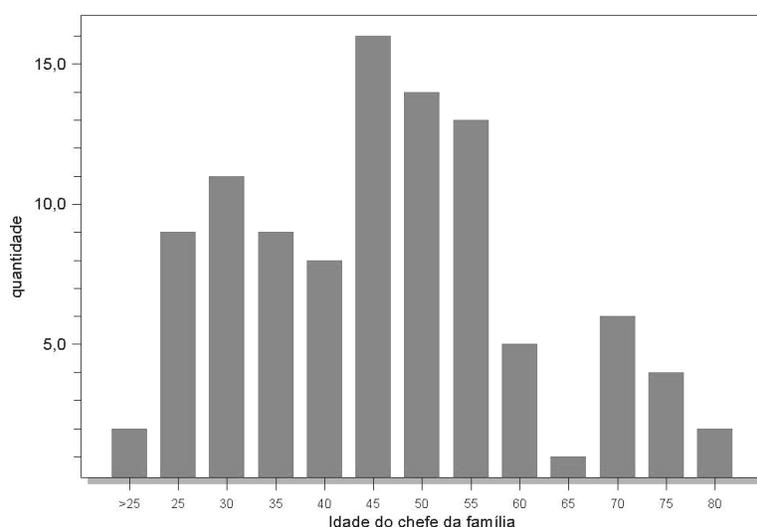


Gráfico 09: gráfico ilustrativo da variação da Idade do Chefe das famílias entrevistadas.

Muitos dos entrevistados é oriunda de outros estados (38%), resultado do fluxo migratório para a cidade do Rio de Janeiro. Existe ainda um grupo (16% dos entrevistados) que vem da malha formal da Zona Sul e um grupo vindo de outras favelas da mesma região (12%). Poucos são aqueles que vêm da Zona Oeste. Segundo dados do censo do IBGE, de 1991 a 1996, 200593 não residiam no Rio de Janeiro e passaram a residir.

Uma boa parte das famílias entrevistadas possui em torno de quatro (29%) ou cinco (19%) moradores. Poucas são as família com mais de seis moradores (8%) e 5% dos entrevistados moram sozinhas. Número médio de moradores em Vila Pereira da Silva é de 4,04 moradores/ domicílio, apresentando-se um pouco maior do que em Vila Nova Esperança (3,81 moradores/ domicílio). Esse número é ainda maior que a média nacional que, segundo dados do Censo de 2000, é de 3.55 habitantes/ domicílio.

Com relação às ocupações dos chefes de família, 43% são prestadores de serviços. Temos também um grande número (22%) de domésticas ou diaristas e apenas 4% trabalha na Construção Civil. Poucos também são os desempregados (4%). Comparando com os dados da população brasileira, temos 29,59% dos trabalhadores estão empregados em serviços ou vendedores do comércio e 22,10% são trabalhadores da produção de bens e serviços industriais.

A renda de 30% dos entrevistados está em torno de dois salários mínimos. Um número significativo deles (18%) recebe em torno de quatro salários. Com base nesses valores, temos a renda média igual a 3,8 salários mínimos. Esses dados se mostram um pouco melhores em relação à realidade nacional, onde, segundo dados do IBGE de 2003, 58,53% das famílias brasileiras tinham renda até quatro salários mínimos, sendo que 16,38% delas até 400,00/mês.

Temos em Vila Pereira da Silva, que um número significativo dos entrevistados (35%) mora na favela há mais de 30 anos. Em contrapartida, uma boa parte deles (30%) mora há menos de cinco anos e outro grupo grande (17%) é morador entre 5 e 10 anos.

a. A estrutura da Representação Social da Moradia

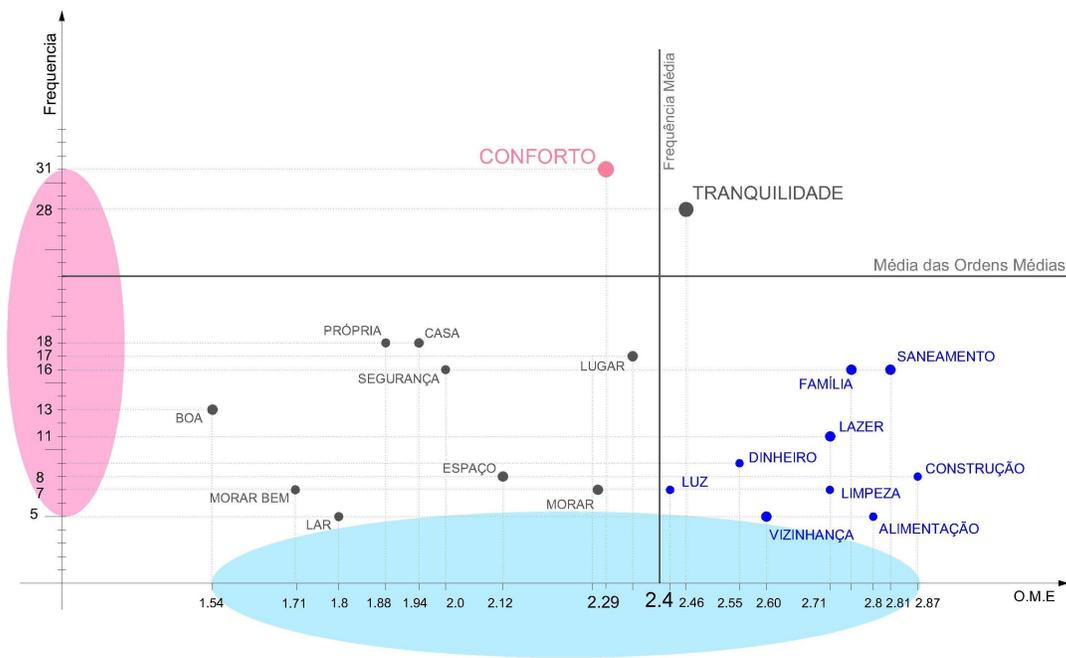


Gráfico 10: Gráfico ilustrativo da Estrutura da Representação Social da Moradia em Vila Pereira da Silva.

Temos no núcleo Central, mais estável, a palavra “**conforto**”, isoladamente.

No Sistema Periférico (que expressa as influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto na construção do conceito) encontramos palavras como “**família**”, “**saneamento**”, “**lazer**”, “**dinheiro**”, “**luz**”, “**vizinhança**”, “**alimentação**”.

Teste de Centralidade

A fim de se confirmar se as palavras que apareceram no primeiro quadrante na estrutura das representações sociais realmente configuram o núcleo central, voltou-se ao campo e foi escolhido-se, aleatoriamente, 30 pessoas na favela, para as quais foi perguntado se “é possível pensar em moradia sem pensar em conforto”. O teste foi realizado no dia 15 de dezembro e, das 30 pessoas abordadas, 23 afirmaram não ser possível pensar em moradia sem pensar em conforto e 7 afirmaram ser possível.

Confirmamos, portanto, que a “moradia” para aqueles que vivem em Vila Pereira da Silva está fortemente ligada ao “conforto”

b. Representação social do “morar bem”

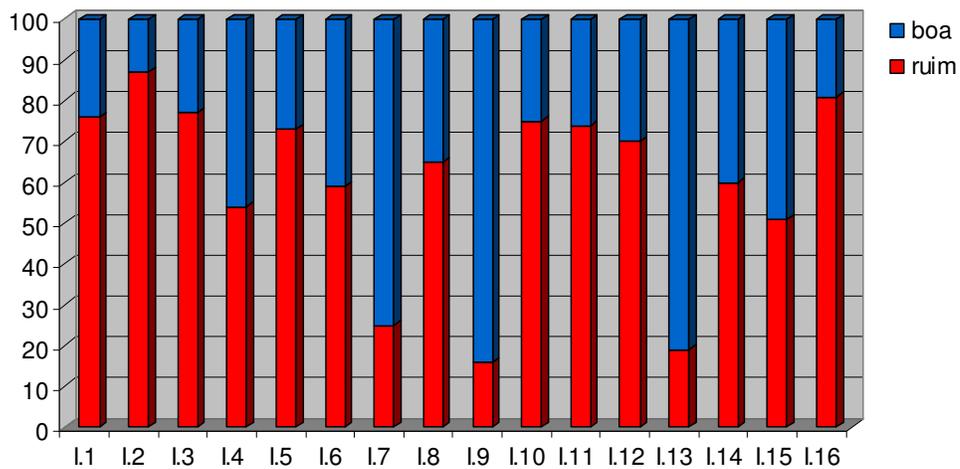


Gráfico 11: gráfico ilustrativo das escolhas das imagens em “morar bem” e “não morar bem”.

No gráfico acima nota-se que, quando pedidos para dividir as imagens em dois grupos distintos – aquelas que têm relação com “morar bem “ e aquelas que não têm relação - a imagem que mais vezes apareceu no grupo daquelas que têm relação foi a imagem 09, seguida pela imagem 13 e depois a imagem 07. Já aquela que mais vezes apareceu no grupo daquelas que menos relação têm com “morar bem” foi a imagem 02, seguida da imagem 16 e depois a imagem 03.

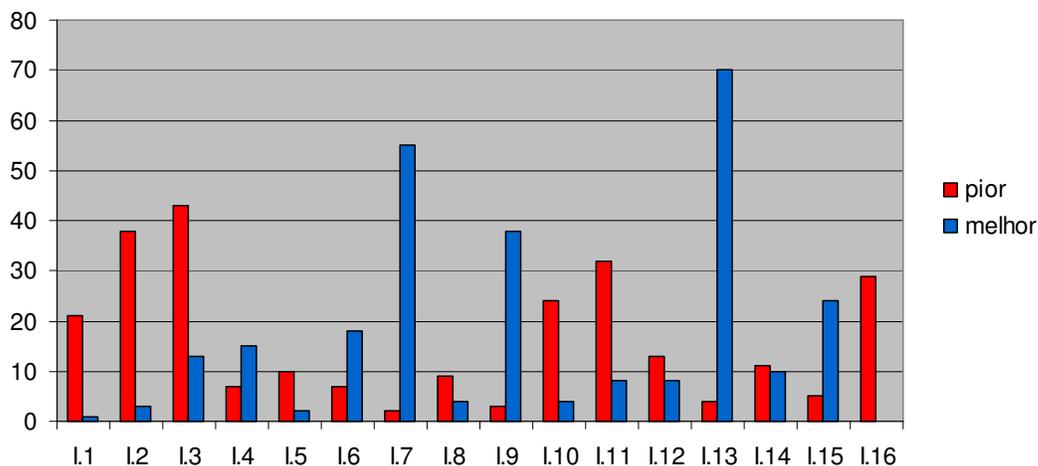


Gráfico 12: gráfico ilustrativo das escolhas das imagens em as três que mais representam morar bem e as três que menos representam.

Já no gráfico acima temos que, com relação às escolhas entre as três que mais têm relação e as três que menos relação têm com o “morar bem”, a imagem que, para os entrevistados, mais relacionada é a imagem 13, seguida pela imagem 7 e depois a imagem 9. Já a imagem que para eles está mais distante do “morar bem” é a imagem 03, seguida pela imagem 02 (igual Vila Nova Esperança) e depois a imagem 11 (diferente de Vila Nova Esperança).

A imagem mais escolhida com uma das três que mais têm relação com “morar bem” foi a **imagem 13** (ver figura 20 no item 3.1.3 desse trabalho), com 25% das escolhas. Ao observar as justificativas para a escolha dessa imagem como uma das três que mais relação tivesse com “morar bem” verificamos que a imagem traz consigo elementos que traduzem bem o conceito de “morar bem” para os moradores de Vila Pereira da Silva. A casa no campo, isolada, com telhado de duas águas em telhas cerâmicas é, para muitos, um sonho que eles gostariam de poder realizar: **“Penso em ter um dia”**. (Josefina, 50, moradora desde 1976); **“tipo de casa que gostaria de ter”**. (Neide, 60, moradora desde 1980).

Para uma melhor análise dos resultados das imagens, optou-se, como já falado anteriormente, por trabalhar com análise de conteúdo com as justificativas dadas na escolha das imagens. Para isso, foram destacadas a presença de elementos considerados relevantes para uma compreensão mais clara da representação do “morar bem” para os moradores de Vila Pereira da Silva. De acordo com a frequência com que esses elementos aparecem nas justificativas das escolhas das imagens e o contexto em que se inserem, formam categorizados em grupos, como poderá ser visto na página 119.

Um dos motivos que norteou essa escolha está relacionado ao fato de ser uma CASA e estar ISOLADA no terreno: **“São separadas. Gosto de casa, não apartamento”**. (Paulo, 27, morador há 6 meses); **“Gosto de casa”**. (Margarida, 64, morador desde 1963); **“Morar isolado”**. **“Sensação de privacidade”**. (Geni, 50, moradora desde 1976.); **“Independência”**. (Ana, 68, moradora desde 1966). Outro motivo está relacionado com o CONTEXTO em que está inserida, ESPAÇO e NATUREZA: **“Adoro morar no mato”**. (Celso, 30, morador desde 2004); **“Porque tem verde, pelo estilo da casa e varanda”**. (Nélio, 69, morador desde 1964.); **“Diferente de favela, muito verde”**. (Neide, 60, moradora desde 1980.) – a favela é mais denso, mais urbano...; **“Casa grande, espaço”**. (Juliana, 28, moradora desde 1998); **“Bem arquitetada. No meio da natureza”**. (Caetano, 27, morador desde 1991); **“Lugar maravilhoso”**. (Clara, 52, moradora desde 1997); **“O lugar, melhor do que a própria casa”**. (Maria, 39, moradora desde 2005); **“Campo. Casa de fazenda”**. (Felipe, 35, morador desde 1998); **“Vista bonita, casarão”**; (Robson, 49, morador desde 1998); **“Ter bicho em casa”**. (Cristóvão, 56, morador desde 1999); **“Gosto**

de verde, de planta, de bicho". (Amélia, 31, moradora desde 1996); **"Espaço, árvores, campo"**. (Isabel, 32, moradora desde 1995); **"Espaço p/ crianças brincarem"**. (Ivete, 34, moradora desde 1996); **"Por causa do quintal, para poder crescer"**. (Cristina, 50, moradora desde 2005); **"Sou doido pra morar no interior. Casa grande com grama"**. (Plínio, 44, morador desde 1986); **"Muito espaço"**. (Marcela, 26, moradora desde 1985); **"Eu moro na cidade, mas gosto de interior. Parece casa de interior"**. (Jane, 40, moradora desde 2003); **"Gosto do mato. Fui criada em fazenda"**. (Oscar, 71, morador desde 2004); **"Pelo ambiente e pelo tamanho da casa"**. (Ronaldo, 28, morador desde 2003); **"Morar no verde, ar puro, natureza"**. (Evandro, 38, morador desde 1968); **"Sem vizinho, no mato"**. (Osvaldo, 52, morador desde 1954). O CONFORTO também é citado: **"Bem confortável"**. (Ricardo, 30, morador desde 1999); **"Casa é mais confortável"**. (Luciana, 43, moradora desde 1973); **"Gostei do conforto, do lugar"**. (Aparecida, 25, moradora desde 1996); **"Porque tem segurança, tem bastante conforto"**. (Diogo, 30, morador desde 1997); **"Aconchegante"**. (Daniel, 16, morador desde 1990). Razões relacionadas à TRANQUILIDADE também foram freqüentes: **"Transmite tranquilidade"**. (Rodrigo, 46, morador desde 1991); **"Lugar tranquilo; c/ natureza"**. (Jorge, 25, morador desde 2001); **"Lugar simples, tranquilo e verde"**. (Noêmia, 24, moradora há 4 meses); **"Ambiente sossegado"**. (Marcio, 29, morador desde 1997); **"Tranquilo. É bonito, tem jardim, segurança"**. (Teresa, 52, moradora desde 1989); **"Lugar tranquilo"**. (Ivete, 34, moradora desde 1996); **"Tranquilidade. Recursos naturais"**. (Clarice, 40, moradora desde 1966); **"Tranquilidade"**. (Geni, 53, moradora desde 1976); **"A chegada da casa é tranqüila"**. (Dirce, 52, moradora desde 1998); "Lugar tranquilo. Construção perfeita. Meio ambiente. Casa isolada". (Vera, 16, moradora desde 2002). Além desses motivos, a ASPECTOS ESTÉTICOS também influenciaram: **"Gosto de coisa bonita"** (Neide, 60, moradora desde 1980); **"Mais bonita"**. (Leandro, 15, morador desde 1999); **"Tudo bonito"**. (Dulce, 43, moradora desde 2003); **"Tudo bonito. Adoro casa"**. (Helena, 53); **"Bonito lugar"**. (Joana, 67, moradora desde 1971); **"Bonita entrada"**. (Joana, 70, moradora desde 1986); **"Achei bonita"**. (Carina, 28, moradora desde 1978); **"Fachada linda. Casa de alvenaria"**. (Paula, 48, moradora desde 1966); **"Porque é lindo, maravilhoso"**. (Marlene, 58, moradora desde 1948); **"Casas maravilhosas"**. (Telma, 31, moradora desde 2004).

Temos também a **Imagem 7** (ver figura 21 no item 3.1.3 nesse trabalho) com 20% das escolhas. Com relação às justificativas, muitos afirmam se esse o **"tipo de casa que gostaria de ter"**. (Neide, 60, moradora desde 1980). É clara a preferência pela proximidade da PRAIA: **"Casa na praia"**. (Ricardo, 30, morador desde 1999; Juliano, 28, morador desde 2005); **"Por causa da praia"**. (Jaqueline, 22, moradora desde 1984; Marcela, 26, moradora desde 1985); **"Gosto de praia"**. (Lara, 25, moradora desde 1981; Carina, 28, moradora

desde 1978); **“Beira de praia”**. (Julio, 22, morador há 8 meses); **“À beira da praia”**. (Marcio, 46, moradora desde 1978). O fato de estar ISOLADA no terreno também foi um fator: **“É separada. Gosto de casa, não apartamento”**. (Paulo, 27, morador há 6 meses); **“Morar isolado”**. (Cristóvão, 56, morador desde 1999); **“Não é muito isolado, mas tem a sua independência”**. (Ana, 68, moradora desde 1966). A TRANQUILIDADE influencia bastante na decisão: **“Tem muita tranquilidade”**. (Bruno, 12, morador desde 1994); **“Lugar simples, tranquilo e verde”**. (Noemia, 24, moradora há 4 meses); **“Ambiente sossegado”**. (Marcio, 29, morador desde 1997); **“Lugar tranquilo; c/ natureza”**. (Jorge, 25, morador desde 2001); **“Transmite tranquilidade”**. (Rodrigo, 46, morador desde 1991); **“Natureza, tranquilidade, sem carro”**. (Thais, 18, moradora há 5 meses). Os ASPECTOS ESTÉTICOS também são importantes: **“Gosto de coisa bonita, diferente de favela”**. (Neide, 60, moradora desde 1980); **“É bonita”**. (Jerônimo, 49, morador há 2 meses); **“Paisagem, lugar bonito”**. (Josimar, 20, moradora desde 2005); **“Achei mais bonito”**. (Claudia, 43, moradora desde 1976); **“Mais bonita”**. (Leandro, 15, moradora desde 1999); **“Vista bonita, casarão”**. (Robson, 49, moradora desde 1998); **“Porque é lindo, maravilhoso”**. (Marlene, 58, moradora desde 1948); **“Porque é bonita, parece ser bom lugar”**. (Cristiane, 50, moradora desde 1998); NATUREZA e ESPAÇO também são fundamentais: **“Muito verde”**. (Neide, 60, moradora desde 1980); **“Lugar bom”**. (Jarbas, 25, moradora desde 2004); **“Ter bicho em casa”**. (Cristóvão, 56, morador desde 1999); **“Lugar amplo”**. (Geni, 53, moradora desde 1976); **“Gosto da paisagem”**. (Hebe, 70, moradora desde 1966); **“Tem ar livre, s/ poluição”**. (Eliane, 48, moradora desde 1994); **“Pelo ambiente e pelo tamanho da casa”**. (Ronaldo, 28, morador desde 2003); **“Praia, ar puro, natureza”**. (Evandro, 38, morador desde 1968). O CONFORTO é outro forte motivo para a escolha dessa imagem: **“Casa é mais confortável, parecida c/ a casa do norte”**. (Luciana, 43 moradora desde 1973); **“Casa confortável”**. (Rogério, 45, morador desde 1996); **“Porque tem segurança, tem bastante conforto”**. (Diogo, 30, morador desde 1997).

A terceira imagem mais escolhida como uma das três mais relacionadas com “morar bem” é a **imagem 9** (ver figura 22 no item 3.1.3 desse trabalho). Essa imagem faz parte do **“Sonho de consumo”**. (Luana, 25, moradora desde 2005) de parte dos moradores entrevistados. Eles gostariam de ter a casa, mas alguns julgam: **“não tenho dinheiro pra mobiliar”**. (Arlete, 42, moradora desde 1981). A BELEZA e a ARQUITETURA são citadas com frequência: **“Lugar mais bonito”**. (Jonas, 52, moradora desde 2002); **“Vista bonita, casarão”**. (Robson, 49, moradora desde 1998); **“Bonita”**. (Joana, 97, moradora desde 1971); **“Porque é lindo, maravilhoso”**. (Marlene, 58, moradora desde 1948); **“Casa bonitinha”**. (Marcela, 26, moradora desde 1985); **“Porque é bonita, parece ser bom**

lugar". (Cristiane, 58, moradora desde 1998); "**Linda e confortável**". (Marcio, 46, moradora desde 1978); "**Arquiteticamente bem feito**". (Geni, 53, moradora desde 1976); "**Ambiente sofisticado**". (Rogério, 45, morador desde 1996). "**Gosto de coisa bonita, diferente de favela, muito verde, tipo de casa que gostaria de ter**". (Neide, 60, moradora desde 1980). ESPAÇO e NATUREZA são elementos essenciais para a escolha dessa imagem: "**Casa grande, espaço**". (Juliana, 28, moradora desde 1998); "**Campo. Casa de fazenda**". (Felipe, 35, morador desde 1998); "**Casa confortável, espaçosa**". (Alberto, 29, morador desde 1998); "**Sou doido pra morar no interior. Casa grande com grama**". (Plínio, 44, morador desde 1986); "**Pelo ambiente e pelo tamanho da casa**". (Ronaldo, 28, morador desde 2003.); "**Morar no verde, ar puro, natureza**". (Evandro, 38, moradora desde 1968); "**Casa de campo**". (Juliano, 28, moradora desde 2005). A TRANQUILIDADE e o CONFORTO também foram considerados na escolha: "**Lugar tranquilo; c/ natureza**". (Jorge, 25 moradora desde 2001); "**Lugar tranquilo. Construção perfeita. Meio ambiente**". (Vera, 16, moradora desde 2002); "**Lugar tranquilo, espaço p/ crianças brincarem**". (Ivete, 34, moradora desde 1996); "**Gostei do conforto, do lugar**". (Aparecida, 25, moradora desde 1996); "**Porque tem segurança, tem bastante conforto**". (Diogo, 30, morador desde 1997).

A **imagem 15** (figura 45) também é bastante escolhida como representativa de "morar bem". Uma justificativa freqüente para a escolha dessa imagem foi o contato com a NATUREZA e o ESPAÇO: "**Perto do mato**". (Joel, 22, moradora há 3 meses); "**Ter bicho em casa**". (Cristóvão, 56, morador desde 1999); "**Sou doido pra morar no interior. Casa grande com grama**". (Plínio, 44, morador desde 1986); "**Eu moro na cidade, mas gosto de interior. Parece casa de interior**". (Jane, 40, moradora desde 2003); "**Gosto de morar na roça**". (Raquel, 40, moradora desde 1966); "**Sem vizinho, no mato**". (Osvaldo, 52, morador desde 1954). "**Gosto do mato. Fui criada em fazenda**". (Oscar, 71, morador desde 2004); "**Plantas**". (Joana, 67, moradora desde 1971). A BELEZA e CONFORTO também parecem ter influenciado a escolha: "**É bonita**". (Jerônimo, 49, morador há 2 meses); "**Paisagem, lugar bonito**". (Josimar, 20, morador desde 2005); "**Bonita**". (Carina, 28, moradora desde 1978). "**Casa é mais confortável, parecida c/ a casa do norte**". (Luciana, 43, moradora desde 1973); "**Parece confortável**". (Joana, 70, moradora desde 1986). A TRANQUILIDADE motivou a escolha também: "**Transmite tranquilidade**". (Rodrigo, 46, morador desde 1991); "**lugar tranquilo, espaço p/ crianças brincarem**". (Ivete, 34, moradora desde 1996); "**Natureza, tranquilidade, s/ carro**". (Thais, 18, moradora há 5 meses); "**Tranquilidade**". (Lucio, 20, morador desde 1976); "**Tranquilidade. Recursos naturais**". (Clarice, 40, moradora desde 1966). Além disso, notamos que o fato de ser ISOLADA também norteou, assim como nas demais imagens, a escolha dessa

imagem: **“Morar isolado”**. (Cristóvão, 56, morador desde 1999); **“Adoro casa”**. (Eunice, 53); **“São separadas. Gosto de casa, não apartamento”**. (Paulo, 27, morador há 6 meses);



Figura 45: Imagem nº. 15

Destacamos também um número significativo de escolhas da **Imagem 03** (fotografia da própria favela, ver imagem 46). As justificativas são inúmeras: **“Minha casa igual do Ceará”**. (Marta, 54, moradora desde 1971); **“Porque já estou aqui mesmo”**. (Bruno, 15, morador desde 1994); **“Eu me sinto bem aqui. Tudo que eu preciso está aqui. Temos bons vizinhos. Eu acho que eu moro muito bem. Abro minha janela e vejo o pão de açúcar”**. (Fátima, 45, moradora desde 1985); **“Lugar bom”**. (Jarbas, 25, morador desde 2004); **“Gosto de morar na favela”**. (Dulce, 43, moradora desde 2003.); **“Adoro esse lugar. Gosto de movimento”**. (Tatiana, 18, moradora desde 1988); **“Grande morrão! Onde eu nasci!”** (Iracema, 19, moradora desde 2005.); **“Nós moramos bem”**. (Luana, 25, moradora desde 2005); **“Gosto de morar aqui”**. (Denise, 29, moradora desde 1996); **“Gosto de morro”**. (Sérgio, 43, morador desde 1982); **“É movimentado”**. (Daniel, 16, morador desde 1990). Percebemos com isso que estão aqui presentes questões ligadas à ambiência, às redes sociais e as raízes, elementos que, de uma certa maneira, rompem a representação negativa da própria favela.

Ao serem perguntados a respeito das justificativas, opiniões mais gerais surgiram, tais como: **“Importante é não ter violência”**. (Rita, 53, moradora desde 1953); **“Não adianta ter casa bonita e não ter nada dentro dela”**. (Mônica, 46, moradora desde 1960);

“Quanto mais mato melhor... E bem longe”. “Sinto-me bem morando aqui. Entro e saio na hora que quero. Gosto de quintal, espaço”.



Figura 46: Imagem nº. 03 para a Favela Vila Pereira da Silva.

A imagem com o maior índice de rejeição é a **imagem 03** com 17% das escolhas das três imagens que menos tinham relação com “morar bem” (ver figura 46). A maioria das justificativas para a escolha dessa imagem, diz respeito ao fato de ser FAVELA: **“É horrível morar na favela”**.(Ricardo, 30, morador desde 1999); **“Parece uma favela cheia de barraco. (...) Se eu pudesse morava numa casa sozinha”**. (Selma, 71, moradora desde 1936). **“Porque é morro, parece bagunçado”**. (Maria, 39, moradora desde 2005); **“Não gosto de favela”**. (Luciana, 43, moradora desde 1973); **“Porque é morro”**. (Ivete, 34, moradora desde 1996); **“Lugar apertado. Lugar ruim. Favela”**. (Geni, 53, moradora desde 1976); **“Favela não presta”**. (Gustavo, 54, morador desde 1981); **“Favela”**. (Juliano, 28, morador desde 2005); **“Morar no morro”**. (Osvaldo, 52, morador desde 1954); **“Mesmo não pagando contas, não gosto de morar na comunidade”**. (Vera, 16, moradora desde 2002). A VIOLÊNCIA também motivou essa escolha, uma vez que as favelas são associadas à idéia de crime e de tráfico: **“Parece ser comunidade, fica sujeito ao mundo do crime”**. (Diogo, 30, morador desde 1997). **“Vê muita violência no morro. Morar bem é morar em casa”**. (Celso, 30, morador desde 2004); **“Parece lugar perigoso”**. (Leandro, 15, morador desde 1999). Muitos reconhecem a sua própria REALIDADE, rejeitando-a: **“É minha realidade. Vizinho do lado do vizinho”**; **“Parece aqui; detesto aqui. Se pudesse sair”**.(Josefina, 50, moradora desde 1976); **“Não gosto de onde moro”**. (Aparecida, 25, moradora desde 1996); **“Eu quero sair do morro. Só moro no morro porque preciso tranquilidade”**. (Eliane, 48, moradora desde 1994). O fato de ser em área de ACLIVE

também incomoda: **“Qualidade do local, subir morro”**.(Rodrigo, 46, morador desde 1991); **“Fica no alto”**. (Marcio, 29, morador desde 1997); **“Alto demais - difícil de carregar coisas”**. (Jane, 40, moradora desde 2003); **“Porque é morro, favela, muita escada, odeio escada”**. (Ronaldo, 28, morador desde 2003); **“Subida”**. (Evandro, 38, morador desde 1968); **“Muito no alto”**. (Juliana, 28, moradora desde 1998). A questão do RISCO de desabamento e a infra-estrutura também são citadas: **Falta infra-estrutura**. (André, 48, morador desde 1996); **“Parece que está em área de risco”**. (Joel, 22, morador há 3 meses); **“É no morro, arriscado quando chove”**. (Teresa, 52, moradora desde 1989). A falta de privacidade e de as casas ficarem “umas em cima das outras” são justificativas freqüentes para a escolha dessa imagem também: **“Aglomeração de pessoas”**. (Clarice, 40 moradora desde 1966); **“Muito junto, fechado, sufocante”**. (Rogério, 45, morador desde 1996); **“Tudo embolado, uma casa em cima da outra”**. (Marlene, 58, moradora desde 1948); **“Não tem conforto, tudo amontoado”**. (Marcio, 46, morador desde 1978). A BELEZA também foi um motivo para essa escolha: **“Não tem vista muito boa”**. (Jerônimo, 49, morador há 2 meses); **“Não é tão bonito”**. (Jaqueline, 22, moradora desde 1984); **“Não é bonita”**. (Agenor, 56, morador desde 1971).

Verifica-se aqui a representação histórica das favelas como morro e os problemas referente ao acesso, conforto, risco e aglomeração.

Em seguida, temos a **imagem 02** (ver imagem 27 no item 3.1.3 desse trabalho), com 15% dos entrevistados apontando-as como uma das três que menos relação tem com “morar bem”. Muitos dos entrevistados associam a imagem desse conjunto com a imagem da própria FAVELA e à AGLOMERAÇÃO de pessoas, rejeitando-a: **“É horrível morar na favela”**.(Ricardo, 30, morador desde 1999); **“Vê muita violência no morro. (...) Morar bem é morar em casa”**. (Celso, 30, moradora desde 2004); **“Favela não presta”**. (Gustavo, 54, morador desde 1981); **“Parece favela”**. (Aline, 46, moradora desde 1983; Josefina, 50, moradora desde 1976); **“Porque é morro, favela, muita escada. Odeio escada”**. (Ronaldo, 28, morador desde 2003) **“Muito enrolado”**. (Clotilde, 20, moradora há 2 meses); **“Parece pombal”**. (Rita, 53, moradora desde 1953); **“Muito junto”**. (Juliana, 28, moradora desde 1998); **“Casa em cima da outra; sem ar”**. (Luciana, 43, moradora desde 1973); **“Não gosto de muita gente junta. Monte de casa não é morar bem. Não gosto de prédio”**. (Cristóvão, 56, morador desde 1999); **“Parece albergue”**. (Lara, 25, moradora desde 1981); **“Parede com parede”**. (Jéssica, 46, moradora desde 1984); **“As favelas do subúrbio - conjunto habitacional. Parede c/ parede”**. (Jéssica, 46, moradora desde 1984); **“Muito junto, fechado, sufocante”**. (Rogério, 45, morador desde 1996); **“É estranho. Cheio de gente”**. (Julio, 22, morador há 8 meses); **“Parece que não tem espaço, apertado”**.

(Marcela, 26, moradora desde 1985); **“Muito tumultuado”**. (Amélia, 31, moradora desde 1996).

Temos também a **imagem 11** (ver figura 25 no item 3.1.3 desse trabalho) com 13% das escolhas negativas, ou seja, daquelas três quem menos a ver com morar bem teriam. A imagem é do Morro da Mangueira e boa parte das justificativas para a escolha dessa imagem tem relação com o fato de ser FAVELA: **“Vejo muita violência no morro. Não tem liberdade no condomínio. Morar bem é morar em casa”**. (Celso, 30, morador desde 2004). **“Parece favela”**. (Josefina, 50, moradora desde 1976); **“Porque é morro, parece bagunçado”**. (Maria, 39, moradora desde 2005); **“Porque é morro”**. (Ivete, 34, moradora desde 1998); **“Morar no morro”**. (Osvaldo, 52, morador desde 1954); **“Favela”**. (Juliano, 28, morador desde 2005); **“Favela tumultuada”**. (Jane, 42, moradora desde 2003); **“Porque é morro, favela, muita escada, odeio escada”**. (Ronaldo, 28, morador desde 2003). **“Prefiro a Pereira da Silva”**. (Claudia 43, moradora desde 1976); **“Morro não! Morro por morro...”** (Marcela, 26, moradora desde 1985); **“Favela por favela eu moro na minha”**. (Carina, 28, moradora desde 1978); O fato de ser em ACLIVE e as casas serem TREPADAS umas nas outras também incomoda: **“Altura”**. (Rita, 53, moradora desde 1953); **“Qualidade do local, subir morro”**. (Rodrigo, 46, morador desde 1991); **“É minha realidade. Vizinho do lado do vizinho”**. (Robson, 49, morador desde 1998); **“Feia. Casa trepada”**. (Lara, 25, moradora desde 1981); **“Muito junto, fechado, sufocante”**. (Rogério, 45, morador desde 1996); **“Não tem conforto, tudo amontoado”**. (Márcio, 46, morador desde 1978); **“Muito tumultuado”**. (Amélia, 31, moradora desde 1996). A VIOLÊNCIA está novamente associada a imagem: **“Parece lugar perigoso”**. (Leandro, 15, morador desde 1999); **“Boca de fumo”**. (Thais, 18, moradora há 5 meses); **“Violência”**. (Evandro, 38, morador desde 1968). **“Lugar agitado. Rua passagem de carro”**. (Jorge, 25, morador desde 2004).

c. “Conforto”, “segurança” e “tranqüilidade”

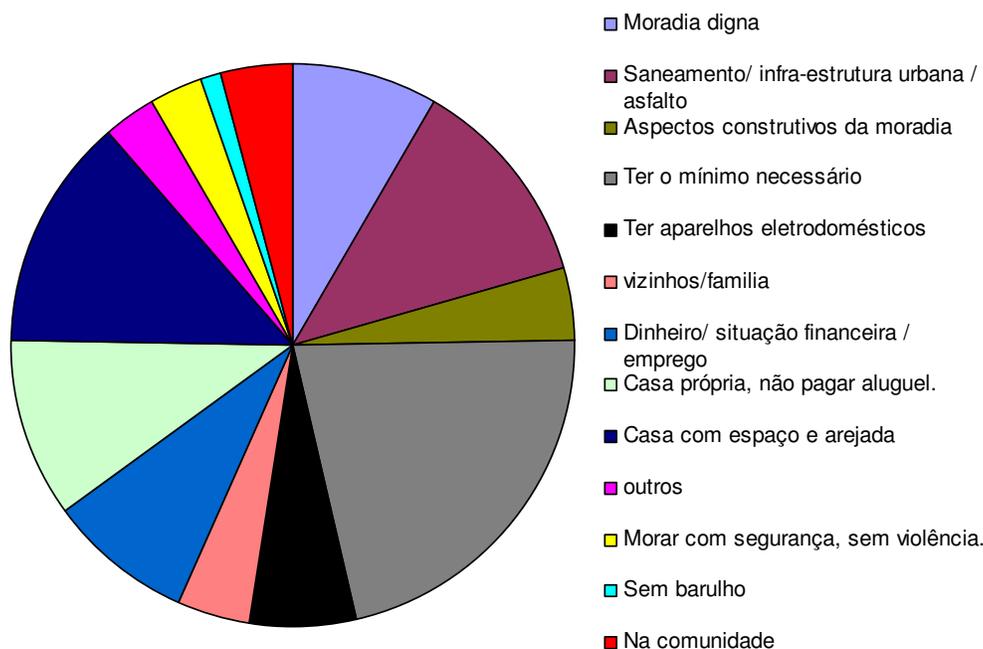


Gráfico 13: “morar com conforto” para os moradores de Vila Pereira da Silva

Morar com conforto para 21% dos entrevistados na Vila Pereira da Silva é “ter o mínimo necessário”, seguido de “uma casa com espaço e arejada” (13%). Um bom número de pessoas também relaciona morar com conforto com aspectos relacionados a saneamento, infra-estrutura urbana ou calçamento (12%). Nota-se, nesses resultados, que morar com conforto está intimamente ligado à questão da sobrevivência (ter o mínimo necessário).

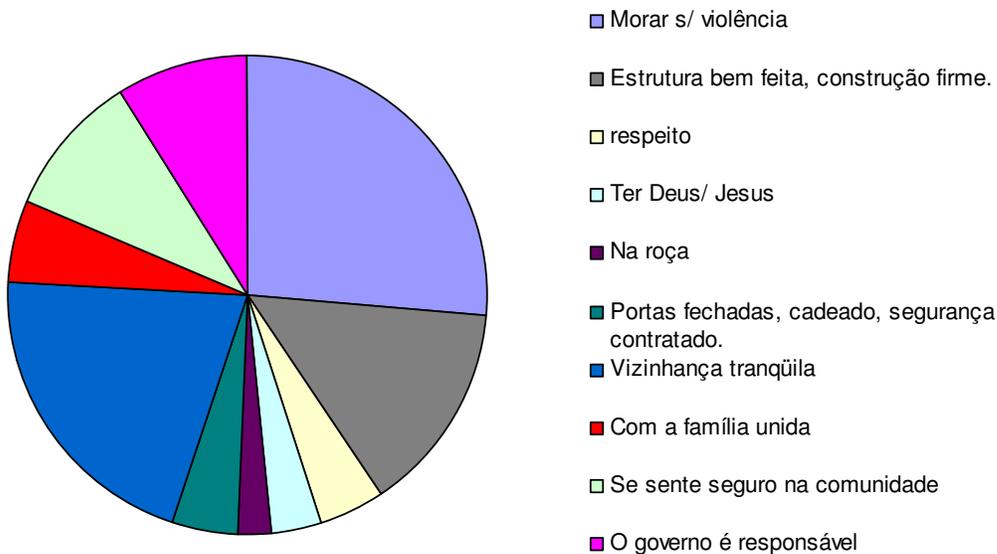


Gráfico 14: “morar com segurança” para os moradores de Vila Pereira da Silva

“Morar com segurança” para 26,37% dos moradores da favela Vila Pereira da Silva é “morar sem violência”. Já para 20,88% deles significa “ter uma vizinhança tranqüila”, que pode ser entendida com relação à ausência de barulho/ bagunça. Um número significativo dos entrevistados (14,29%) relaciona morar com segurança a “ter uma moradia firme, com estrutura bem feita”, talvez pelo fato de morar em morro e a instabilidade que isso traz.

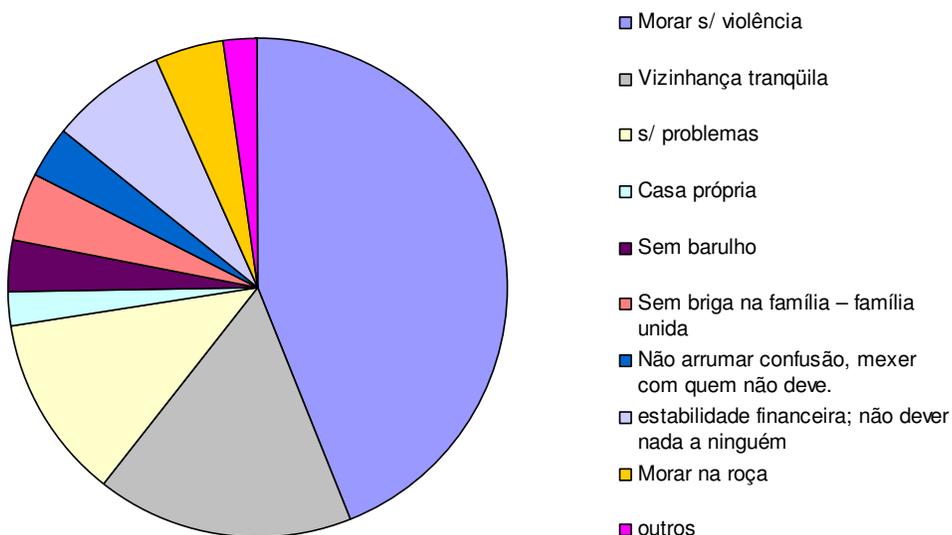


Gráfico 15: “morar com tranqüilidade” para os moradores de Vila Pereira da Silva

Morar com tranquilidade para 43,96% dos moradores significa morar sem violência. Para 16,48% representa ter uma vizinhança tranquila, enquanto para 12,09% dos entrevistados é o mesmo que não ter problemas de espécie alguma.



Figura 47: Casa de pau-a-pique na favela Vila Pereira da Silva.

d. As representações na concretização da moradia

Com relação às moradias, observa-se que estas, de uma maneira geral, possuem dimensões um pouco maiores que àquelas encontradas em Vila Nova Esperança. Embora existam muitas casas de aluguel, não existe o mercado de “quitinetes” da maneira em que foi observado no estudo de caso anterior. A maioria das casas possui, pelo menos um quarto, independente da sala. Com relação à iluminação e ventilação, percebe-se que as casas, de uma maneira geral, são mais ventiladas e frescas, as casas possuem mais fenestração e sua localização no morro permite maior circulação de ar.

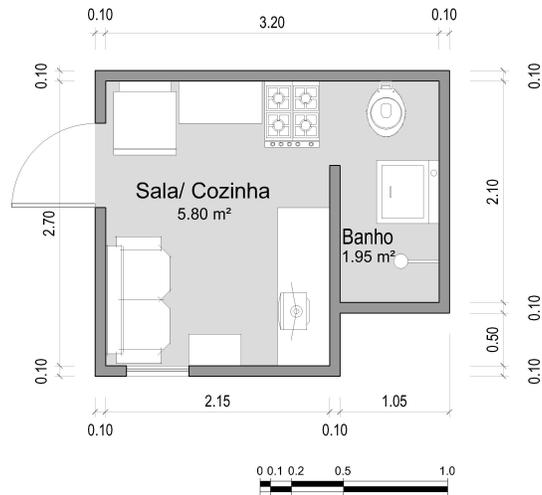


Figura 48: Planta baixa da casa com 7,75 m².

A planta baixa acima (figura 48) foi a menor casa encontrada em Vila Pereira da Silva. Embora aqui quase não existam as “quitinetes” para aluguéis como em Vila Nova Esperança, percebemos ainda a existência de algumas casas pequenas como no exemplo supracitado. Aqui temos um cômodo multifuncional de sala, cozinha e quarto em apenas 6m² e um banheiro que também é área de serviço de 1.95m². Nesta casa, que é própria, moram três pessoas, sendo dois adultos e uma criança, há 25 anos.

Neste exemplo, não verificamos, muito claramente os elementos da busca do “conforto”: os espaços são extremamente pequenos e a iluminação e ventilação não são boas. Como elementos do “Morar bem” podemos destacar apenas o fato de ser uma “casa” e estar em contato com a “natureza”.

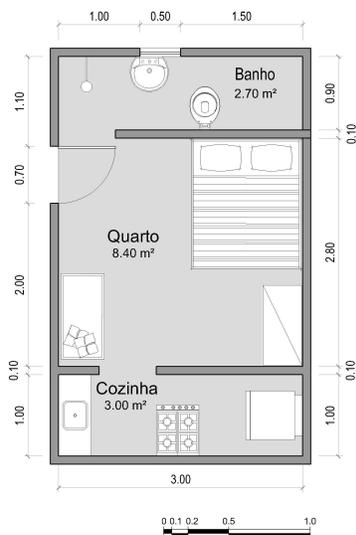


Figura 49: Planta baixa da casa de 11.10m².

Na figura acima (figura 49), temos uma das menores casas encontradas em Vila Pereira da Silva, com um pouco mais de 11m². Nela verificamos a simplicidade na divisão dos compartimentos, onde temos um quarto, uma cozinha e um banheiro. Verificamos a ausência de sala. E uma deficiência em termos de iluminação e ventilação. O quarto funciona como elemento centralizador da circulação, não havendo elemento destinado a esse fim, o que prejudica ainda mais o tamanho já reduzido dos cômodos. Aqui temos uma casa alugada, moram cinco pessoas, sendo dois adultos e três crianças.

Neste exemplo não percebemos claramente o “conforto”, temos, sim um espaço reduzido, não comportando uma sala ou circulação e com ausência quase total de fenestraçãoes. Com relação às referências ao “morar bem” também não vemos os elementos como isolamento, espaço ou área verde.



Figura 50: Planta baixa da casa com 11.39 m².

Na figura 50 temos a planta baixa de uma pequena casa de quase 12m², onde verificamos novamente a inexistência de sala, havendo um quarto, cozinha e banheiro. Diferente do que ocorre em Nova Esperança, aqui o cômodo multifuncional não funciona como sala, prevalecendo a função de quarto. Quase todos os cômodos com exceção do banheiro possuem alguma iluminação e ventilação. A ausência de um elemento de circulação diminui ainda mais a área útil dos compartimentos. Nesta casa, cedida, moram três adultos há menos de um ano.

Aqui, apesar do pouco espaço, percebemos o “conforto” apenas no número de aberturas. Não há um compartimento que funcione como sala ou um elemento de circulação. Com relação ao “morar bem”, não temos o isolamento, o espaço, o quintal ou o contato com a natureza.

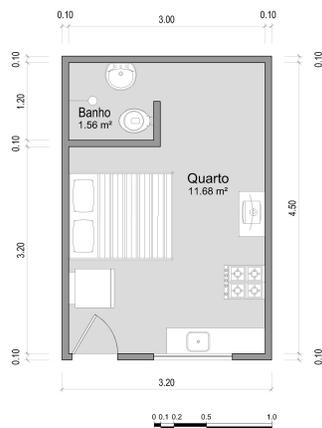


Figura 51: Planta baixa da casa com 13,26m².

Na figura 51 acima temos a planta baixa da casa da Sr^a. Lucinéia de um único ambiente multifuncional de quarto, sala, e cozinha e, separadamente, um banheiro de apenas 1.56m² que não é ventilado nem iluminado naturalmente. Também inexistente aqui um elemento circulatório, obrigando o cômodo multifuncional a abrigar mais essa função. A casa é alugada e moram três pessoas, sendo dois adultos e uma criança, há menos de um ano.

No exemplo acima, não verificamos novamente, elementos de uma busca por um “conforto”. Há pouco espaço e a iluminação e ventilação não são adequadas. Como elementos do “Morar bem” podemos destacar novamente apenas o fato de ser uma “casa” e estar em contato com a “natureza”.

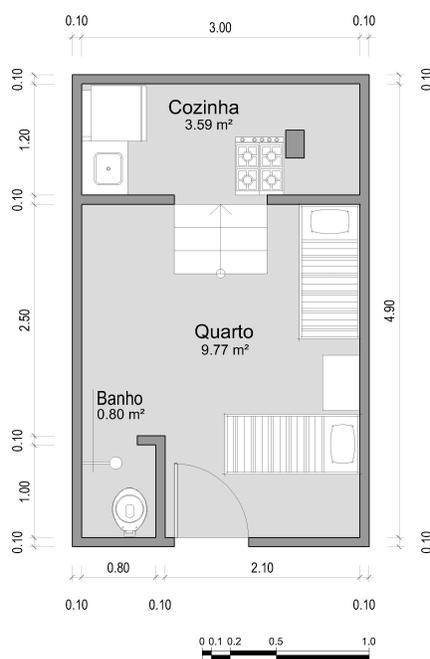


Figura 52: Planta baixa da casa com 14,16m².

Na figura acima (figura 52) é a planta baixa de uma casa de quase 15m², composta de um quarto, uma cozinha e um banheiro de apenas 0.80m². Verificamos aqui novamente a inexistência de sala, havendo apenas um quarto que, talvez, desempenhe também a função de sala. Nesta casa, que é própria, moram quatro pessoas, sendo dois adultos, um adolescente e 1 criança, há nove anos.

Quase não verificamos nesse exemplo o “conforto”, uma vez que temos um espaço muito pequeno, a inexistência de janelas. Além de não haver um compartimento que tenha a função de sala, fazendo com que a questão do conforto fique prejudicada. Com relação à

morar bem, apenas o fato de ser uma casa e estar em contato com a natureza são elementos presentes nesse exemplo.

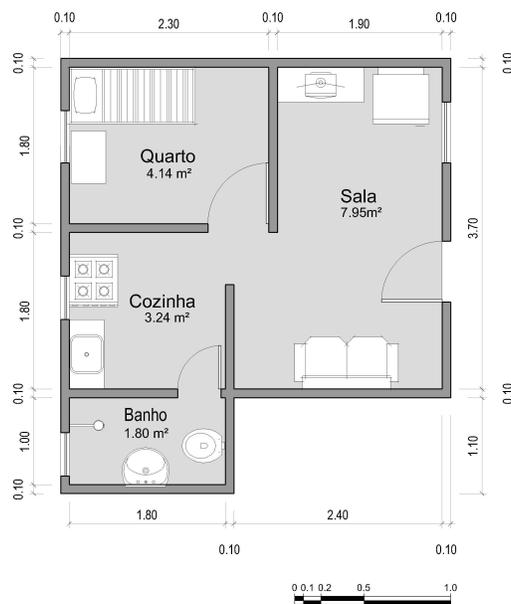


Figura 53: Planta baixa da casa com 16.23 m².

Na figura 53 temos a planta baixa da casa do Sr. Alberto com menos de 17m²: uma casa de quarto, sala, cozinha e banheiro. Verificamos que todos os cômodos possuem ventilação e iluminação natural adequadas. Observa-se também a inexistência de elementos de circulação como corredores ou hall. O acesso se dá pela sala e, vale notar também que, nesse caso, o acesso ao banheiro acontece através da cozinha, o que é comum encontrarmos em muitas casas do subúrbio, que advém da origem do banheiro e sua junção ao corpo da casa que se dará nos fundos. Nesta casa, que é alugada, moram cinco adultos há pouco mais de um ano.

Notamos a representação do CONFORTO bastante presente na quantidade de abertura de janelas, nas divisões dos cômodos, o que demonstra uma preocupação com o bem-estar interno dos moradores, apesar do pouco espaço. Com relação ao “morar bem”, temos uma “casa” embora não isolada no terreno. Embora não haja o espaço desse ideal de morar bem, há uma divisão clara entre os compartimentos o que proporciona um certo “conforto” também indicado por eles relacionados ao “morar bem”.



Figura 54: Planta baixa da casa com 17 m².

A figura acima é a planta baixa de uma casa de apenas 17m² composta apenas de quarto, sala e banheiro. Verificamos aqui a quase inexistência de fenestração (apenas no quarto) e de um ambiente de cozinha. Também verificamos novamente a inexistência de um elemento de circulação, fazendo com que a sala exerça também essa função. Nesta casa, que é alugada, moram cinco pessoas, sendo três adultos e duas crianças, há cinco anos.

Neste exemplo, novamente, não verificamos claramente elementos de uma busca por um “conforto”. Os espaços são muito pequenos e a iluminação e ventilação são deficientes. Como elementos do “morar bem” podemos destacar novamente apenas o fato de ser uma “casa” e estar em contato com a “natureza”.

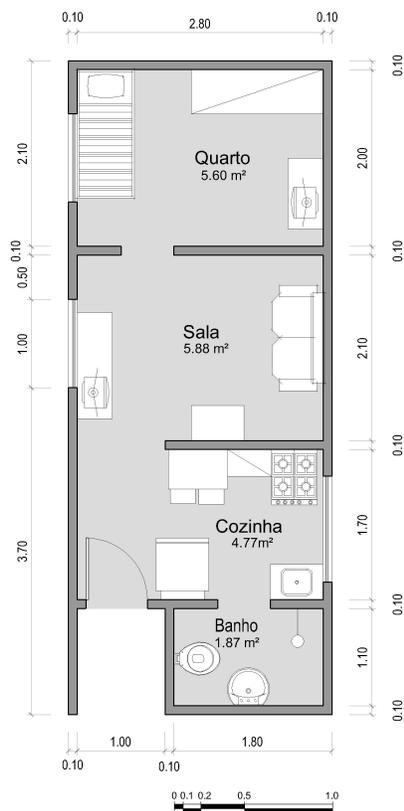


Figura 55: Planta baixa da casa com 18,12m² .

Na figura acima (figura 55) temos a casa da Sr^a. Marlene de um quarto e menos de 19m². Apesar de a casa e os cômodos não serem grandes, verificamos a existência de cômodos individualizados: banheiro, cozinha, sala e quarto. Nota-se a inexistência de área de serviço ou quintal. Observa-se novamente o acesso ao banheiro sendo realizado através da cozinha. Quase todos os cômodos, com exceção do banheiro, possuem ventilação e iluminação natural. Não existe um elemento de circulação sendo a cozinha e a sala usadas também para essa função, reduzindo ainda mais seu espaço útil. Nesta casa, que é própria, moram cinco pessoas, sendo quatro adultos e um adolescente, há oito anos.

Apesar do pouco espaço, verificamos o “conforto” na quantidade de fenestrações encontradas e na grande compartimentação da casa. Com relação ao “morar bem”, temos no exemplo acima, apenas o fato de ser uma “casa” embora não isolada, sem muito “espaço” ou “quintal”.

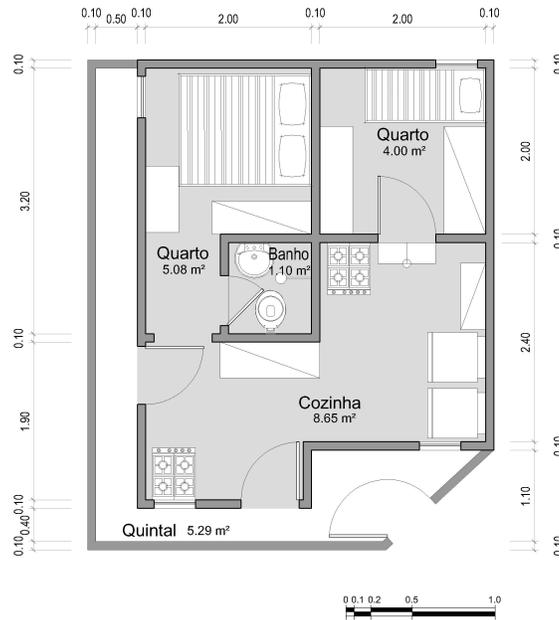


Figura 56: Planta baixa da casa com 18,83m².

A figura 56 acima é a planta baixa de uma casa de quase 20m² composta de dois quartos, sendo uma suíte, e um ambiente multifuncional de sala e cozinha de apenas 9m². Neste exemplo, temos um pequeno espaço de quintal, dois acessos à casa, um pela frente e outro pela lateral, e novamente, a inexistência de um elemento de circulação. Quase todos os cômodos, à exceção do banheiro, possuem ventilação e iluminação natural.

Nesta casa, que é própria, moram três pessoas, sendo dois adultos e uma criança, há menos de um ano.

Verifica-se o requinte na divisão dos cômodos e a questão do conforto, novamente presente, como podemos observar na criação de uma suíte, integrando o ao quarto o banheiro que também pode ser acessado pela sala. Com relação ao “morar bem”, percebemos elementos como “casa”, “quintal”, “espaço”, presentes no exemplo mesmo que não muito evidentes.



Figura 57: Planta baixa da casa com 22,35m².

A figura 57 acima temos a planta baixa de uma casa de pouco mais de 20m², uma casa onde temos um quarto, uma cozinha e um banheiro. Verificamos aqui a inexistência de uma sala, acreditando-se ter o quarto essa função. Verificamos a quase inexistência de janelas. Nesta casa, que é alugada, moram cinco pessoas, sendo dois adultos e três crianças, há seis anos.

Neste exemplo, com relação ao “conforto”, destacar as dimensões do quarto (15,20m²). No entanto, verificamos também a inexistência de janelas na cozinha e no quarto, havendo somente no banheiro, o que nos causa estranhamento. Apenas o fato de ser uma casa em contato com a natureza, pode ser um elemento do “morar bem” presente nesse exemplo.

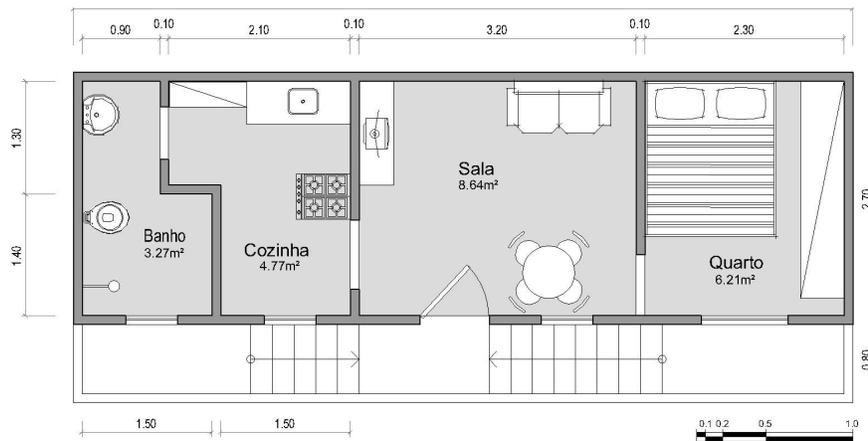


Figura 58: planta baixa da casa de área= 22.89m².

Na figura acima (figura 58) temos a planta baixa de uma casa de apenas um quarto, visitada na favela Vila Pereira da Silva. Numa situação bastante comum, a casa está situada no segundo andar, como um sobrado. Todos os cômodos são ventilados diretamente através de fenestrações que se abrem para a lateral do terreno. Nesta casa de quase 23 m² vive apenas uma pessoa. Verifica-se a inexistência de um elemento de circulação, tendo os próprios compartimentos essa função, com portas voltadas para ela.

Esta casa é própria e nela mora apenas o Sr. José, de 48 anos, desde 1996.

Ao se observar a planta da casa acima, no número de fenestrações e na compartimentação dos espaços, uma demonstração da uma intenção de um maior “conforto” da casa. Não se encontram aqui todos os elementos destacados como representativos do “morar bem” que seria uma casa, isolada, com bastante espaço e no meio da natureza. Apesar disso, verificamos que o elemento “casa” e “no meio da natureza” estão presentes nesse exemplo. Embora a casa não seja grande, os cômodos são bem divididos e há um trabalho em se separar as funções.

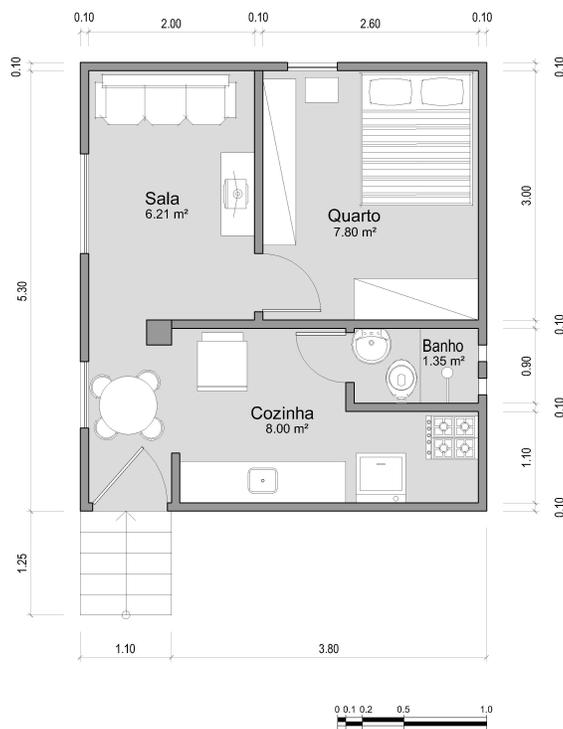


Figura 59: Planta baixa da casa com 23,36m².

A figura acima (figura 59) é a planta baixa da casa da Sr^a. Madalena. Uma casa de apenas um quarto e quase 24m². Nessa casa, verificamos a existência de compartimentos separados para sala, quarto, cozinha e banheiro e já a criação de um elemento de

circulação no acesso à casa que se dá por uma espécie de hall em direção à sala e à cozinha e, através desta que se dá a iluminação e ventilação da cozinha. Todos os cômodos, inclusive banheiro e cozinha, são ventilados e iluminados naturalmente. Nesta casa, que é própria, moram três pessoas, sendo dois adultos e uma criança, há 10 anos.

O grande número de fenestrações e boa divisão dos espaços demonstram uma preocupação com o “conforto”. Dos elementos do “morar bem” apenas o fato de ser uma “casa”, estar em contato com a “natureza” e o “espaço” podem ser observados nesse exemplo.

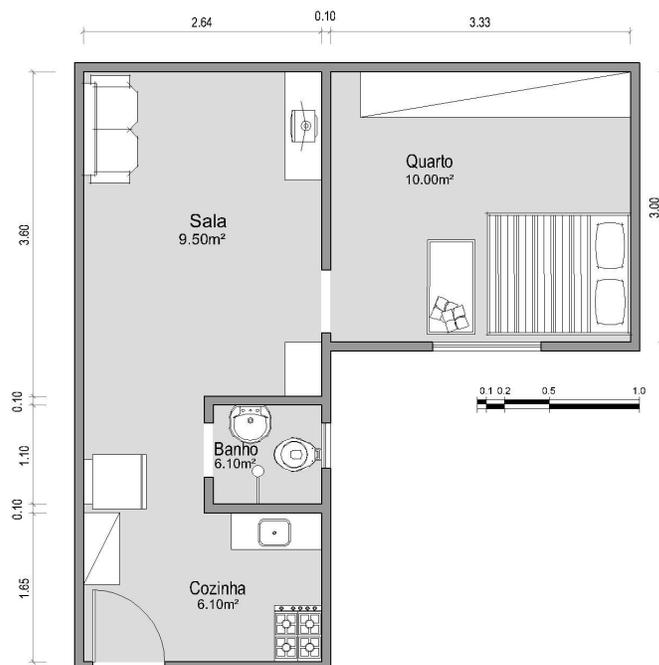


Figura 60: Planta baixa da casa de 27.50m².

Na figura acima (figura 60) temos a planta baixa de uma casa de um quarto e aproximadamente 27.50m² onde moram uma senhora e cinco filhos (crianças e adolescentes). Verificamos que nem todos os cômodos possuem ventilação e iluminação através de janelas, apenas o quarto e o banheiro, ficando a cozinha e a sala pouco iluminadas/ ventiladas. Verificamos uma situação que não acontece com tanta freqüência: o acesso se dá pela cozinha, estando a sala no fundo da casa.

Nesta casa, que é alugada, moram seis pessoas, sendo dois adultos e quatro crianças.

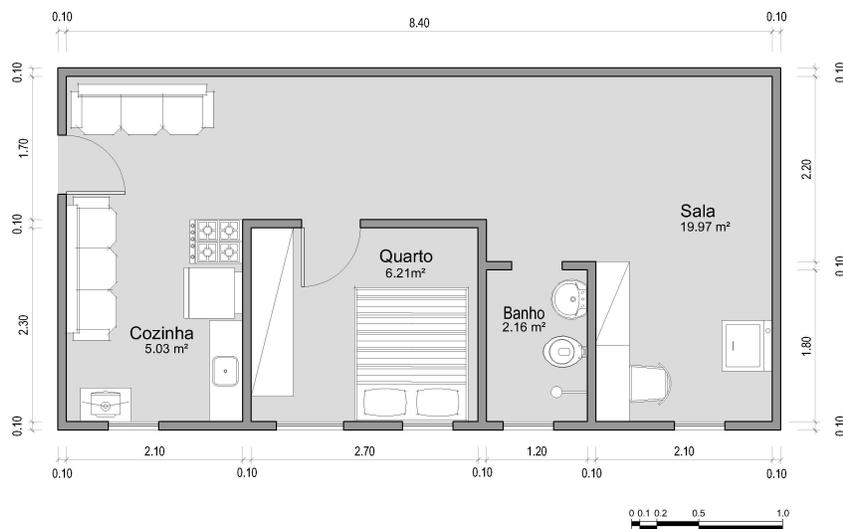


Figura 62: Planta baixa da casa com 31,21m².

Na figura 62 temos a planta baixa da casa da Sr^a Fátima com 32m², uma casa ampla com apenas um quarto, uma imensa sala, cozinha e banheiro “confortáveis”. Aqui verificamos que todos os cômodos possuem iluminação natural e ventilação. Nesse caso há a intenção de se criar um elemento de distribuição (um corredor) dos cômodos, no entanto, verifica-se um excesso de medidas, o que faz com que este não seja bem utilizado e fazendo com que as dimensões do quarto fiquem bastante reduzidas. Nesta casa, que é própria, vivem quatro pessoas, sendo três adultos e um adolescente há quase três anos.

Neste exemplo, temos, com relação ao CONFORTO, o espaço amplo da casa, o número bastante grande de aberturas e a divisão, embora um pouco desproporcional, dos espaços. Com relação ao “morar bem” não temos o isolamento, mas temos a configuração de “casa” e espaço, que reafirmam o “conforto”.



Figura 63: Planta baixa da casa com 35,63m².

A figura 63 acima representa a planta baixa de uma casa composta de um ambiente multifuncional de quarto/ sala, um quarto individualizado, uma ampla cozinha de quase 5m² e um banheiro igualmente grande com mais de 3m². Nesta casa, que é própria, moram dois adultos há 43 anos.

Neste exemplo, podemos notar bem a questão do “conforto” que está bem marcada das dimensões da casa (35m²), na ampla área de serviço e no grande número de fenestrações. No entanto, verificamos que um dos quartos não possui janelas, muito provavelmente pelo fato de a casa estar colada nas divisas. Com relação ao “morar bem”, o “espaço”, o “quintal” e a “casa” são elementos encontrados nesse exemplo.

Verificamos nas plantas analisadas, que há, na maioria dos casos, uma busca de um conforto, seja nos espaços mais generosos que em Vila Nova Esperança, seja no maior número de fenestrações encontradas. O exterior nesse caso agrada em muito os moradores, o que talvez justifique esse número muitas vezes bastante satisfatório do número de aberturas para o exterior.

3.2.4. Análise dos resultados

“Moradia” para os moradores de Vila Pereira da Silva está fortemente ligada à questão do “conforto”. As influências da experiência cotidiana e aspectos do contexto na construção desse conceito apontam para elementos tais como: “família”, “saneamento”, “lazer”, “dinheiro”, “luz”, “vizinhança”, “limpeza”, “alimentação”, “construção”, situados no sistema periférico dessa representação. Para quem mora em Vila Pereira da Silva, não é possível pensar em “moradia” sem pensar em “conforto” e, morar com conforto muitos deles é “ter o mínimo necessário”, ou “uma casa com espaço e arejada”. “Morar com segurança” é “morar sem violência” ou “ter uma vizinhança tranqüila” ou ainda “ter uma moradia firme, com estrutura bem feita”. Morar com tranqüilidade significa morar sem violência.

Para os moradores de Vila Pereira da Silva, uma casa no campo, isolada, com telhado de duas águas em telhas cerâmicas é o “tipo de casa que gostaria de ter”. Morar bem é numa **CASA ISOLADA** no terreno, pois “morar isolado” dá uma “Sensação de privacidade” e “Independência”. O **CONTEXTO** em que está inserida, o **ESPAÇO** e **NATUREZA** também são importantes: “Porque tem verde” e está “no meio da natureza”; além do **CONFORTO** de se morar em casa: “Casa é mais confortável” e da **TRANQÜILIDADE**: “Transmite tranqüilidade”; os **ASPECTOS ESTÉTICOS**, a **BELEZA** e a **ARQUITETURA**: “Gosto de coisa bonita” “Lugar mais bonito”; “Vista bonita, casarão”. Poderia ser uma casa de PRAIA: “Por causa da praia”, desde que isolada e num lugar tranqüilo.

Para eles, pode até ser morar em Vila Pereira da Silva, pois “Minha casa é igual a do Ceará”, ou “Porque já estou aqui mesmo”, ou mais ainda: “Eu me sinto bem aqui. Tudo que eu preciso está aqui. Temos bons vizinhos. Eu acho que eu moro muito bem. Abro minha janela e vejo o pão de açúcar”. Questões ligadas à ambiência, às redes sociais, e as raízes estão presentes.

Para muitos, o “Importante é não ter violência” e também “Não adianta ter casa bonita e não ter nada dentro dela”.

Apesar disso, para muitos dos moradores, “é horrível morar na favela” “(...) cheia de barraco”, seja pela questão da **VIOLÊNCIA**: “(...) fica sujeito ao mundo do crime”. Ou por representar a própria **REALIDADE**, rejeitando-a: “É minha realidade (...)”, por estar em área de **ACLIVE**: “Porque é morro, favela, muita escada, odeio escada” ou o **RISCO** de desabamento: “Parece que está em área de risco” ou a falta de **PRIVACIDADE**: “Aglomeração de pessoas” ou a falta de **BELEZA**: “Não é tão bonito”. Verifica-se aqui a representação histórica das favelas como morro e os problemas advindos disso.

“Não morar bem” é morar em **FAVELA** ou numa **AGLOMERAÇÃO** de pessoas: “É horrível morar na favela”. “Casa em cima da outra; sem ar”, em **ACLIVE** e em casas **TREPADAS** umas nas outras: “Feia. Casa trepada” ou sujeitos à **VIOLÊNCIA**.

SÓCIO ECONÔMICO	Domicílio	79% própria 16% alugada		
	Escolaridade	51% E. Fundamental Incompleto 19% E. Médio Completo		
	Origem	38% veio de outros Estados 16% Zona Sul		
	Nº. Moradores	29% das casas tem 4 moradores 19% tem 5 moradores		
	Renda	Renda média de 3,8 salários 48% até 4 salários		
	Tempo	35% há mais de 30 anos 30% há menos de 5 anos;		
REPRESENTAÇÃO SOCIAL	"moradia"	NC*	conforto	
		SP**	saneamento família lazer	dinheiro construção luz
	"Morar bem"		ISOLAMENTO CASA NATUREZA CONFORTO TRANQUILIDADE ESTÉTICA PRAIA	
			ISOLAMENTO TRANQUILIDADE ESTÉTICA NATUREZA E ESPAÇO CONFORTO	
			BELEZA E ARQUITETURA ESPAÇO E NATUREZA TRANQUILIDADE E CONFORTO	
	NÃO "morar bem"		FAVELA VIOLÊNCIA REALIDADE ACLIVE RISCO BELEZA	
		FAVELA E AGLOMERAÇÃO		
		FAVELA ACLIVE CASAS TREPADAS VIOLÊNCIA		
CONFORTO SEGURANÇA	TRANQUILIDADE	Morar com conforto		Ter o mínimo necessário Casa com espaço e arejada
		Morar com segurança		Sem violência Ter uma vizinhança tranqüila Moradia firme; construção boa.
		Morar com tranqüilidade		Sem violência Vizinhança tranqüila
Concretização da moradia		INTERIOR tem certa relevância Preocupação com bem-estar e Conforto O EXTERIOR tem importância também Fenestração e casas mais espaçosas		

* NC: Núcleo Central | ** SP: Sistema Periférico

Quadro 03: Quadro Resumo da Análise Vila Pereira da Silva

3.3. Análise comparativa

Quando comparamos os dois estudos de caso, podemos verificar que, de uma maneira geral, houve algumas semelhanças e divergências nos resultados.

Com relação ao quadro sócio econômico, verificou-se que, com relação à origem dos moradores, em Nova Esperança, temos que 28,8% dos entrevistados vieram de outro município, contra 38% no caso de Pereira da Silva. Em Nova Esperança temos mais de 20% originários do próprio bairro formal onde está inserida a favela e em Vila Pereira da Silva, 16% vieram da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Com relação à escolaridade do chefe da família, verificamos uma diferença com relação ao número de analfabetos. Em Nova Esperança, temos 8,7% deles entre os entrevistados, já em Vila Pereira da Silva, esse percentual é de apenas 1%. Em Nova Esperança, 58% dos chefes das famílias entrevistadas possuem no máximo o Ensino Fundamental. Já em Pereira da Silva, esse percentual é de 69%. Em Nova Esperança 11,3% concluíram o ensino médio e em Pereira da Silva são 19%. Com relação ao número de moradores/ domicílio, temos uma média de 3,81 moradores em Nova Esperança e, em Pereira da Silva, essa média é de 4,04 moradores/ domicílio. A renda familiar média em Vila Nova Esperança é de 3,8 salários mínimos, onde temos 48% deles com renda inferior a quatro salários. Já em Vila Pereira da Silva são 2,96 salários, onde temos 58% deles com renda inferior a 4 salários. Em Vila Nova Esperança, 50% dos entrevistados estavam na favela há menos de 5 anos. Já em Vila Pereira da Silva, 43% deles está há mais de 20 anos, enquanto 30% há menos de 5 anos.

Observamos durante trabalho que as representações sociais da “moradia” nas favelas estudadas dizem respeito àquilo que para eles é prioridade ao se imaginar esse lugar para morar. Temos então uma realidade bem diferente nas duas favelas, o que faz com que essas prioridades sejam divergentes também. Em Vila Nova Esperança é a “tranquilidade” e o “saneamento” que são imprescindíveis. Já em Vila Pereira da Silva, o que se imagina é uma “moradia” com “conforto”, talvez porque saneamento já não é mais um problema e a tranquilidade não seja o principal motivo de atração à Vila Pereira da Silva, embora encarem como algo muito importante. Os laços sociais e as raízes com o local são muito mais evidentes.

“Morar bem” e “não morar bem” nas duas favelas têm muitos pontos em comum. O isolamento, o contato com a natureza e o espaço são elementos que constituem o “morar bem” em ambos os casos, embora em Vila Pereira da Silva “morar bem” também possa ser a própria favela. Não morar bem nos dois casos é morar em favela, morar “trepado”, morar em apartamento, morar com violência, sendo que em Vila Pereira da Silva a questão do aclave, do risco e do morro estão também presentes.

Morar com conforto em ambos os casos é “ter o mínimo necessário”, até pode ser também “saneamento ou infra-estrutura urbana” ou “ter uma casa com espaço e arejada”.

Morar com segurança em ambos os casos é “morar sem violência”, embora em Vila Pereira da Silva também possa ser “ter uma vizinhança tranqüila” ou “ter uma moradia firme, uma construção boa”

Morar com tranqüilidade em ambos os casos é “morar sem violência”, mas pode ser também “sem barulho” ou “com uma vizinhança tranqüila”.

Com relação à concretização do espaço de morar, as duas favelas apresentam algumas semelhanças com relação ao tamanho das casas (embora em Vila Pereira da Silva as casa sejam um pouco maiores) e na presença dos elementos da representação do “morar bem” que em ambos os casos aparecem. No caso de Vila Nova Esperança aparece o “saneamento” e em Vila Pereira da Silva aparece o “conforto” na análise das casas.

Vila Pereira da Silva		Vila Nova Esperança	
Escolaridade	51% E. Fund. Inc. e 19% E. Médio Comp.		41,3% E. Fund. Inc. 16% E. Fund. Comp.
Origem	38% veio de outros Estados e 16% Zona Sul		28,2% de outro município 20,1% Gardênia Azul
Nº. Moradores	4.04 moradores/família 29% 4 moradores		3.81 moradores/família 28% 4 moradores
Renda	renda média de 3,8 salários; 48% até 4 salários		2,96 Salários/família 58% menos de 4 salários
Tempo	43% há mais de 20 anos; 30% há menos de 5 anos		50% menos de 5 anos
"moradia"	NC*	CONFORTO	
	SP**	dinheiro construção família lazer luz	limpeza vizinhança saneamento alimentação
		saneamento tranquilidade	
		família luz lazer espaço vizinhos	transporte saúde gastos
"morar bem"	ISOLAMENTO		BASTANTE VERDE
	CASA		JARDIM E PLANTAÇÃO
	NATUREZA E ESPAÇO		CASA C/ QUINTAL P/ CRIAR GALINHA
	CONFORTO TRANQUILIDADE ESTÉTICA BELEZA E ARQUITETURA PRAIA		
NÃO "morar bem"	FAVELA		Favela-bairro é melhor
	VIOLÊNCIA		Casinhas amontoadas é ruim - quero espaço
	REALIDADE		Morar trepado não é morar bem
	ACLIVE		
	RISCO		
BELEZA			
AGLOMERAÇÃO - CASAS TREPADAS		Não gosto de apartamento	
conforto	ter o mínimo necessário Casa com espaço e arejada infra-estrutura urbana		ter o mínimo necessário Saneamento e infra-estrutura urbana Casa com espaço e arejada
segurança	sem violência ter uma vizinhança tranqüila moradia firme; construção boa		sem violência
tranquilidade	sem violência vizinhança tranqüila não ter problemas		sem violência sem barulho vizinhança tranqüila
concretização da moradia	Quase não existem os "quitinetes" p/ alugar INTERIOR tem certa relevância Preocupação com bem-estar e com Conforto O EXTERIOR tem importância também Muitas fenestraçãoes e casas mais espaçosas		Existência dos "quitinetes" p/ alugar EXTERIOR com alto grau de relevância Espaço interno pequeno contraditório com morar bem Alguma preocupação com bem-estar interno

Quadro 04: comparativo das duas favelas.



Capítulo IV - Considerações finais e recomendações projetuais

Capítulo IV: Considerações finais e recomendações projetuais:

Quando analisamos as representações sociais da “moradia” nas duas favelas estudadas, verificamos muitas diferenças entre elas. Entretanto, o núcleo central em cada um dos casos diz respeito às prioridades com relação ao morar para esses moradores, o que tem relação com o que já foi e ainda se quer conquistar em cada um dos casos.

Em Vila Nova Esperança, temos uma favela recente que busca ainda **infra-estrutura** urbana, a **casa-própria** e a **tranqüilidade**. Já em Pereira da Silva, uma favela com 60 anos de existência, ter **conforto**, ter o mínimo necessário e eletrodomésticos são prioridades. Verificamos, portanto, que o grau de satisfação do morador com a moradia no caso de Vila Pereira da Silva é maior, pois os laços e as raízes com o local são significativamente mais fortes.

Mas, quando tratamos do ideal, do que seria “**morar bem**”, os resultados são bem parecidos. Como se houvesse talvez um ideal de moradia a ser alcançado ou que faça parte dos sonhos de boa parte dos moradores nos dois casos estudados. Esse ideal seria uma casa, com telhado de duas águas, isolada num terreno gramado, com bastante área verde e em contato com a natureza. Se possível, uma casa bonita, num lugar seguro, tranqüilo e sem violência. No caso de Vila Pereira da Silva, pode até ser na própria favela, mas não em outra, desde que numa casa com “conforto”.

“Morar com conforto” em ambos os casos é ter o mínimo necessário, que passa desde as questões da infra-estrutura urbana (Vila Nova Esperança), passando pelas necessidades básicas ou ter eletrodomésticos. Já morar com segurança parece sinônimo de morar com tranqüilidade, que para a maioria é estar num lugar sem violência.

Quando observamos o espaço de morar real, o espaço construído das casas, verificamos que também os dois casos aparecem algumas vezes elementos ligados à representação da moradia.

No caso de Nova Esperança, há uma preocupação muito maior com o entorno, com questões que estão além da própria moradia, ou seja, com o saneamento básico, com o calçamento das ruas, com a segurança. O local, a própria favela, não agrada muito, talvez até por isso mesmo, verificamos um número menor de fenestrações para o exterior. Já em Vila Pereira da Silva, o exterior parece agradar mais, seja pelo hábito, sejam pelas raízes. Além disso, a implantação em área de alicive proporcionando vista para as áreas mais belas da cidade do Rio de Janeiro, faz com que verifiquemos um maior número de fenestrações

para o exterior. Além disso, o contato com a natureza que essa implantação proporciona é um elemento em comum com a representação do “morar bem” apresentada através da escolha das imagens.

Percebemos que, de uma maneira geral, a concretização da moradia, fica muito aquém do ideal apresentado na escolha das imagens, que são extremamente idealizadas até mesmo para a classe média. Em alguns casos, verificamos uma maior aproximação, com a presença de alguns dos elementos apontados pelos moradores entrevistados como norteadores da escolha das imagens. São esses elementos que vão aparecendo, em maior ou menor quantidade, nessa concretização da moradia que vão dando a idéia do grau de prioridade de cada um desses elementos para esses moradores.

CASA: a grande maioria das habitações dentro das duas favelas são casas, sejam elas assobradadas ou não, o que confirma a preferência ou a aceitação desse tipo de moradia, já indicada como representativa do “morar bem”.

PRIVACIDADE: nenhuma das casas visitadas possui esse elemento, bastante difícil de se conseguir numa casa em favela, onde a maioria das casas estão dispostas umas em cima das outras, ou extremamente próximas, quase sem afastamentos. Apesar disso, verificamos, que boa parte dos entrevistados afirmam que morar bem é morar em uma casa isolada.

CONTATO COM A NATUREZA: no caso de Vila Pereira da Silva, a favela esta implantada num morro, onde ainda existem algumas áreas verdes, portanto, muitas das casas têm o contato direto com a natureza, além de uma vista muito agradável. Já em Vila Nova Esperança, esse contato inexistente. As casas estão implantadas numa área plana, muito densa e muito árida. Quase não há árvores plantadas, o que ainda faz com que o clima fique mais quente. Da mesma maneira, nas duas favelas, os moradores afirmam que morar junto à natureza, ao mato é importante.

QUINTAL: A presença do quintal nem sempre é possível em ambas as favelas, por conta das limitações de espaço que a configuração da favela, seja ela plana ou em aclive, impõe a seus moradores. Entretanto, verificamos, principalmente em Vila Pereira da Silva, que, sempre que é possível, a área de quintal existe e com certo destaque. Evidentemente, em ambas as favelas, morar bem está muito associado a morar numa casa com quintal, que está muito relacionada com a questão do espaço e do contato com a natureza. Além disso, o quintal também tem muita relação com a tradição da CASA, com a privacidade e as possibilidades de ampliação que ele possibilita.

ESPAÇO: Ter uma casa com espaço seja ele interno ou externo (quintal), é um sonho para a maioria dos moradores de ambas as favelas. No entanto, esse é o mais difícil de ser concretizado, graças às limitações que a implantação impõe.

Essas considerações nos levam a alguns fatores que contribuirão com recomendações para projetos de habitação de interesse social.

Percebemos, com esse estudo, a necessidade de se conhecer e compreender o usuário do objeto arquitetônico que se está projetando, nesse caso, a moradia. O espaço de morar é aquele onde mais vemos os desejos e as necessidades do usuário.

Quando analisamos a representação da “moradia” verificamos os elementos que são prioritários, que são importantes para os moradores. Quando confrontamos esses resultados com os resultados obtidos na análise do “morar bem” também chegamos mais perto desses ideais e prioridades em ambas as favelas. E, finalmente, ao comparar esses dois resultados com a concretização da moradia, ou seja, análise da casa construída dessas pessoas, verificamos o que de fato é essencial, o que, dentro das limitações foi possível concretizar na construção da própria casa.

Verifica-se, portanto, que morar em casa, e a existência de quintal, são os elementos da construção e do “morar bem” mais freqüentes. O quintal talvez seja a maneira encontrada, por conta das limitações de implantação para se obter “espaço” e um “contato com a natureza”.

Verificamos também, em ambas as favelas, ao observar as casas, que na maioria delas, há um compartimento multifuncional de quarto e sala e cozinha, o que, na maioria das vezes se deve a falta de espaço. Em muitos casos, temos a sala com tamanho reduzido. A sala que, normalmente já desempenha funções múltiplas ganha novas funções de quarto e cozinha. Entretanto, quando é possível separá-los, a sala e a cozinha são compartimentos de destaque e, portanto, de maior espaço, demonstrando a importância desses espaços e a função que eles desempenham.

A maioria dos projetos em conjuntos habitacionais são conjuntos de apartamentos, muitas vezes com espaços reduzidos, apenas uma pequena área de serviço e não havendo uma área externa ou de quintal, o que cria muitos empecilhos a uma possível ampliação e uma flexibilidade que a casa com quintal possui. Esse tipo de habitação não está de acordo com a representação do “morar bem” para grande parte dos moradores nos casos estudados, o que muitas vezes proporciona uma não aceitação, num caso de remoção, seja para locais mais distantes ou mesmo quando esta ocorre dentro da própria favela.

Essa não aceitação pode ser fatal, tanto por conta de inúmeras modificações que podem ser realizadas, acabando por descaracterizar os projetos ou até mesmo transformá-los em ambientes com prejuízo do ponto de vista arquitetônico ou de conforto ambiental, por conta de mudanças nos projetos sem orientação de um profissional.

Além disso, a não aceitação pode ocasionar um retorno para o local de origem ou para uma outra favela, o que pode ainda prejudicar os programas habitacionais, acabando por manter em ritmo acelerado o crescimento das áreas em favelas.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício de A. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Iplanrio, 1997.
- BERGAN, Kurt. **Casa Saudável: um estudo sobre os sentidos da moradia**, 2005. Dissertação (mestrado) – PROARQ-UFRJ, Rio de Janeiro.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1998.
- BURGOS, Marcelo Baumann. Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro. In ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). **Um século de favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- _____. Favela, cidade e cidadania em rio das Pedras. In: BURGOS, Marcelo Baumann (org.) **A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002, p.21-90.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5ª Edição. São Paulo: Ed Perspectiva, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Seleções de textos de José Arthur Giannotti; traduções de Carlos Alberto Ribeiro de Moura [et al.]. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **Representações individuais e representações coletivas**. In: Sociologia e filosofia. São Paulo: Ícone, 2004.
- FORTUNA, A.P. & FORTUNA, J.P.P. **Associativismo na favela**. Revista de Administração Pública, 8 (4): 103-52, out./dez., 1974.
- LEITÃO, Gerônimo. **Dos barracos de madeira aos prédios de quitinetes: Uma análise do processo de produção da moradia na favela da Rocinha, ao longo de cinquenta anos**, Rio de Janeiro, 2004. 233p.
- LIMA, Nísia Verônica Trindade. **O movimento de favelados do rio de Janeiro – políticas do estado e lutas sociais (1954-1973)**. 1989. Dissertação (mestrado) – IUPERJ, Rio de Janeiro.
- MAC-DOWELL, Geraldo. **O Santuário Nacional de N. S. do Loreto**, 1979 disponível em <http://www.wsc.jor.br/romances/imagens/7.htm> acessado em dezembro de 2006.

MONTEIRO Marcelo. **Antídoto contra despejo.** Disponível em: http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=4&from_info_in dex=16&inoid=6, 2003. Acessado em 10/08/2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Ed Vozes. 2ª Edição. Petrópolis, 2003.

_____. **Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história.** In: JODELET, D. (org.). As Representações sociais. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2001.

NÓBREGA, Sheva Maia da. **Sobre a Teoria das Representações Sociais.** In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; JESUINO, Jorge Correia (orgs.). **Representações Sociais: teoria e prática,** 2.ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. 56 p.

PARISSE, Lucien. **Favelas de L'agglomeration de Rio de Janeiro. Leur place dans le processus d'urbanization.** Tese de doutorado do « 3^{ème} cycle » du Centre de Géographie Appliquée de l'Université de Strasbourg, 1970

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das representações sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SILVA, Maria Laís Pereira da. **Favelas Cariocas: 1930-1964.** Ed Contraponto. Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Helga Santos da. **Arquitetura Moderna para habitação popular: apropriação dos espaços no conjunto Residencial Mendes de Moraes (Pedregulho),** 2006. Dissertação (mestrado) – PROARQ-UFRJ, Rio de Janeiro.

VALLA, Victor Vincent. **Educação, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980.** In: cadernos de saúde pública, 1984. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-11X1985000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

VALLADARES, Lícia do Prado. **Passa-se uma casa.** 2 ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

_____. **Gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais.** Revista Brasileira de ciências sociais. Vol.15 nº. 44, 2000.

VAZ, Lílian Fessler. **Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro. Séculos XIX e XX.** 7 letras, Rio de Janeiro, 2000. 171p.

VIANNA, Hélio. **Baixada de Jacarepaguá: sertão e "Zona Sul"**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte: Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1992.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). **Um século de favela**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ZYLBERBERG, Sônia. **Morro da Providência: memórias da "Favela"**. Prefeitura do Rio, Rio de Janeiro, 1992. 119p.

Sites:

<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/textos/visualizarTexto.html?ideNorma=376311&seqTexto=1&PalavrasDestaque=>

<http://www.ibge.gov.br>

Leis consultadas :

Câmara dos Deputados. Lei n.º 2875 de 19 de setembro de 1956. (disponível em

<http://www2.camara.gov.br>)

Câmara dos Deputados. Decreto n.º 39635 de 19 de julho de 1956. (disponível em

<http://www2.camara.gov.br>)

Câmara dos Deputados. Decreto n.º 78160 de 02 de agosto de 1976. (disponível em

<http://www2.camara.gov.br>)

Câmara dos Deputados. Decreto n.º 41021 de 27 de fevereiro de 1957. (disponível em

<http://www2.camara.gov.br>)

Câmara dos Deputados. Decreto n.º 47889 de 8 de março de 1960. (disponível em

<http://www2.camara.gov.br>)

Jornais

Jornal O Globo de 27/3/1998

Jornal O Globo de 18/10/2005

Jornal O Globo de 16/10/2005

Jornal O Globo de 9/10/2005

Jornal O Globo de 07/10/2005

Bibliografia

ABRIC, Jean-Claude (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In MOREIRA, Antonia S. P. & OLIVEIRA, Denize Cristina (org.), **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**, Goiânia: AB, 1998.

ARRUDA, Ângela. Viver é muito perigoso: a pesquisa em Representações sociais no meio do rodado. In COUTINHO, M.P.L.; LIMA, A.S.; OLIVEIRA, F. B.; FORTUNATO, M.L. (org.) Representações Sociais: abordagem interdisciplinar. João Pessoa: Universitária, 2003.

AZEVEDO, S.. Vinte e dois anos de política de habitação popular (1964-86): criação, trajetória e extinção do BNH. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, 1988.

BITTAR, William; VERÍSSIMO, Francisco. **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das letras, Rio de Janeiro, 1996. 250p.

FINEP-GAP. **Habitação Popular: Inventário da ação governamental**. Rio de Janeiro: FINEP, 1985.

IPP - Instituto Pereira Passos. Moradia, segregação, desigualdade e sustentabilidade urbana. **Coleção estudos da Cidade**, setembro 2002, Rio de Janeiro: IPP/SMU/PCRJ, 2002. Disponível em: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>.

IPP - Instituto Pereira Passos. Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do rio de janeiro. **Coleção estudos da Cidade** – Rio Estudos nº 46, fevereiro 2002, Rio de Janeiro: IPP/SMU/PCRJ, 2002. Disponível em: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In Jodelet, D. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EUERJ, 2001.

LEMOS, Carlos A.C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.



Anexos



Avaliação Favela Nova Esperança – Jacarepaguá - Rio de Janeiro - RJ

Q U E S T I O N Á R I O

Pesquisador(a): _____ Data: _ / _ / 2005. Endereço: _____

Parte 1: Representações Sociais

01. Diga 4 palavras que vêm à sua mente quando escuta a palavra MORADIA. Na sua opinião, quais as 2 mais importantes? Justifique sua escolha.

Parte 2: Conforto / Segurança / Tranqüilidade

02. Na sua opinião, o que é morar com conforto?

03. Na sua opinião, o que é morar com segurança?

04. Na sua opinião, o que é morar com tranqüilidade?

Parte 3: Características Sócio-Econômicas dos Moradores.

05. Há quanto tempo mora aqui?

06. Perfil dos moradores do apartamento:

Residentes:	Grau de parentesco	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda (SM)	Tempo no conjunto	Onde morava
1.								
2.								
3.								
4.								
5.								
6.								
7.								
8.								
TOTAIS								

07. Escolha dentre as imagens:

- Aquelas que tem a ver com MORAR BEM:
- Aquelas que NÃO tem a ver com MORAR BEM:
- As três mais relacionadas com MORAR BEM:

Justifique sua resposta

- As três menos a ver com MORAR BEM:

Justifique sua resposta

Fotos para aplicação de questionário de representações sociais:

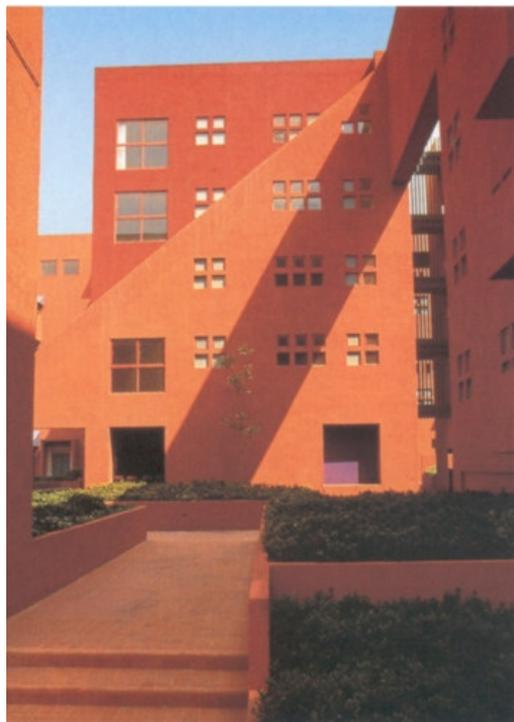


Imagem 01

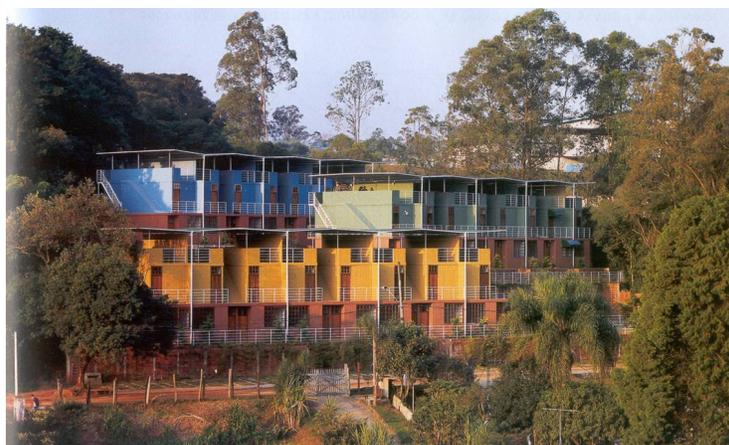


Imagem 02



Imagem 03 (Para Nova Esperança)



Imagem 03 (Para Pereira da Silva)



Imagem 04



Imagem 05



Imagem 06



Imagem 07



Imagem 08



Imagem 09



Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14

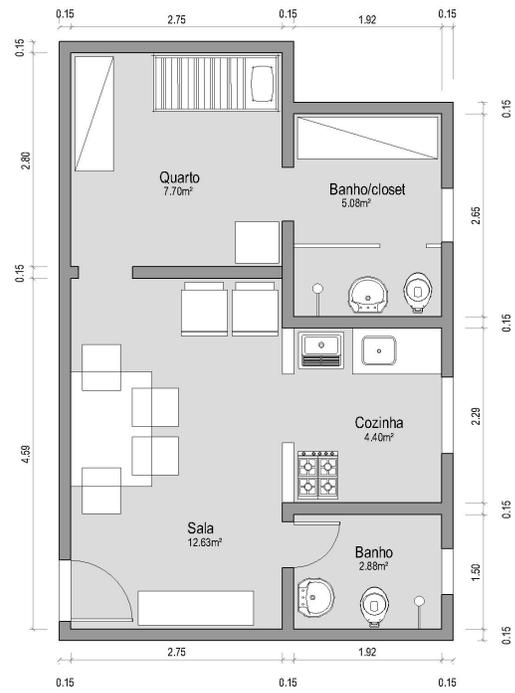
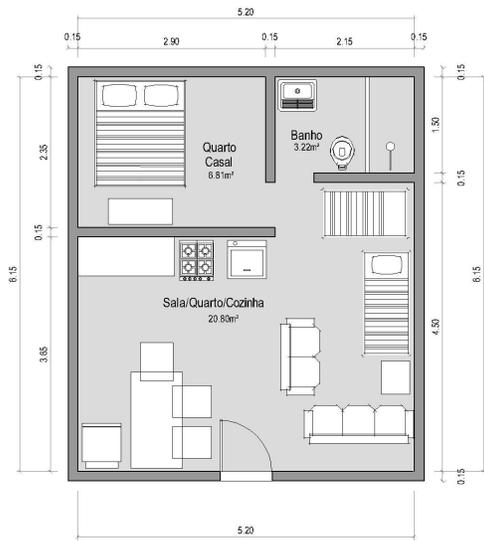


Imagem 15



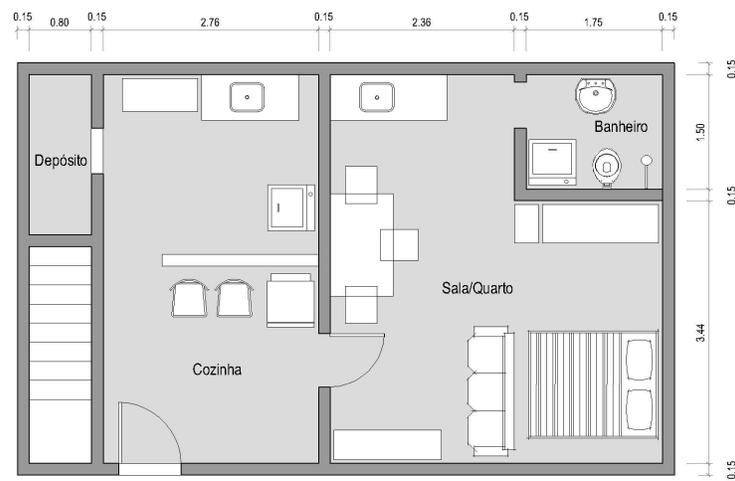
Imagem 16

Plantas selecionadas de Nova Esperança:

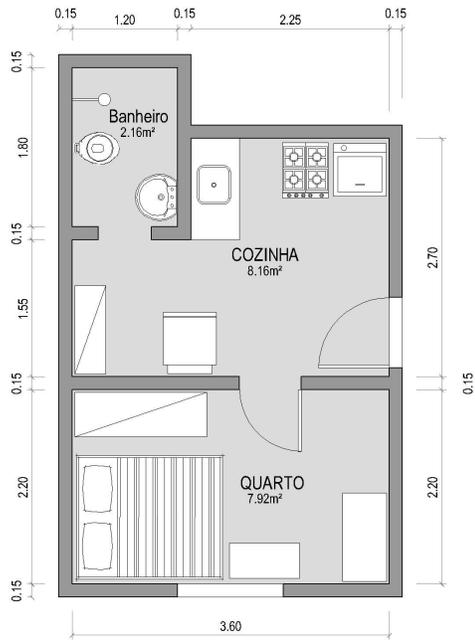


Questionário 001

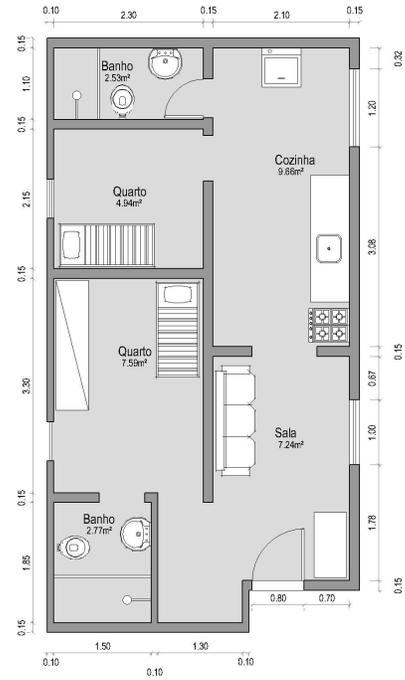
Questionário 002



Questionário 003



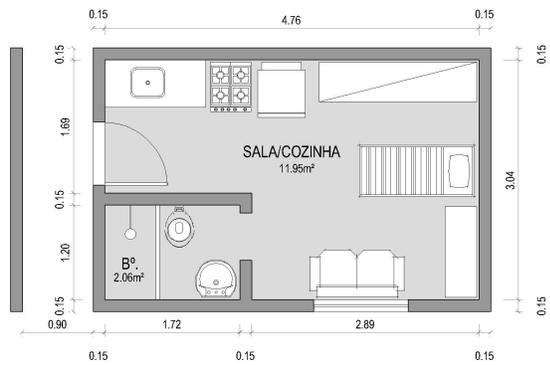
Questionário 010



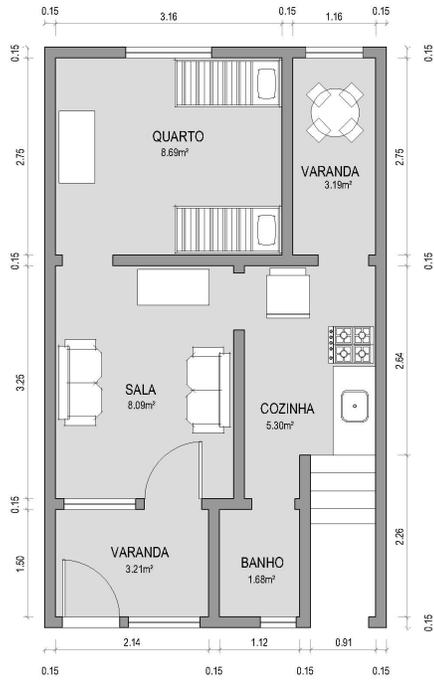
Questionário 011



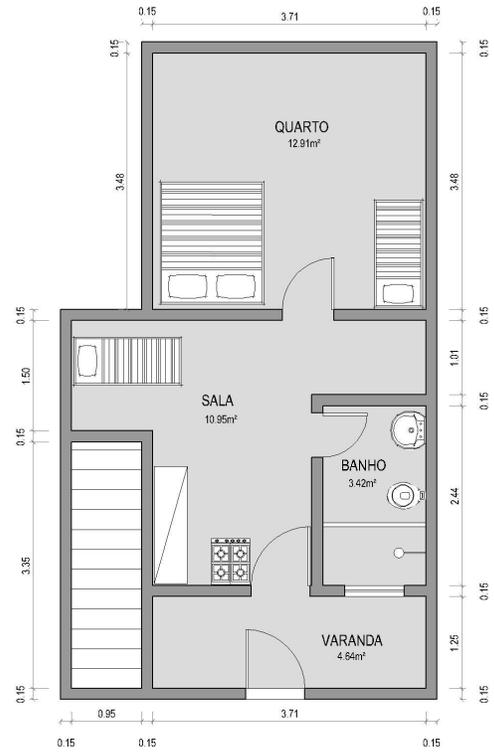
Questionário 014



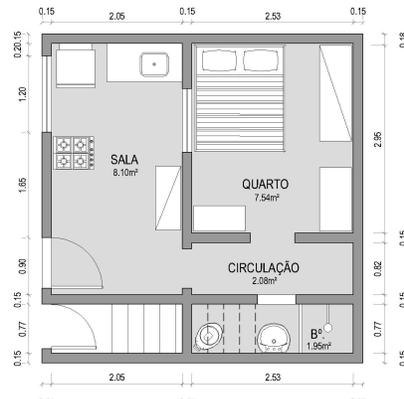
Questionário 015



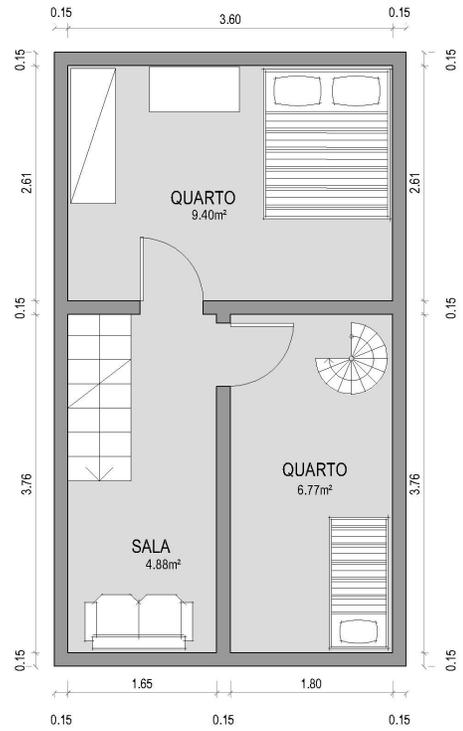
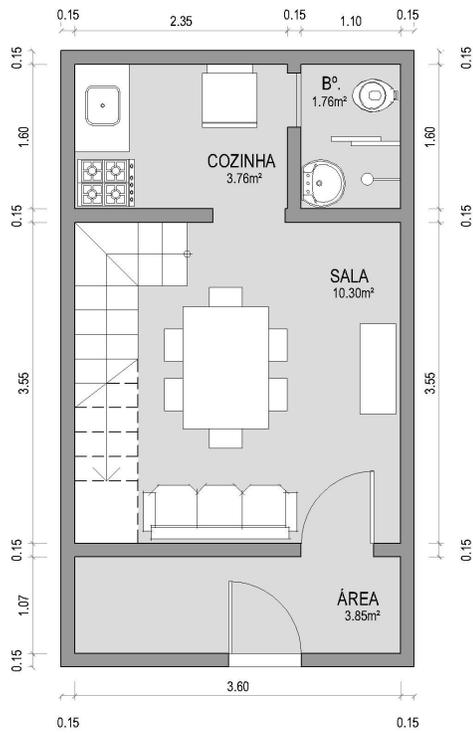
Questionário 016



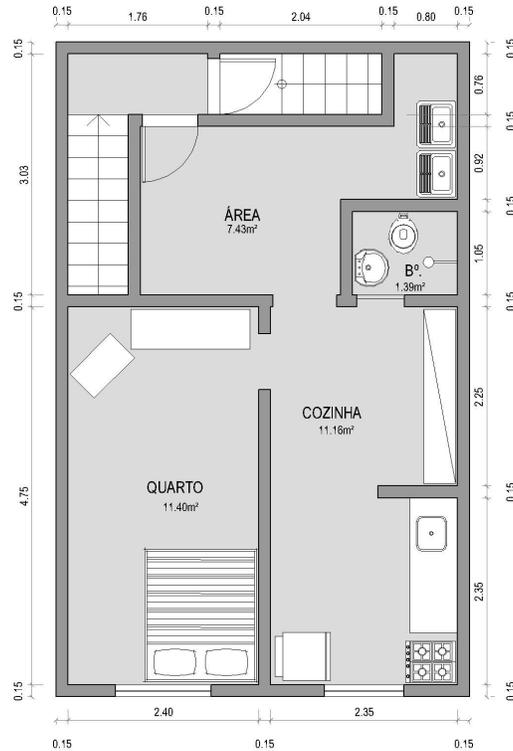
Questionário 017



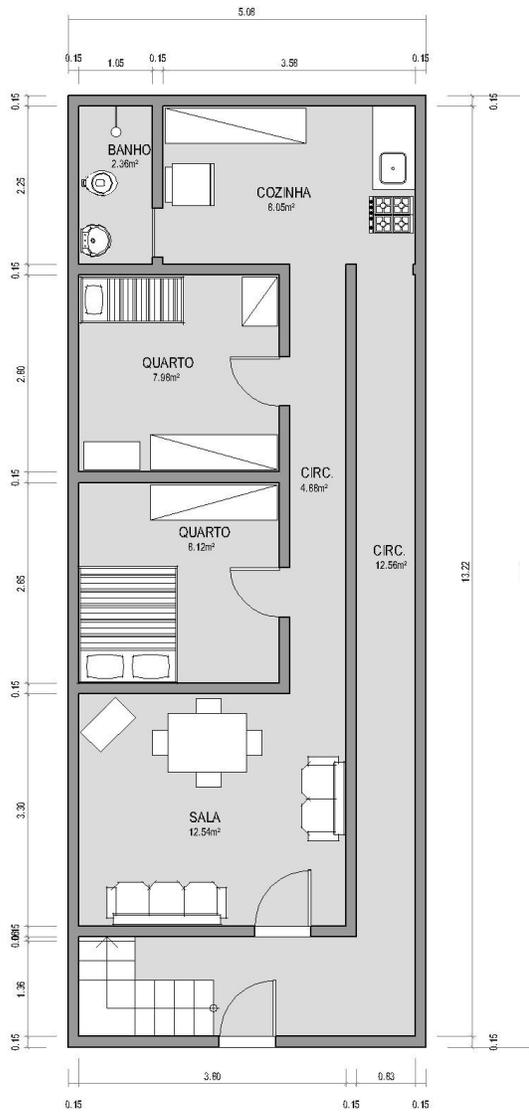
Questionário 018



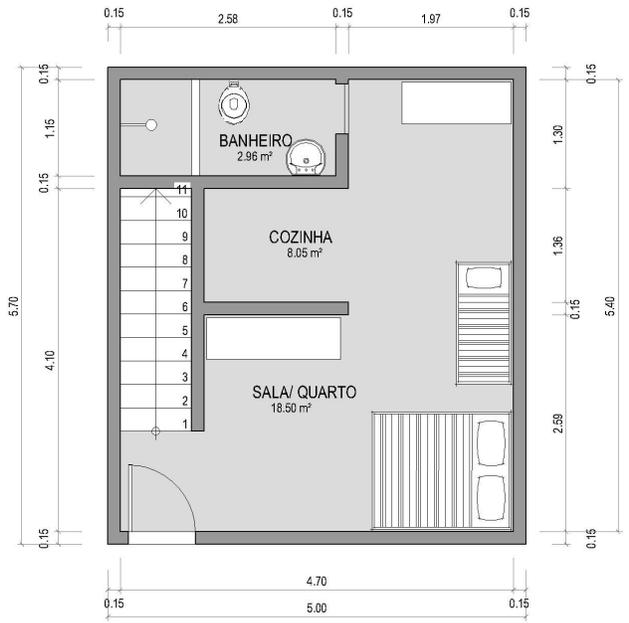
Questionário 019



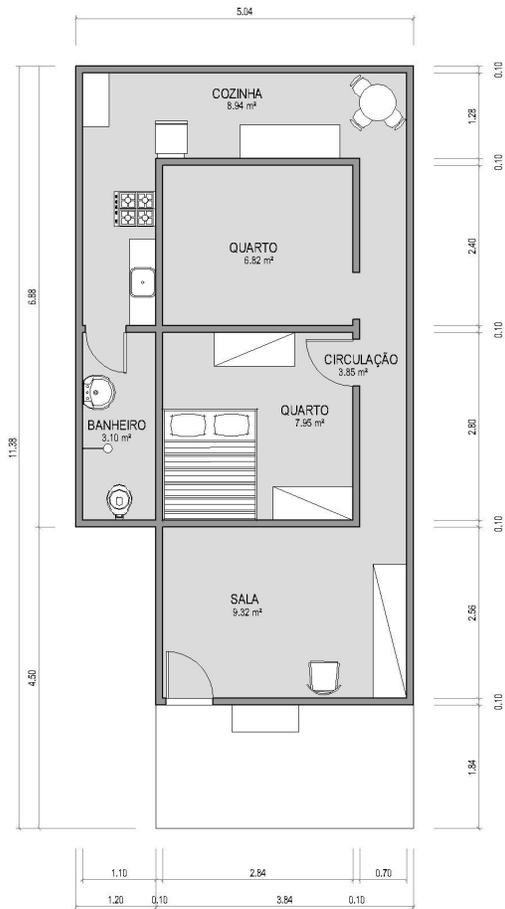
Questionário 020



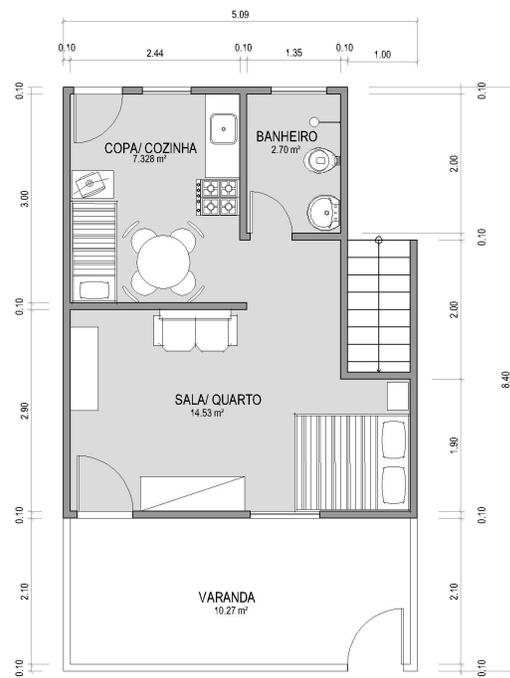
Questionário 021



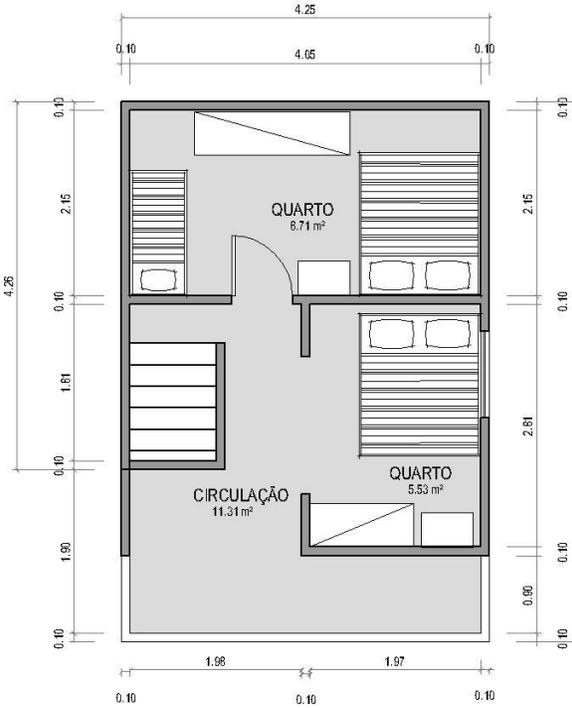
Questionário 022



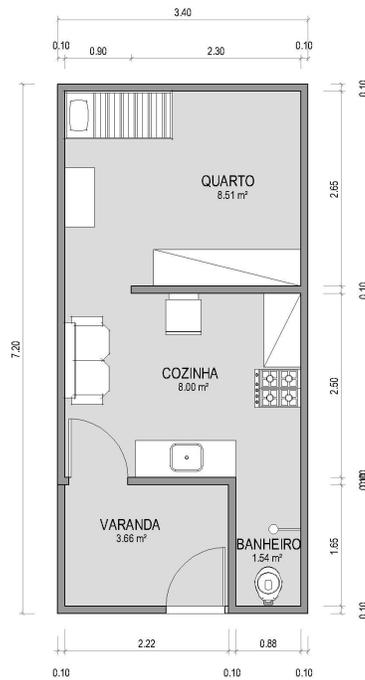
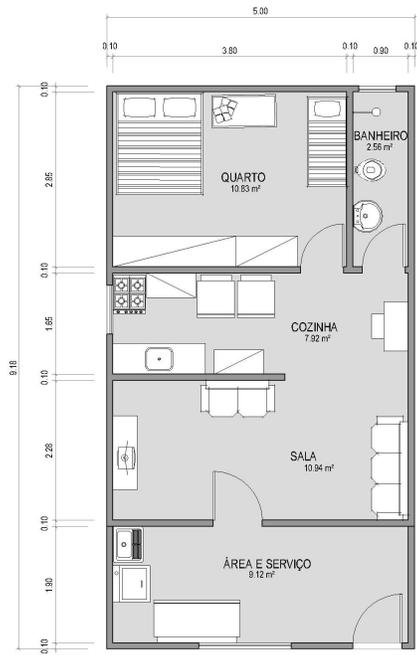
Questionário 023



Questionário 026

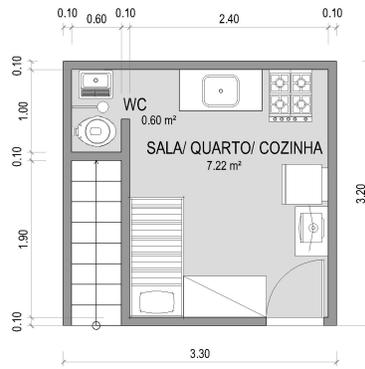


Questionário 027

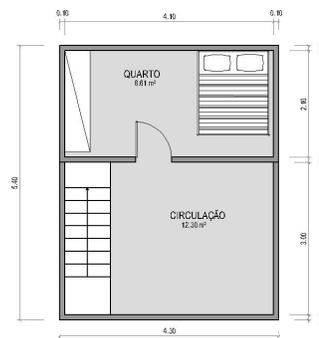
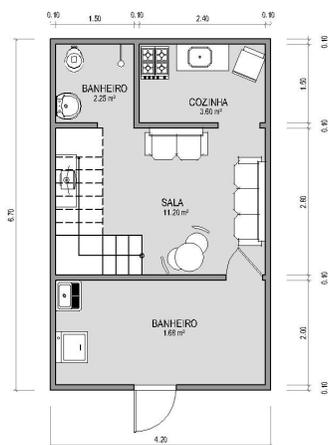


Questionário 028

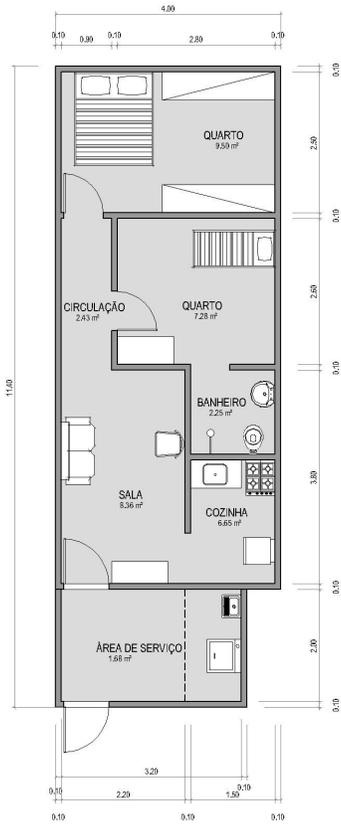
Questionário 033



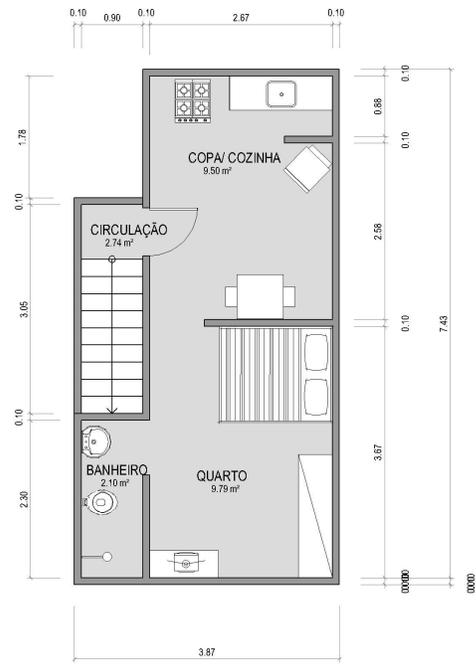
Questionário 032



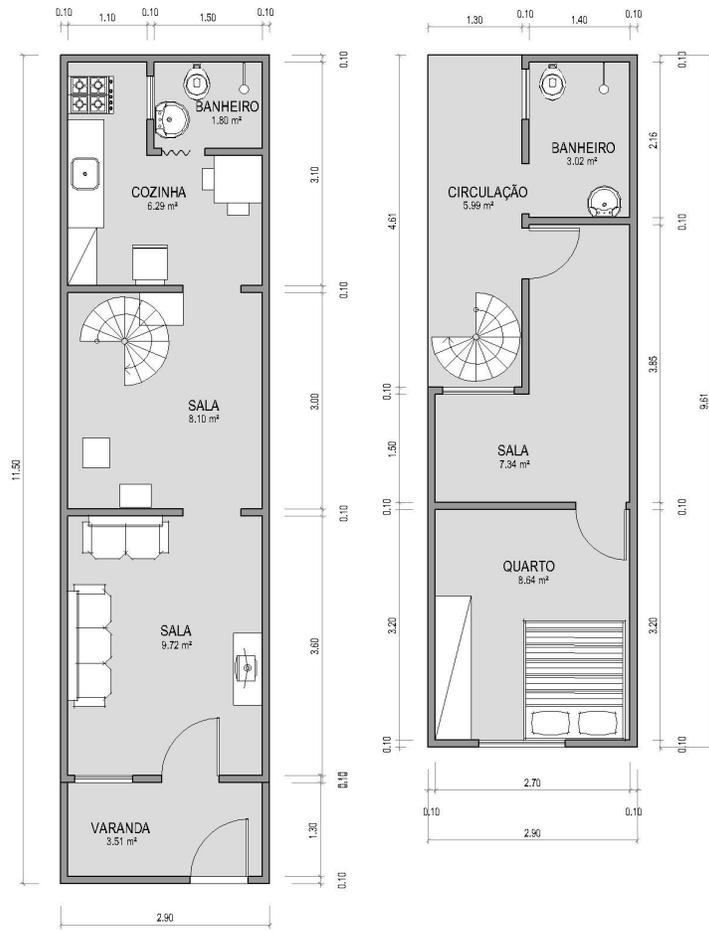
Questionário 034



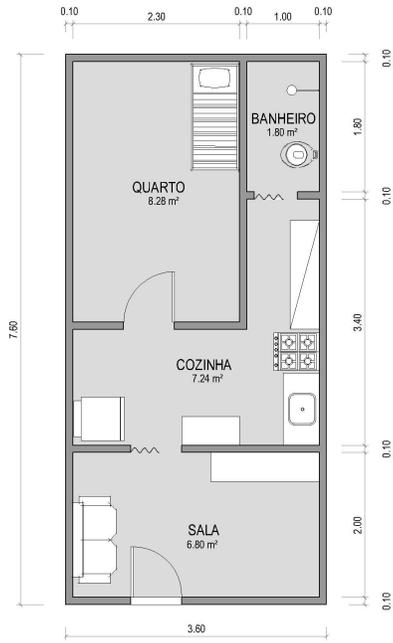
Questionário 035



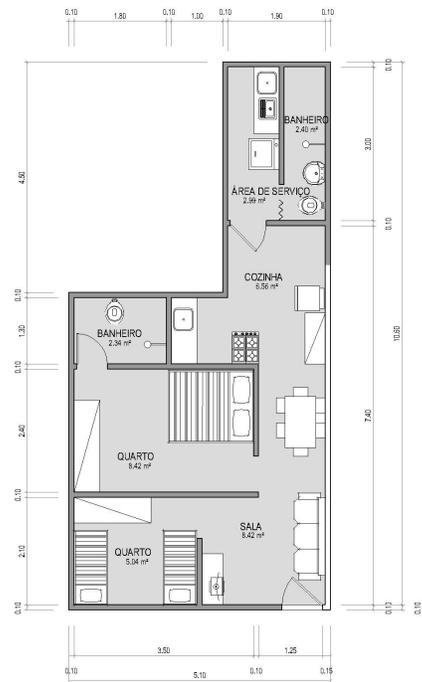
Questionário 036



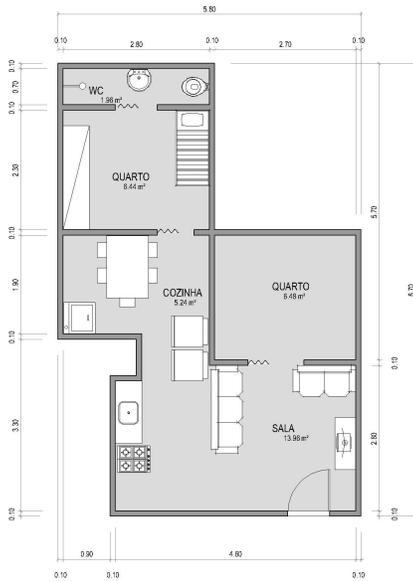
Questionário 056



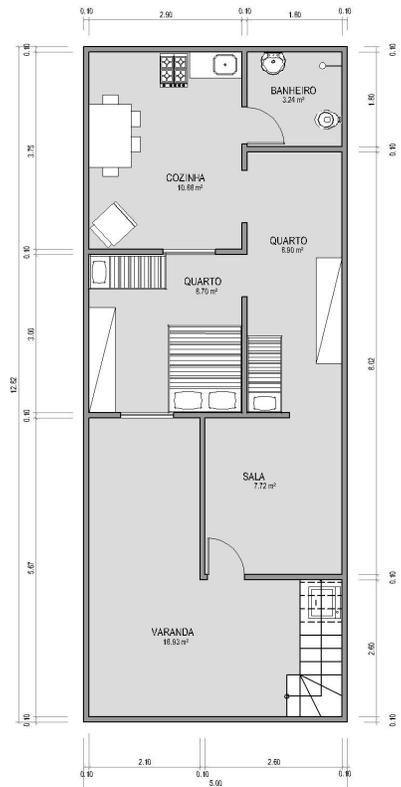
Questionário 066



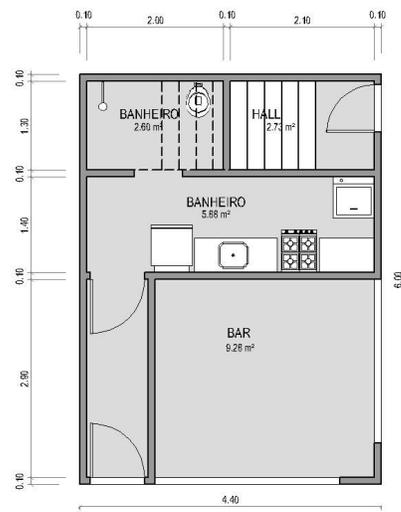
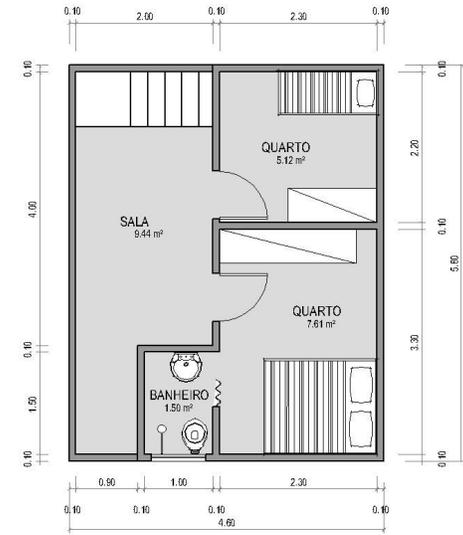
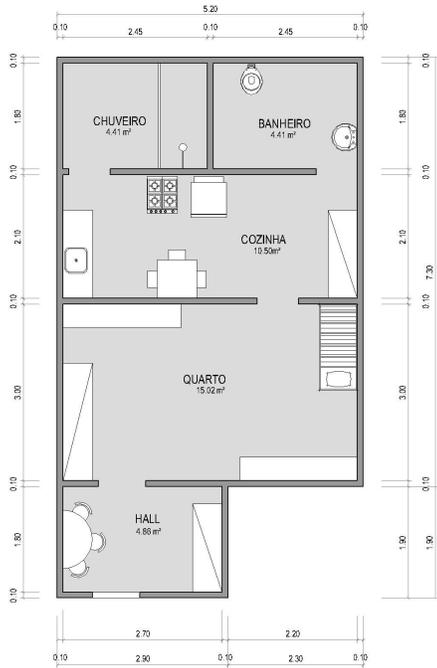
Questionário 074



Questionário 076

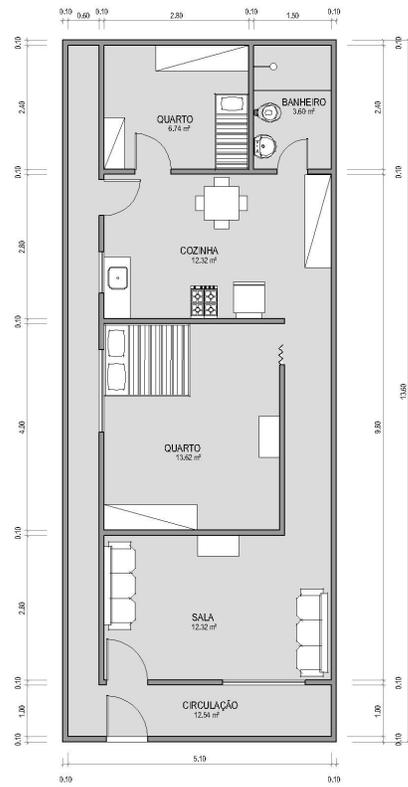
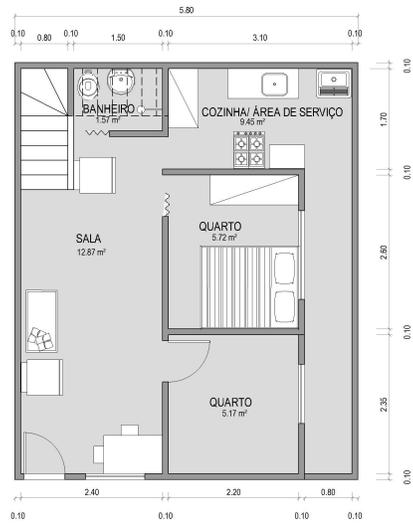


Questionário 081



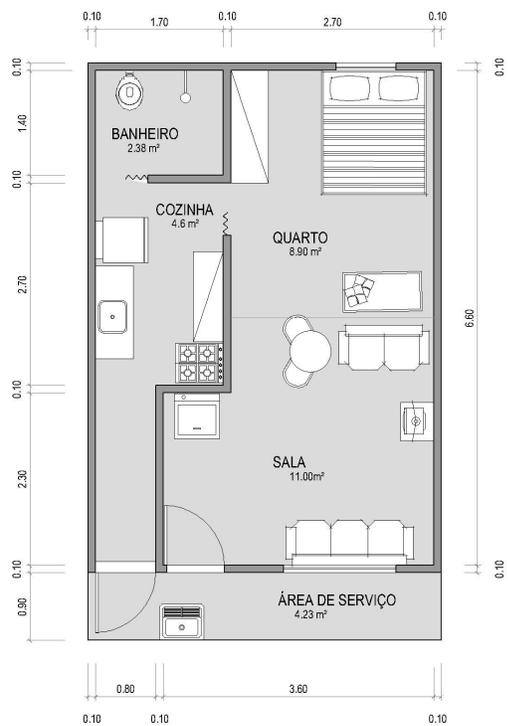
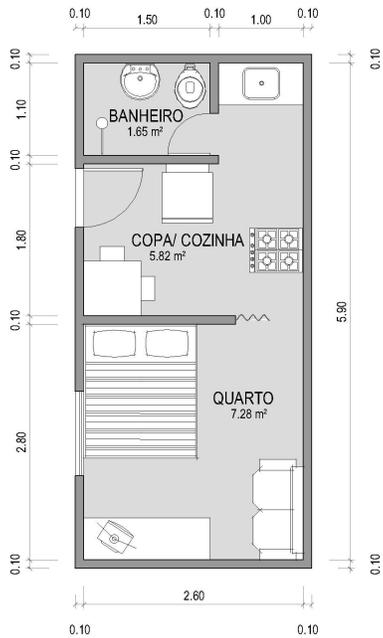
Questionário 084

Questionário 085



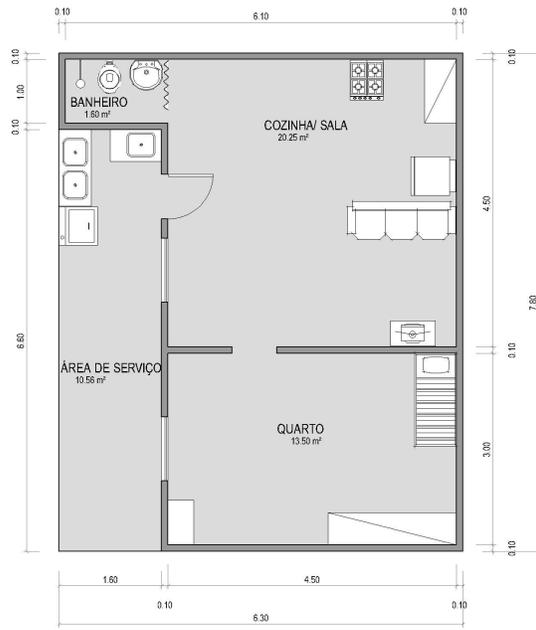
Questionário 086

Questionário 096

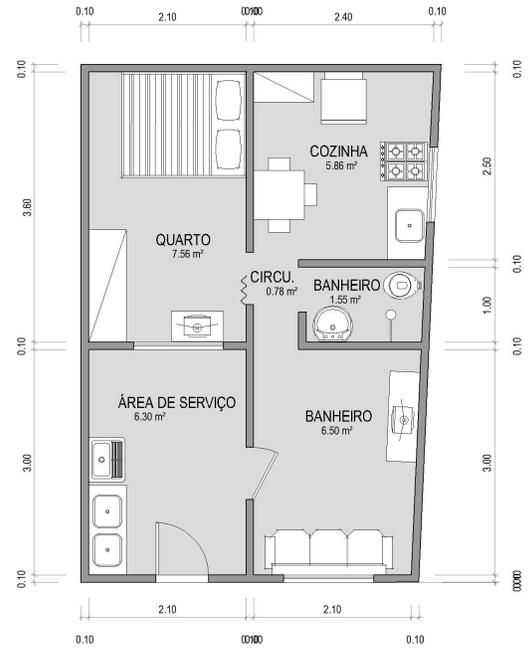


Questionário 098

Questionário 143



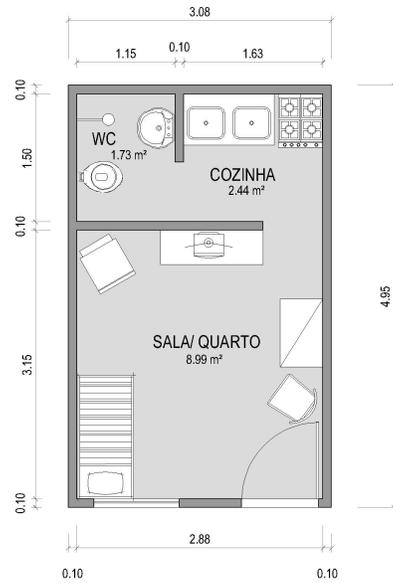
Questionário 100



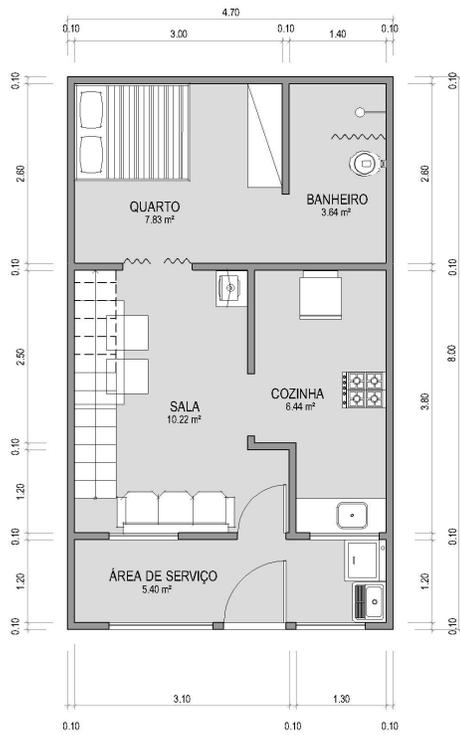
Questionário 102



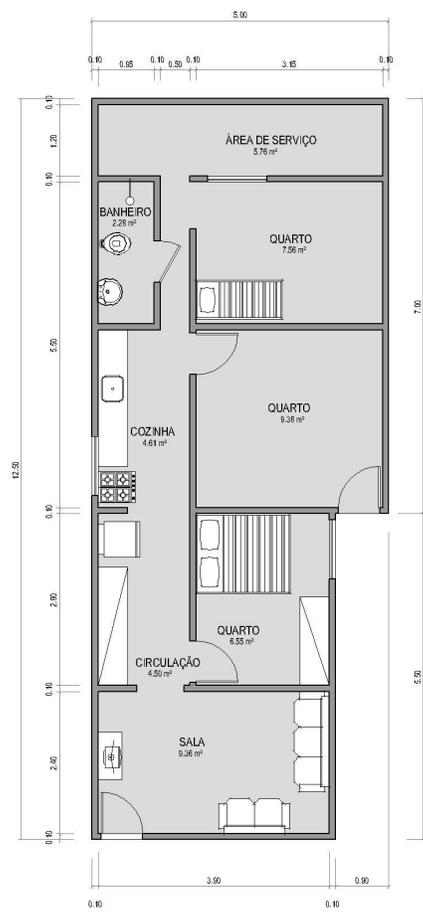
Questionário 104



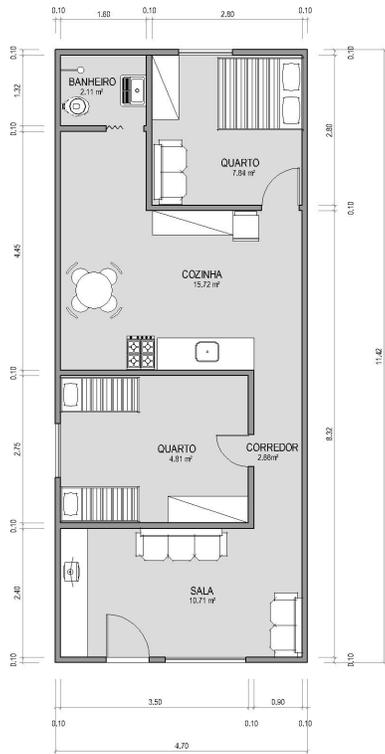
Questionário 106



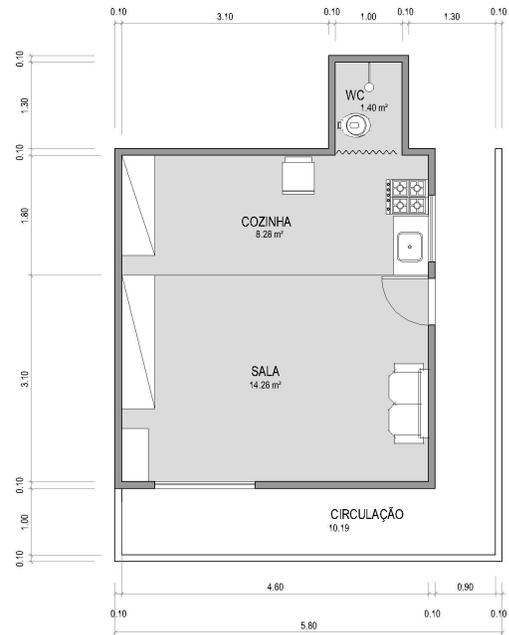
Questionário 107



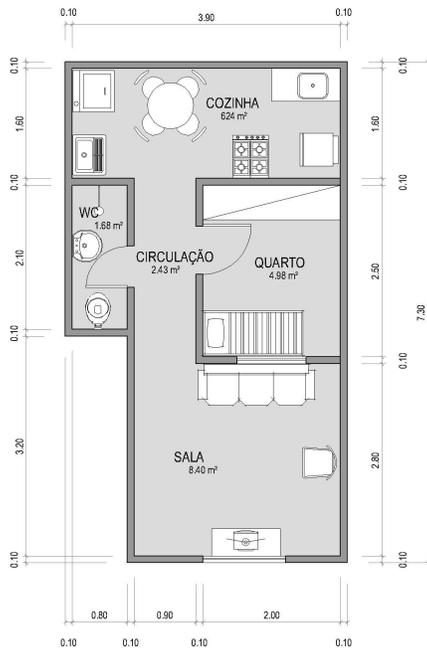
Questionário 111



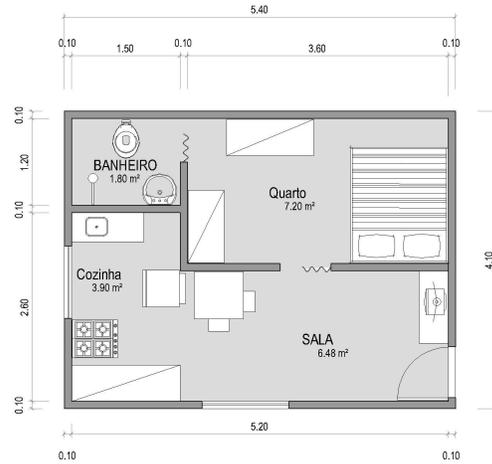
Questionário 114



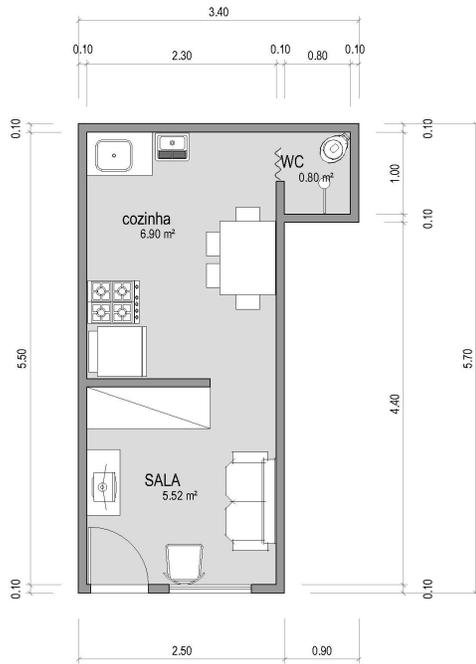
Questionário 115



Questionário 117

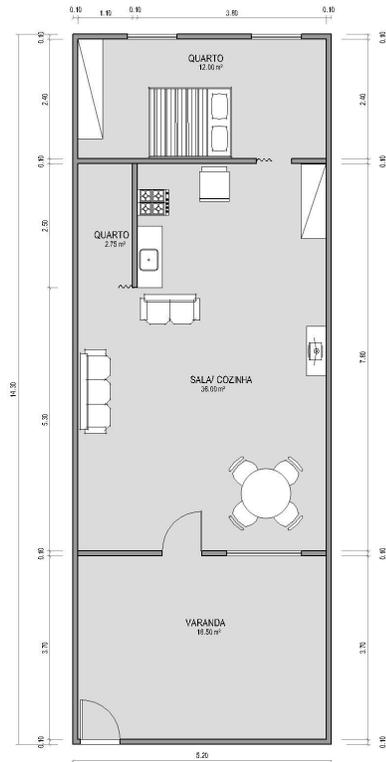
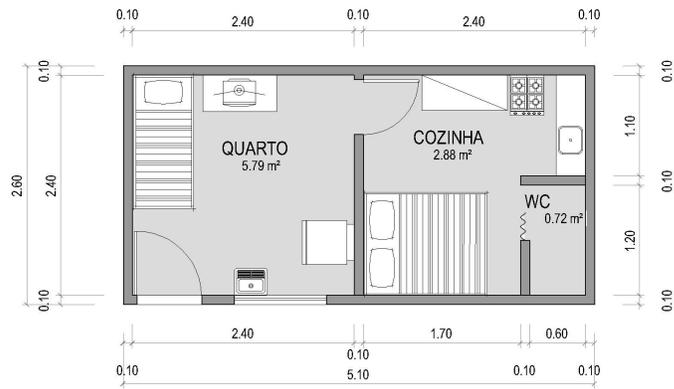


Questionário 119



Questionário 121

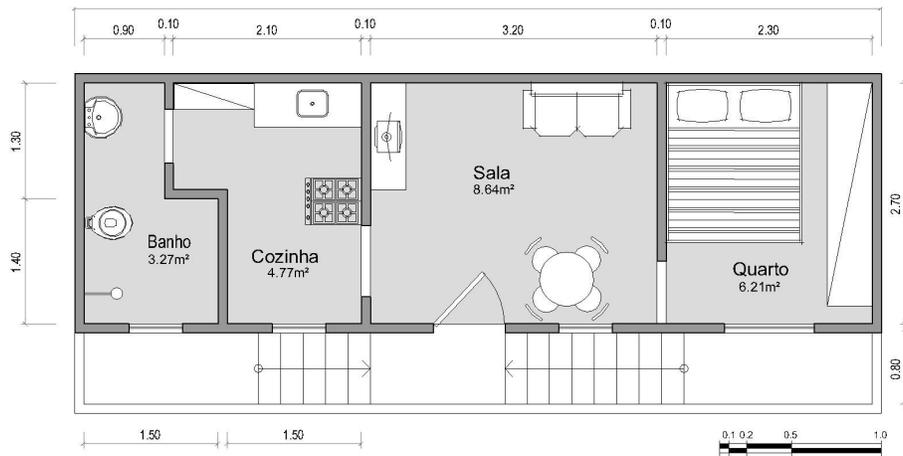
Questionário 123



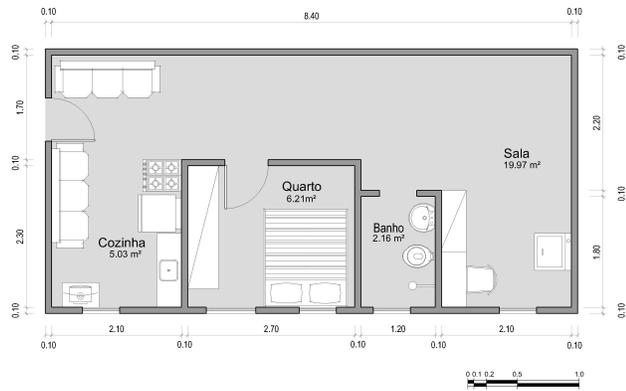
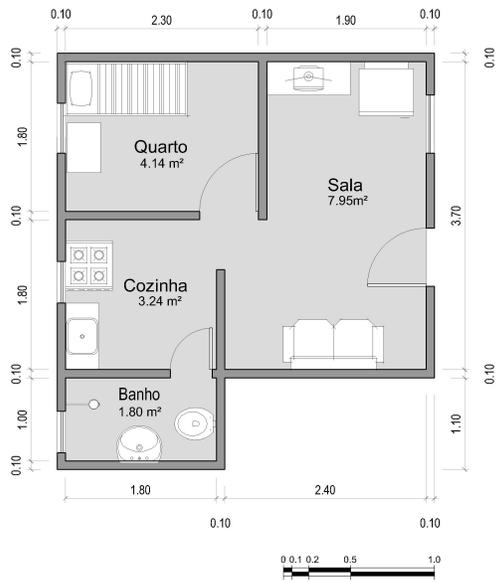
Questionário 129

Questionário 139

Plantas selecionadas de Pereira da Silva:

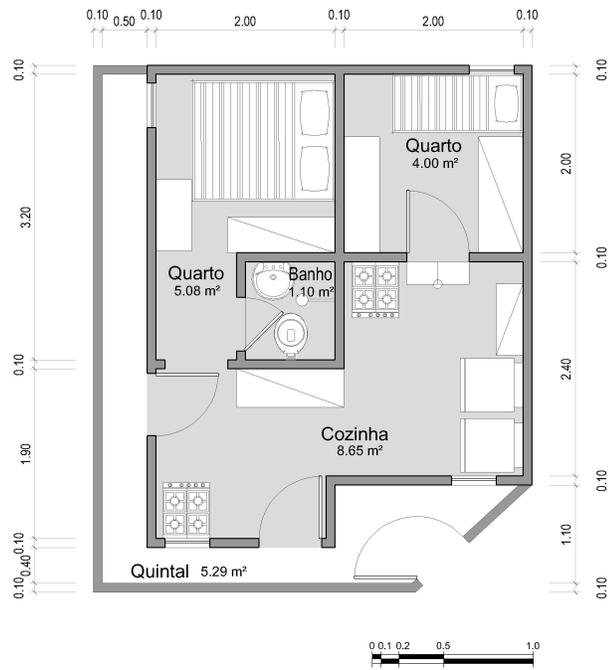
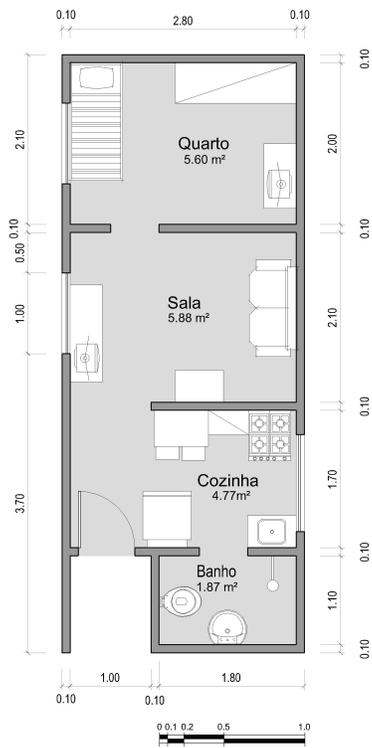


Questionário 001



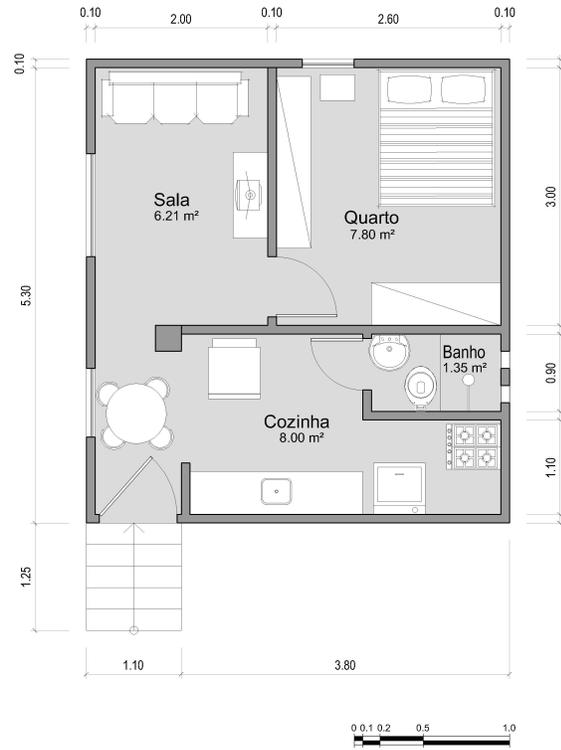
Questionário 019

Questionário 020



Questionário 025

Questionário 034

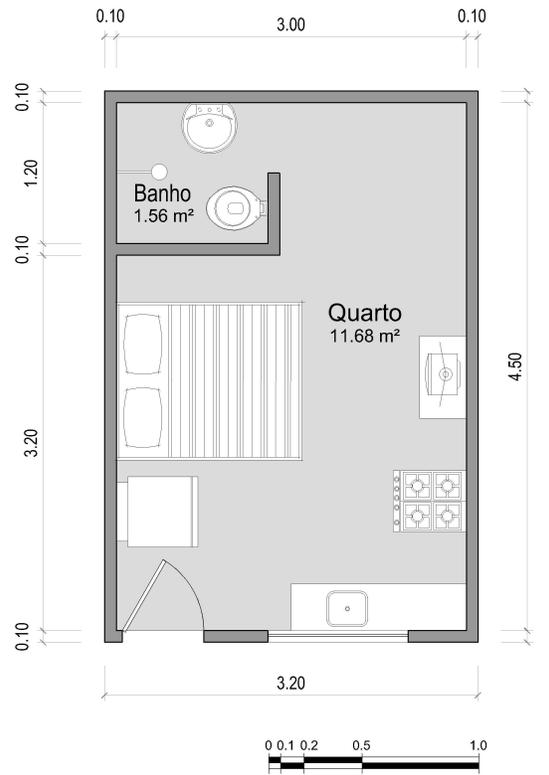


Questionário 047

Questionário 048

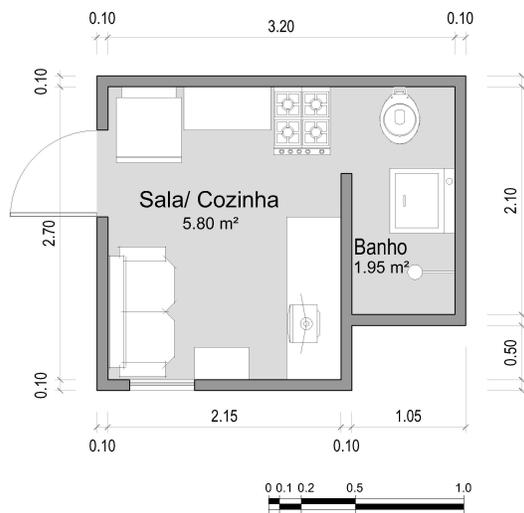


Questionário 060



Questionário 089

Questionário 090



Questionário 074

Questionário 077

